

Universidade Federal do Ceará
Lídia Valesca Bomfim Pimentel Rodrigues

VIDAS NAS RUAS, CORPOS EM PERCURSOS NO
COTIDIANO DA CIDADE

Fortaleza-Ceará
2005

Universidade Federal do Ceará

VIDAS NAS RUAS, CORPOS EM PERCURSOS NO
COTIDIANO DA CIDADE

Tese apresentada à Banca Examinadora do doutorado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, com o requisito parcial para obtenção do grau de doutor em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes

Fortaleza-Ceará
2005

Universidade Federal do Ceará
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Título da Tese: Vidas nas ruas, corpos em percursos no cotidiano da cidade.

Autora: Lídia Valesca Bomfim Pimentel Rodrigues

Defesa em: 04 de agosto de 2005

Conceito obtido:

Banca Examinadora

Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes
(Orientadora e Presidente)

Prof. Dr. Paulo Henrique Martins

Profa. Dra. Ester Barbosa

Profa. Dra Linda Maria Gondim

Profa. Dra Irllys Alencar Firmo Barreira

Minha bisavó se chamava Maria Luiza, não a conheci, mas dizia minha tia que também tinha o mesmo nome, que ela era muito parecida comigo. Minha bisavó teve oito filhos, assim como minha mãe Maria Amélia. Minha avó Maria Marques teve vinte e uma gravidez, apesar de apenas cinco filhos terem sobrevivido. São todas elas mulheres guerreiras, não tiveram medo, enfrentaram muitos dilemas e seguiram seus destinos. Dedico este trabalho às mulheres de minha família. Elas trazem no “sangue” a força, às vezes, desconhecida, de comandar a sua história.

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer, compreendo que existe uma energia superior a todos nós a qual nos filiamos. Senti diversas vezes protegida, mesmo nos momentos difíceis por essa força divina. De algum modo, todos que aqui venho agradecer particularmente, sintonizaram como uma corrente que vibra numa sintonia positiva para que as coisas boas acontecessem.

- Aos moradores de rua que se disponibilizaram a conversar comigo, sem eles não haveria informações para a escrita deste trabalho;

- À Glória Diógenes, minha orientadora e amiga glorinha, quem eu tenho profunda admiração. Ela é uma pessoa iluminada e contagia aqueles que estão por perto com o seu brilho. Com paciência e dedicação me ajudou a trilhar os caminhos da pesquisa;

- Aos meus amigos e familiares que tiveram sempre atentos em mim durante os processos vividos durante o curso de doutorado;

- As minhas filhas Hannah e Jamille e meu marido Leonardo pela paciência da espera;

- Ao meu primo e amigo Jéferson, pelo zelo e presteza com que se dedicou a revisar o meu trabalho escrito;

- Aos companheiros da Casa da Sopa, pelo espaço que sempre me oportunizaram para que eu realizasse a pesquisa de campo;

- A Mário Germano, pela ajuda na digitalização das fotos;

- A Gretha e Daniele coordenadores do curso de Direito e Administração da Faculdade Farias Brito pelo apoio dado durante a escrita do trabalho;

- As todas as mulheres que me ajudaram na vida doméstica, em especial a Gracinha minha tia e anjo bom, Dona Mazé e Niza. Elas me substituíram diversas vezes na tarefa materna.

RESUMO

Este trabalho é fruto de um estudo etnográfico sobre os moradores de rua do Centro de Fortaleza, com o objetivo de compreender os seus percursos pela cidade. O estudo partiu do corpo, concebendo-o como unidade primordial das experiências sociais. É o corpo que atravessa a cidade, carregando as marcas de uma sociabilidade tipicamente de rua. São práticas desprovidas de um poder centralizado, formulados por regras de condutas próprias, que, segundo De Certeau (1996), golpeia de forma *tática* as formas de poder instituídos e, silenciosamente, de modo invisível, constróem novas formas de viver no cotidiano. A cidade é palco no qual se desenrolam as experiências de rua. No estudo, o Centro da Cidade é compreendido como espaço agregador de vários atores sociais, é um organismo pulsante. No Centro, o morador de rua é invisível, podendo ser visto somente durante a noite, quando ocupam as marquises das lojas. Realizou-se uma descrição dos principais lugares ocupados pelos moradores de rua, compreendendo-os como territórios demarcados a partir de uma *usança* (Ferrara, 1999). Por fim, os percursos dos moradores de rua são narrados a partir de sua singularidade, mas agregados a partir da natureza do percurso seja de sobrevivência, dos delírios, da condição feminina.

ABSTRACT

This work comes from an ethnographic study of the homeless people in downtown Fortaleza. It aims at understanding their point through the city. The study's starting point is the homeless person's body, which is conceived as a prime unit of social experiences. It is their body that goes throughout the city, carrying the marks of a street sociability. The practices studied do not hawed; they are shaped by their own rules of behavior, which, according to De Certeau (1996), in a tactical way affect the institutionalized forms of power. Thus silently and invisibly, these practices build new forms of everyday life. The city is the stage where these streets are performed. In this study, downtown is understood as throbbing organism, a space that aggregates many social actors. There the homeless are invisible except at night, where they come together in front of the shops' doors. A description of the main place occupied by the homeless is presented in a way that such places are understood to be defined territories by usage (Ferrara, 1999). Lastly, the ways followed by the homeless people are narrated on the basis of their singularity, but they also are aggregated according to their nature, be it survival delirious, of female conditions.

SUMÁRIO

<u>AGRADECIMENTOS.....</u>	<u>5</u>
<u>RESUMO.....</u>	<u>7</u>
<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>10</u>
<u>Trajetórias da Pesquisa.....</u>	<u>10</u>
<u>A pesquisa, como encontro entre sujeitos.....</u>	<u>17</u>
<u>Capítulo 1.....</u>	<u>26</u>
<u>A dinâmica dos corpos na rua.....</u>	<u>26</u>
<u>1.1 O corpo “suporte”.....</u>	<u>31</u>
<u>1.2 O corpo “excessivo”.....</u>	<u>38</u>
<u>1.3 O corpo “caracol”.....</u>	<u>46</u>
<u>1.3.1 O invólucro de Naninha.....</u>	<u>52</u>
<u>1.3.2 A Casa na Rua.....</u>	<u>59</u>
<u>1.3.3 A rua na Praça.....</u>	<u>62</u>
<u>Capítulo 4.....</u>	<u>67</u>
<u>Cenas de rua.....</u>	<u>67</u>
<u>1. A casa de Maria.....</u>	<u>69</u>
<u>2. A Casa da Praça.....</u>	<u>75</u>
<u>3. A invisibilidade dos que moram na rua.....</u>	<u>80</u>
<u>4. Guardiões da noite.....</u>	<u>84</u>
<u>4. A cidade como palco.....</u>	<u>86</u>
<u>Centro da cidade, espaço das experiências.....</u>	<u>99</u>
<u>Capítulo 4.....</u>	<u>111</u>
<u>Cartografias do centro da cidade: formação de territórios na prática nômade dos moradores de rua.....</u>	<u>111</u>
<u>4.1 A Praça dos Voluntários é lugar para ver o dia passar.....</u>	<u>116</u>
<u>4.2 A Praça da Sé é um mundo.....</u>	<u>120</u>
<u>4.3 Praça José de Alencar, Praça da lagoinha, lugares de passagem, lugares de convivência.....</u>	<u>127</u>
<u>Capítulo 6.....</u>	<u>136</u>
<u>Percursos itinerantes: o que faz caminhar?.....</u>	<u>136</u>
<u>Percursos de sobrevivência.....</u>	<u>140</u>
<u>Trajeto de Cícero.....</u>	<u>141</u>
<u>O percurso de Milton.....</u>	<u>147</u>
<u>Os caminhos de Paulo.....</u>	<u>151</u>
<u>6.2 Percursos “delirantes”.....</u>	<u>154</u>
<u>6.3 Percursos femininos.....</u>	<u>166</u>
<u>Conclusão.....</u>	<u>175</u>
<u>BIBLIOGRAFIA.....</u>	<u>181</u>

INTRODUÇÃO

Trajetórias da Pesquisa

A pesquisa com os moradores de rua é uma história teve início em 1993, quando eu ainda era estudante de graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará. Quase por acaso esse tema transformou-se em objeto de pesquisa, quando fui convidada por um grupo Espírita a participar de uma entrega de sopa a moradores de rua no centro da cidade.

Com “curiosidade sociológica”, cheguei à noite do Centro com o grupo da sopa¹ tentando encontrar aquilo que nos textos marxistas eu tinha lido como *lupem proletariado*, isto é, um estrato de classe formada por miseráveis, desempregados que não encontraram vaga no mercado de trabalho e que vagavam em busca de subemprego. Mas não encontrei o que procurava. As histórias contadas pelos moradores de rua, a realidade que observei, pareciam não se enquadrar dentro desse campo teórico. Comecei a perceber que não era somente o desemprego e a pobreza que os conduzia até as ruas, mas algo mais, algo que fui descobrindo com o tempo de estudo e de observação participante. São várias razões, trata-se de um percurso, onde são rompidos os laços familiares e são constituídos outros com o universo da rua.

A imagem mais forte que encontrei no primeiro dia em que fui ao Centro da cidade foi a de um homem vestido com uma túnica preta, como um paletó. Perguntei o seu nome e o que ele fazia ali. Para o meu espanto, o homem falou em português claro, mas também em inglês e em francês. Ele olhava fixamente

¹ O grupo da sopa era formado por voluntários Espíritas que realizavam distribuição de sopa no Centro da cidade, sempre as sextas-feiras. Surgiu em 1989 na União Espírita Cearense localizada na avenida Tristão Gonçalves. Nessa distribuição de sopa vinham pessoas de vários Centros Espíritas, como também pessoas de outras religiões. A atividade iniciava-se às onze horas da noite, indo por toda a madrugada, percorrendo o Centro e outros bairros onde tinham moradores de rua pelas calçadas, marquises e viadutos.

em meus olhos e expressou-se com um tom agressivo que andou em muitos lugares do mundo, ele me parecia louco.

Outras vezes, compareci à sopa nas noites de sexta-feira, fui-me aproximando mais de alguns moradores de rua que dormiam nos mesmos lugares em que a “caravana da sopa” passava e fui registrando as suas histórias. A mulher grávida que, não tendo para onde ir, pariu dentro do terminal de ônibus; o homem que sofria de alcoolismo, morava na rua, apesar de ser aposentado; o rapaz que encheu uma garrafinha vazia de água mineral com cachaça e tomou de canudinho, chupando de uma só vez, morrendo em seguida; dentre outras histórias que ouvia durante as conversas que tive enquanto distribuía sopa.

Ao mesmo tempo em que observava a realidade nas ruas e ouvia as histórias de vida dos moradores de rua, envolvia-me com o grupo Espírita. Não consegui estar ali somente como uma pesquisadora, tornei-me adepta ao Espiritismo, concebendo-o como doutrina que é, ao mesmo tempo, filosofia, religião e ciência.

Nesse mesmo período, escrevi alguns trabalhos didáticos sobre moradores de rua em algumas disciplinas do curso de ciências sociais. Passei por várias abordagens com a finalidade de compreender os que vivem nas ruas. Sobretudo, a relação complexa entre o indivíduo, a cidade e as constantes reinvenções nos espaços.

Em todo esse tempo em que mantive contato com moradores de rua, percebi diferentes histórias, cada uma com suas peculiaridades, que hoje, nesse trabalho, prefiro não enquadrá-los em uma categoria sociológica fixa. Tendo em vista seus relatos sobre suas vidas que acontecem na dinâmica das ruas e espaços da cidade, a construção subjetiva de cada um emerge mobilizada por características de naturezas diversas, seja econômica, afetiva, social etc. Por isso, prefiro considerar os moradores de rua como protagonistas, ao invés de uma categoria tipificada imersos em um conceito explicativo que esconde as particularidades. Ao contrário, eles são personagens de uma trama, eles possuem cada um a sua história.

Por isso, tomar de empréstimo uma definição rígida de morador de rua acarretaria o “engessamento” de uma realidade complexa e diversa. Apagaria as histórias que acontecem no cotidiano, experiências particulares que se escondem nas ruas, praças e marquises da cidade. Compreendo que as histórias de vida estão na esfera do ordinário, são inscritas silenciosamente no burburinho, numa rede de relações entre os que moram na rua e outros atores que freqüentam ou trabalham nesse espaço.

Na experiência de pesquisa realizada nas ruas, o meu corpo não está desconectado de minha mente. Em minhas idas até o Centro, a cidade passa por mim, entrecruza o meu corpo, invade os meus sentidos. Comecei a perceber que eu não somente fotografava as cenas² de rua na cidade (o olhar, esse sentido essencial para os antropólogos!). Eu literalmente senti a cidade, seus cheiros, seus ritmos, suas cores e sons, numa dimensão táctil.

Em dez anos de contatos com moradores, percebo que a trajetória de pesquisa passa pela minha vida acadêmica, profissional e de cidadã. Compreendo que a pesquisa, primeiramente, abre-se nos mobilizando um interesse, como campo temático, em seguida, se conceitua como encontro, depois, como interpretação. Mesmo com a finalização do texto da pesquisa, o pesquisador, na maioria das vezes, não abandona definitivamente os sujeitos envolvidos em seu objeto de estudo. É quase inevitável o envolvimento entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador

A minha participação em atividades sociais junto a moradores contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento da pesquisa. Pude ver de perto a realidade e estabelecer um vínculo de confiança. Contudo, vários inconvenientes aconteceram, como nos casos em que foi preciso evitar encontros com alguns moradores considerados inoportunos ou perigosos. No intuito de me resguardar e não por em risco a mim e a minha família, algumas vezes, escondi-me para não ter que parar para conversar com algum deles na rua, ou mesmo próximo a minha casa, com medo que descobrissem onde moro.

² Sobre as cenas de rua abordarei em capítulo posterior.

A pesquisa de campo propriamente dita durou sete meses, de março a outubro de 2002. Nesse período, foram realizados oito relatos de vida, sendo quatro homens e três com mulheres moradoras de rua, mais outros relatos registrados nos vários momentos em que estive nas atividades da Casa da Sopa³. As entrevistas aconteceram no Parque da Criança, localizado no Centro da cidade. Escolhi o Parque da Criança por ser um lugar arborizado, limpo e seguro.

Além de entrevistas, escrevi diários de campo, resultado de minhas andanças pelo Centro. Realizei uma programação semanal, saía sempre em uma manhã e uma tarde alternadamente, de acordo com os turnos de trabalho. À noite, fui ao Centro juntamente com o grupo que distribuía sopa, outras vezes fui acompanhada com algum colega homem, no intuito de tentar garantir minha segurança. Nos diários, escrevi as descrições dos lugares, algumas falas, acontecimentos, como também as minhas sensações e sentimentos.

Mesmo tendo feito uma pesquisa de campo nos moldes de uma pesquisa antropológica, utilizei todo o conhecimento que fui acumulando durante os mais de dez anos de atuação com moradores de rua na Casa da Sopa. Na escrita do texto desta tese estão também as minhas memórias, coisas que ouvi e vi de vários moradores de rua. Esse conhecimento foi imensamente significativo também porque permitiu que eu entrasse em alguns lugares, fosse recebida sem receio. Eu sempre dizia para aqueles que não me conheciam: “sou a Lidia, estou escrevendo um trabalho sobre a vida das pessoas na rua, faço parte da Casa da Sopa...” Então a minha permanência no lugar estava liberada, como uma senha.

O diário de campo significou uma importante ferramenta para a pesquisa. Um caderninho que cabia dentro de uma bolsa, estando sempre à mão para anotar os acontecimentos, no intuito de transformá-los em texto. No ritmo da rua, os acontecimentos são fugidios, a cada dia um fato novo para ser registrado.

O inesperado rondou várias vezes o momento de pesquisa de campo. Um desses momentos aconteceu no dia em que marquei uma entrevista com um

³ A Casa da Sopa é uma instituição social sem fins lucrativos destinada ao amparo a moradores de rua, tendo como objetivos a realização de atividades sócio educativas que visam o restabelecimento dos vínculos sociais e cidadania. Nas reuniões com moradores de rua, a Casa da Sopa também lhes proporcionam alimentação, banho e roupas.

morador de rua chamado Antônio. Cheguei primeiro, sentei-me no banco do parque. Em seguida, chegou o Antônio, conversamos um pouco, em seguida, iniciei a gravação da conversa, até chegar o Ricardo, outro morador de rua. Este estava todo sujo de sangue, muito nervoso, visivelmente perturbado, com um curativo na cabeça e várias escoriações no corpo. Ele falou que havia sido agredido a pauladas enquanto dormia na Praça do Carmo.

Senti, ao mesmo tempo, medo, compaixão e preocupação em ver seu corpo banhado de suor e sangue. Antônio, que estava comigo, também ficou penalizado. Não gravei a conversa com Antônio, mas com Ricardo que me contou com detalhes tudo o que acontecera com ele no momento da agressão. Nesse dia, Ricardo não quis revelar mais nada, não me contou sobre a sua vida, pois estava visivelmente perturbado. Voltei para casa com a nítida sensação de que tinha uma grande quantidade de informação e, ao mesmo tempo, de que não tinha nada. O registro em diário de campo foi a melhor maneira de guardar esse acontecimento.

Como sou colaboradora da Casa da Sopa, aproveitei as mais variadas situações para “puxar” conversa, seja nas rodas de conversa, durante a distribuição da refeição ou como no dia em que tive que atender alguns moradores de rua que necessitavam de curativos. Nesse dia aproveitei o assunto do pé doente, e espontaneamente consegui que um morador de rua que raramente falava de si, falasse um pouco de sua história.

Como sou conhecida de vários moradores de rua, ao passar pelo centro, diversas vezes encontrei alguns deles, que me paravam e se disponibilizavam a conversar. Ainda que estivesse sem gravador no momento, mesmo assim sentava e conversava. Ao chegar à casa, escrevia as impressões e as falas que eu conseguia memorizar.

Em um desses momentos na Casa da Sopa, conversei com um rapaz chamado Flávio, cujo apelido na rua era "sangue bom". O seu apelido revelava o contrário, Flávio possui intensa liderança sobre os outros, é considerado agressivo e perigoso. Quando conversei com ele, este me contou como foi parar na rua,

sobre o relacionamento com sua mãe, e porque se sentia "revoltado com a sociedade". Ele confiou em mim, a nossa conversa não assumiu um tom formal, com delimitado, mas um desabafo, um momento intenso.

Hoje, percebo que a minha participação na Casa da Sopa foi-me dando a experiência de tornar familiar para mim a realidade dos moradores de rua, sua linguagem, seu modo de conviver com os outros, a agressividade, a gestualidade, entre outras coisas que somente podemos perceber com a convivência. Ao longo do tempo, aprendi como me aproximar e também como me distanciar. Foi necessário estabelecer os limites entre minha atuação como pesquisadora e como colaboradora da Casa da Sopa. Não foi fácil estabelecer esses limites, como se eu pudesse ser duas pessoas em uma. Talvez essas fronteiras não existam. Não nascemos antropólogos ou sociólogos, nós incorporamos essa "persona" em nosso campo de experiências e percepções. Sou socióloga e antropóloga, isso não está e nunca esteve dissociado da minha vida.

Outra etapa da pesquisa se deu através de minhas caminhadas pelas ruas a fim de registrar as intervenções dos moradores de rua em alguns espaços da cidade, principalmente, praças, esquinas e marquises. Com a ajuda de um fotógrafo, fiz o registro de imagens que chamei de "cenas de rua".

A imagem retida é carregada de sentido, possui uma escala de valores culturais, éticos, estéticos, econômicos e sociais. Desse modo, o espaço reflete significações, inicialmente, de quem o projetou, arquitetos ou urbanistas, como também de seus usuários. É o significativo uso, com práticas sociais cotidianas e rotineiras específicas que permite que esse espaço seja modificado e resignificado pelos moradores de rua. A pesquisa esteve à procura dessas resignificações.

Para além da concepção que ordena e planeja a cidade, é preciso dizer que os espaços da cidade podem ser transgredidos, isto é, há uma capacidade criativa dos usuários do espaço que projetam um novo uso, uma particular apropriação do espaço. Os moradores de rua atuam sobre os espaços da cidade e, não estão presos em "malhas repressivas", artimanhas que desfazem o planejamento urbano. São teimosos. Uma marquise, embora tenha uma utilidade

para os pedestres, pode transformar-se em cama para um morador de rua; uma praça circunstancialmente poderá ser modificada pelos seus usuários: o seu jardim ganha a utilidade de varal de roupas, o seu pátio servirá de palanque, de tablado ou de templo.

Devido à dinâmica da cidade, os espaços ocupados pelos moradores de rua poderão, em pouco tempo, estar com características diferentes, ou até mesmo terem desaparecido, como é o caso da Praça da Gentilândia, localizada no bairro da Gentilândia.

Na Praça da Gentilândia, fiz o registro fotográfico de uma espécie de “box”, um cômodo abandonado, onde moravam alguns moradores de rua. Algumas semanas após a minha ida à praça, esta foi cercada por tapumes e iniciada uma reforma. Os moradores de rua não puderam mais permanecer nesse lugar, mas a imagem foi capturada pela lente da máquina fotográfica. Um fragmento da “história ordinária” foi registrado.

O ordinário, para De Certeau (1996), está na esfera do comum, são modos de fazer que não foram privilegiados pela historiografia oficial. Desse modo, apesar de estar na esfera do comum dissolvido na multidão, o morador de rua não é uma anônimo nessa pesquisa. É um sujeito único, com uma história, um nome e um corpo.

O meu olhar de pesquisadora adentrou nos esconderijos do cotidiano, como nas cidades percorridas por Marco Polo, descritas por Calvino (1997), que percebe os desejos, os sonhos, os espelhos, a alegria, o sofrimento, a irreverência. Posso então concluir que, assim como Marco Polo, o pesquisador do cotidiano faz também uma travessia através de imagens, sons, cenas que compõe o universo estudado, realizando um encontro de universos diferentes, um encontro entre sujeitos.

A pesquisa, como encontro entre sujeitos

O objetivo do estudo consiste em compreender a vida dos moradores de rua, os trajetos realizados nos espaços da cidade, por onde andam, como modificam os espaços percorridos. Desse modo, a pesquisa encontra-se diretamente ligada ao estudo da cidade, numa perspectiva que concebe os moradores de rua como “praticantes” do espaço.

O cenário em que vivem os moradores de rua é a cidade, especificamente, os espaços das ruas. A compreensão do sentido de morar na rua passa, inevitavelmente, pelas significações dadas por quem nela habita, como também pelo modo como o pesquisador “costura” essas significações com a abordagem que ele vai desenvolver.

Por isso, o ato de realizar uma pesquisa no espaço urbano está diretamente relacionada à noção de cidade carregada pelo pesquisador. O que convencionalmente chamamos de “recorte” do objeto, articula-se à própria perspectiva que o pesquisador constrói metodológica e teoricamente sobre a cidade.

Se percebermos a cidade material como um aglomerado de construções, vias, corredores de serviços, o método adequado será o estudo técnico e seus métodos de análise, dados estatísticos, construção de gráficos etc. Podemos afirmar que o pesquisador encontra a cidade que ele construiu na sua percepção imaginária. É enfoque que este faz que dá sentido ao estudo realizado.

Compartilho com o pensamento de De Certeau (1996), quando diz que a cidade é composta de uma pluralidade de “ações táticas” diluídas em práticas cotidianas. Ações simples, como caminhar, cozinhar, habitar, falar, circular. São essas práticas que tornam a cidade o lugar por excelência da diversidade, do improvável e do impreciso. A cidade possibilita encontros entre os diversos atores

que a compõe, os transeuntes, os cidadãos comuns, os trabalhadores que ocupam os espaços das ruas, os que moram nas ruas.

A cidade também é polifônica, “narrada por um coro no qual vários itinerários musicais ou os materiais sonoros se cruzam, se encontram e se fundem obtendo harmonias mais elevadas ou dissonâncias, através de suas linhas melódicas.” (CANEVACCI, 1997 p. 15). Por isso, revela várias linguagens. Estive interessada na linguagem da rua, praticada pelos sujeitos que estão inseridos numa cultura de rua. Entendo por “cultura de rua” práticas que são desprovidas de um poder centralizado. As condutas são instituídas de dentro para fora, isto é, são os ocupantes desse espaço que formulam suas próprias regras.

A rua é movimento, há uma descontinuidade das ações. Por isso, tudo pode acontecer, o inesperado ronda a vida de quem mora na rua. Por não acreditar que existe um tempo físico, universal, eminentemente mecânico, percebi que o tempo da rua não é único, ele opera sobreposto a vários ritmos. O ritmo dos transeuntes que passam apressados; os passos dos trabalhadores do comércio que têm que seguir o horário bancário; o canto frenético dos camelôs; a paciência das prostitutas que esperam sentadas no banco da praça à chegada de um cliente; os carros apressados e o ritmo lento dos moradores de rua que andam sem rumo determinado. Nessas várias temporalidades, são tecidas as redes de relações nos espaços da rua.

Os moradores de rua são sujeitos nômades, percorrem vários espaços da cidade. Tendo com ponto fixo, comumente, o lugar onde dorme, parte dele para outros espaços, principalmente, aqueles localizados no centro da cidade e nos bairros adjacentes. É o nomadismo do morador de rua que faz dele um ator invisível na cidade.

A “invisibilidade” é uma das suas principais características. Eles aparecem e desaparecem. Num dia, ocupam uma praça, no outro, uma marquise. Em determinadas horas do dia, estão em um lugar, à noite, estão em outro. Comumente, fazem asseio em torneiras públicas, em rios e lagoas da cidade.

Também freqüentam restaurantes populares e locais de distribuição de comida, os transeuntes cruzam com eles, mas não os percebem.

É como se pertencessem a uma “cidade invisível” (CALVINO, 1997) subterrânea, onde as leis são impostas por quem manda no pedaço; onde é possível comer no chão; dormir sob papelões; andar sempre a pé; não trabalhar, mas ter garantia de alimentação diária; poder passar dias sem tomar banho; divertir-se em rodas de cachaça; fazer sexo no banco da praça ou embaixo dos papelões; caminhar um dia inteiro sem ter o que fazer.

Essa cidade invisível e subterrânea não é vista pelo simples passante, mas, quando menos se espera, um morador de rua aparece em algum lugar, impondo-se como diferença. Assim como o personagem Pingüim do filme “Batmam o retorno” que emerge dos esgotos onde vive para aterrorizar Gotham City, como nos coloca Leão (1993), propõe uma inversão da ordem estabelecida, ditando a sua própria lei. “Ele é emissário do mundo subterrâneo, desconforme à compartimentalização da norma, aberração genética [...] possui uma conduta transgressora, nega a normatividade referenciando-se nela.” (LEÃO, 1993, p. 234-235)

De modo semelhante, os que moram na rua perdem a sua “invisibilidade” quando teimam em aparecer com os seus utensílios, sua vestimenta, com o seu corpo mal cheiroso e desalinhado em lugares não designados para eles. São notados por criar situações de transgressão, principalmente, se ocuparem marquises de instituições financeiras⁴, locais reservados para uma determinada classe social, como os *shopping centers*, supermercados, aeroportos. Quando não são barrados nesses lugares, causam incômodo entre os passantes.

Fazer uma etnografia dos espaços vividos e percorridos pelos moradores de rua me fez adentrar “no subterrâneo”, fez-me encontrar com suas significações e sua dinâmica cotidiana. Foi uma imersão no universo da rua, um encontro com a cidade por dentro, pelo seu avesso.

⁴ Como no caso de um banco em São Paulo que implantou um sistema de gotejamento de água em torno de sua marquise para impedir que pessoas dormissem embaixo.

Segui trilhas e percursos, como nos diz Magnani (2002), foi um olhar “de dentro e de perto”. Esse autor classifica esse modo de pesquisar na cidade como “passagem”. “Essa modalidade consiste em percorrer a cidade, seus segmentos e personagens típicos com seus hábitos, conflitos e expedientes, deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz”. (MAGNANI, 2002, p.18).

O pesquisador deve estar preparado para uma nova descoberta. Algumas pesquisas que se colocam, “de longe”, chegam no momento do trabalho de campo, tentando encaixar os conceitos e categorias já estabelecidas. Essas pesquisas estão interessadas em explicar, retirando daquele momento, respostas as suas indagações. A pesquisa etnográfica, ao contrário, inverte essa questão. Os acontecimentos é que fornecem elementos para a construção teórica, como também a novas interrogações. Como nos diz Geertz (1989, p. 29),

O etnógrafo “inscreve” o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente.

O fazer etnográfico não se reduz a uma técnica nem se confunde a ela, para Magnani (2002, p. 17): “Ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é a obsessão pelo detalhe que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos arranjar-se num todo que oferece pistas para um novo entendimento”.

Posso dizer que os há afetos e memórias nos trajetos. Comecei a “procurar” os vestígios dos moradores de rua, refazendo caminhos costumeiros. Percorri o Centro, espaço conhecido por mim desde quando era adolescente, quando saía do colégio em que estudava na Avenida do Imperador até o ponto de ônibus na praça José de Alencar. Quando adolescente, saía encontrando amigos, repleta de pura astúcia, olhava vitrines, desejava coisas. Parava na Praça José de

Alencar para conversar com as pessoas, fazia amizade com o trocador de ônibus, um universo de afetos.

Desse modo, não foi difícil reencontrar o “popular” e, agora, inserir sobre ele um olhar sociológico. É Durham (1997, p. 26), que diz que “[...] a pesquisa que se faz na cidade, dentro de um universo cultural comum ao investigador e ao objeto de pesquisa, a participação é antes subjetiva do que objetiva”.

Acho que sempre tive uma certa atração que me lança na busca do entendimento dos sujeitos populares, bem como os considerados “excluídos” ou “marginalizados”. Talvez, essa atração esteja associada à aventura das descobertas e aos encontros que a pesquisa na cidade proporciona para a vida do pesquisador como um todo. Agir com simplicidade, sentar no banco da Praça ou chão forrado apenas por um papelão, fazer perguntas aparentemente tolas, poder pagar um cigarro, um café, um picolé enquanto se conversa.

O pesquisador na (da) cidade entra em contato com outras urbanidades. Defronta-se com os seus medos, interesses, sentimento por um ou outro lugar. Desse modo, é necessária uma abertura para encontrar as diferenças, um “estranhamento”, um desenraizamento, a fim de perceber as peculiaridades e detalhes de lugares inóspitos da cidade em que vive.

Para identificar esses “movimentos quase invisíveis” no interior da cidade, é necessário não somente se apropriar de “ferramentas metodológicas” adequadas, mas, principalmente, ter uma atitude de pesquisa onde os sentidos atuem. É preciso ver com os olhos de quem procura indícios, lendo pistas mudas (GINZBURG, 1990), como um investigador que “fareja” pistas a fim de tecer a trama. Nesse sentido, chego à conclusão de que não é somente o olhar que se torna o sentido por excelência do antropólogo urbano, mas todo o seu corpo atua para a realização da pesquisa.

A pesquisa captou registros dos trajetos realizados pelos moradores de rua durante suas andanças pela cidade e as interferências destes na paisagem urbana. O olhar “congelou” as imagens, retidas no momento em que o

pesquisador “flagrou” o acontecimento. Como no ambiente urbano as imagens são efêmeras, podendo, no dia seguinte, não existir mais naquele lugar específico, emergindo em outro lugar, o desafio maior da pesquisa foi garantir o registro dos acontecimentos.

Para uma pesquisa dessa natureza, andei pela cidade a fim de registrar os “rastros”, procurar indícios da passagem de morador de rua pelos espaços. Durante a caminhada, os sentidos registram e interpretam os “signos indiciais” (FERRARA, 1999) que levarão o pesquisador, primeiramente, a ler e, posteriormente, a escrever uma narrativa.

No processo de pesquisa, foram realizados entrevistas e relatos de vidas com moradores de rua. Essas narrativas contadas por atores anônimos nos falam de uma história ordinária da cidade, acontecimentos inusitados que nos falam de violência, de sobrevivência, de amores e de rupturas.

A inspiração para a realização da pesquisa na cidade veio de Benjamin (1987). Para ler a cidade síntese do século XIX, esse pensador moderno, dentro do seu conhecido método de operar por montagem e colagem de expressões, cria a figura emblemática de “flâneur”, que se transformou no próprio ícone da cidade moderna (FERRARA, 2000).

Como coloca a autora, o “flâneur” procurava encontrar o singular em plena multidão:

[...] Ele está a procura do homem perdido na multidão que se deixa descobrir pelos traços , índices, marcas do vivido; a interpretação que se procura fazer do indivíduo é uma leitura dos índices existenciais, é uma observação atenta do que parece imperceptível; procura-se a diferença na similitude das fisionomias que ainda parecem distintas e próprias [...] (FERRARA, 2000, p. 83).

O olhar que percorre as ruas e seus vários lugares capta as imagens de modo desordenado e fragmentado no conjunto da cidade. No caos do não-verbal, ao leitor (que é o pesquisador) é dado um papel de produtor, co-criador das imagens, ordenando-as e selecionando-as a fim de realizar a interpretação propriamente dita (FERRARA, 1988).

Tenho como referencia a ciência interpretativa, que oferece um campo de entendimento da realidade que é histórico, social, ao mesmo tempo subjetiva, tentando compreender e descrever. Japiassu (1982) coloca que “compreender não é explicar, mas conhecer intuitivamente por uma participação vivida”.

Nessa mesma perspectiva, Geertz (1989) afirma que, numa ciência interpretativa, a teoria funciona como forma de “inscrição” (descrição densa) e a “especificação” (diagnose), permitindo retirar de pequenas realidades locais ampla interpretação. “O antropólogo aborda caracteristicamente tais interpretações mais amplas e análises mais abstratas a partir de um conhecimento muito extensivo de assuntos extremamente pequenos” (GEERTZ, 1989 p. 31).

Um “paradigma inquieto” (CANEVACCI, 1997) me mobilizou desde a pesquisa na Praça José de Alencar acontecida em 1995-1998. Estar na cidade, viver a cidade com todos os sentidos atuando ao mesmo tempo. Essas experiências determinantes para a realização de uma pesquisa em que o pesquisador se expõe, vai às ruas, sai à noite, conversa com pessoas consideradas “perigosas”.

Foi a minha experiência de investigação anterior na Praça José de Alencar, quando escrevi a dissertação de mestrado, que me deu as condições necessárias para pensar a pesquisa com moradores de rua. A minha inserção na Praça José de Alencar proporcionou um encontro com sujeitos que tinham um modo de apropriação da cidade diferenciada dos modelos convencionais: artistas populares, vendedores ambulantes, palhaços, cantores, prostitutas, pregadores, entre outros. Esses atores sociais não realizam uma apropriação política, convencional, mas, antes, práticas cotidianas que instituem uma cultura popular.

O termo cultura popular no sentido usado por De Certeau (1996), é a arte de desfazer o jogo, são astúcias e manobras que transformam a realidade. Pura criação dos sujeitos anônimos que fazem da cidade seu laboratório.

Foi observando as praças que compreendi que as pessoas que usam esses espaços realizam um trajeto, deslocam-se de seus bairros na periferia da cidade para o Centro.

Os personagens da praça José de Alencar fazem dos espaços centrais um lugar vivo e alegre; através de suas pelejas realizam um trajeto que cruzam vários bairros, desde a periferia da cidade até o centro [...] nesses trajetos saem rompendo as barreiras territoriais, eles realizam e subvertem a lógica do disciplinamento urbano. (PIMENTEL, 2002, p. 120)

O “olhar circular” de dentro do ônibus, experiência aprendida com as aulas de Geografia no início de minha vida acadêmica, foi o primeiro passo. De dentro do ônibus, através de suas janelas, o olhar enquadrava as imagens, transformando-as em narrativas. Na fotografia, de modo semelhante, o pesquisador enquadra na lente da máquina fotográfica as imagens, para transformá-las em texto.

Através de imagens congeladas pela máquina fotográfica, o meu olhar registrou o efêmero, cenas que modificam o ambiente urbano: restos de mobília, papelões, roupas velhas, construções com restos de material, restos de madeira etc. O “olhar circular” priorizou espaços da região central de Fortaleza e seus bairros adjacentes.

Ao percorrer o caminho do centro da cidade, registrando os acontecimentos e as cenas de rua, percebi que estava perdida dentro daquilo que De Certeau (1996) chamou de miríades de movimentos. Tudo acontecendo ao mesmo tempo, imagens, ações e a polifonia caótica. O que recortar e registrar? Sem pânico, fui percebendo que se perder é necessário para acontecer encontros no curso da pesquisa. Quando tudo parece bem definidinho, arrumadinho, novas questões aparecem, “desordenando” o processo. Nesse sentido, posso concluir que, o momento do “campo de pesquisa” nos abre outras visões, novos rumos a serem seguidos.

Finalizada a fase de pesquisa, todas as energias se voltam para a escrita da tese. Todo o material coletado durante a pesquisa, as falas, as imagens, as leituras teóricas e de outras pesquisas se condensam num texto. Escrever uma tese não é fácil, é uma tarefa que se assemelha à prática de um artesão, que diariamente constrói seu bordado. Na tarefa de tecer o texto, articulam-se várias

narrativas: a dos sujeitos envolvidos na pesquisa, a dos pensadores que escreveram um pensamento sobre o assunto e a do pesquisador. Nessa prática, dão-se pontos e arremates na “linha que costura” tudo, desde o primeiro ao último capítulo.

Partindo da perspectiva de que o texto é uma articulação de narrativas, o primeiro capítulo trata dos corpos, de sua aparição e ações subjetiva nas entranhas da cidade. De modo metafórico, nomeei as diferentes formas de intervir e de viver nos espaços. No segundo capítulo, a cidade se coloca como cenário das experiências, na tentativa de compreensão da relação dos moradores com o espaço urbano. O terceiro capítulo é complementar ao segundo, nele tento fazer uma cartografia dos espaços ocupados pelos moradores de rua, especificamente no Centro de Fortaleza, descrevendo cada um. No quarto capítulo, descrevo os percursos dos moradores de rua pela cidade, tentando entender a característica nômade daqueles que caminham pelos mais diversos bairros e lugares.

Capítulo 1

A dinâmica dos corpos na rua

Para iniciar a tecer considerações sobre a experiência de morar na rua, decidi não fazer grandes considerações sobre o contexto sócio-econômico em que vivem os moradores de rua, mas começar pelo que há de mais concreto no ser humano, o que garantiu o contato entre mim e suas narrativas – o seu corpo. O corpo é, portanto, o suporte das histórias. As histórias começam com a própria existência do morador de rua no espaço da rua. Inicialmente, é a posição do seu corpo no espaço que o identifica como morador de rua, em seguida, as relações e as sociabilidades desenvolvidas na rua e a partir da rua.

Ribamar tem 47 anos, é morador de rua desde os 12 anos de idade. Sua pele é morena, tem olhos fundos, aparência cansada, sofre de bronquite crônica, já teve tuberculose. Seus passos são lentos, o corpo é ligeiramente encurvado, sua fala é mansa. Apesar de aparentar um corpo doente e esguio, já foi considerado o mais rebelde menino de rua do seu tempo.⁵

A ruptura com a família iniciou-se quando sua mãe morreu. Ribamar não tinha ainda completado dois anos de idade. Seu pai casou-se novamente e Ribamar e seus irmãos ficaram aos cuidados de sua avó. Na casa da avó, os conflitos com outros membros da família, tios, filhos de sua avó foram inevitáveis. Aos nove anos, Ribamar decidiu não permanecer em casa. Tentou conviver com seu pai, mas se sentiu rejeitado, fugiu da casa do pai. Permaneceu por um tempo no internato “Santo Antônio do Buraco”⁶ que, na década de 1960, ainda encontrava-se em funcionamento. De lá ele também fugiu. Aos doze anos acabou

⁵ A entrevista com Ribamar foi realizada em março de 2002, em dezembro de 2003 quando retornei a Praça onde ele vivia tive a notícia que ele havia morrido. Seu falecimento aconteceu em outubro de 2003. A insuficiência respiratória que o acometia, associada a outros problemas, inclusive a insalubridade das ruas foi a causa de sua morte. No dia da entrevista, percebi que Ribamar intuía que não viveria por muito tempo, já não possuía brilho nos olhos, havia pouca energia em seu corpo.

⁶ Santo Antônio do Buraco é o nome popular do internato Santo Antônio do Pitaguary. Nesse internato, as crianças pobres órfãs, assim como aquelas consideradas rebeldes podiam ser educadas. A rigidez disciplinar era característica dessa instituição que esteve aberta até o ano de ????.

indo parar no centro da cidade. Desde que foi morar no Centro, nunca mais voltou para casa de seus familiares.

O dia em “decidiu” que ficaria no centro é emblemático, foi num dia da parada de sete de setembro:

Eu vim para a rua no dia que eu fui para a parada de sete de setembro. Eu vim com outros meninos da minha escola, meu irmão também veio. Nesse tempo, o desfile era na Duque de Caxias. Ia aquele bando de menino. O ônibus era da empresa... Não me lembro o nome, mas era caindo os pedaços, Os meninos voltaram no ônibus, eu não voltei, fiquei na rua. (Ribamar, 47 anos)

Ribamar teve uma breve experiência de convívio em uma casa, quando encontrou uma namorada aos 17 anos, uma mulher mais velha que ele, que trabalhava como prostituta na Praça dos Leões, mas o relacionamento não deu certo, Ribamar voltou à rua. Durante toda a sua adolescência, praticou furtos no centro, foi considerado perigoso, pelos inúmeros arrombamentos a lojas que realizou. Ele não tem idéia de quantas vezes foi preso nas instituições destinadas a crianças e adolescentes que cometiam infrações, principalmente, durante as décadas de 1960 e 1970. Segundo ele, era-se preso somente pela fama que se levava. Nesse período, a disciplina era muito rígida, apanhava-se, levava-se empurrões e ainda se era obrigado a realizar serviços diversos, como a limpeza do banheiro do lugar, varrer o chão, fazer favores para os funcionários, como comprar cigarros.

Quando se tornou adulto, cometeu um homicídio. Foi para o presídio, onde cumpriu quatro anos de pena. Hoje cumpre o resto da pena em regime aberto. Foi no presídio que Ribamar contraiu tuberculose. Ele mesmo diz: “estou aposentado do tempo”. Não possui expectativa em relação ao futuro, passando a idéia de que já viveu muito, podendo agora desfrutar o direito de morrer.

Seu corpo é marcado por tatuagens desbotadas. Nelas estão desenhadas, de forma pouco nítida, um dragão, as iniciais de um nome de mulher e uma caveira. Ele mostra o braço, e diz: “Tá vendo isso, tudo se acaba, até pele

de pobre, de rico, tudo vira pó”. Ao falar, Ribamar tenta tomar ar, como se este lhe fugisse dos pulmões. Mesmo assim, tirou do bolso um cigarro já amassado e acendeu. Não percebi a marca, mas parecia de qualidade inferior, tinha um cheiro forte, uma fumaça espessa. Ele perguntou se eu me incomodava com o fato de ele fumar, eu disse que sim, então ele jogou o cigarro no chão e pisou sobre ele.

Pelo seu hálito, pude perceber que Ribamar fez uso de bebida. Apesar de ter 47 anos, seu corpo parece envelhecido. A sua alimentação vai depender de quanto consegue ganhar por dia, ou se conseguir alguma doação.

Ribamar passa todo o dia na Praça dos Voluntários, trabalha quando aparece algum serviço de engraxate. Ele não possui uma cadeira de engraxate, mas auxilia a outro, dividindo os serviços com este.

Fico sentado, não boto força, fico só reparando a cadeira, fico o dia conversando com o cara que diz: rapaz, um cara que nem tu, era para ser dono de uma cadeira dessas, tu não tem mais saúde, documento pra tu não vale nada, não pode se aposentar porque nunca trabalhou para os outros, afinal de contas, se ficar do jeito que tu está é só morrer por aí mesmo [...]

O “cara” que falou para Ribamar arranjar uma cadeira tinha razão, ele morreu sem dar aviso a ninguém. Quase por encantamento, sumiu da Praça. Um rapaz chamado Assis, que trabalhava vigiando os carros dos funcionários da Secretaria de Segurança Pública, deu-me a notícia de que ele acordou morto, já o companheiro de cadeira de engraxate de Ribamar diz que ele passou mal e foi tentar uma consulta na Santa Casa e não voltou.

A história de vida de Ribamar esteve marcada pela experiência da rua. Em sua narrativa fica nítido que se tornar morador de rua foi um processo que durou praticamente toda a sua vida. As várias rupturas, inicialmente, com a família, depois com o casamento, com o trabalho, foram dando ao seu corpo uma aparência própria de quem mora na rua: uma pele queimada do sol, áspera, cabelos desalinhados e grossos de sujo, pés calejados e rachados. O cheiro é

bastante característico de quem mora de rua, uma mistura de suor, sujeira e cachaça.

Os pés de quem mora na rua são muito significativos, eles são a sua condução por excelência, é caminhando que o morador de rua sobrevive na cidade. A permanente “privatização” de espaços públicos pelos moradores de rua não indica constância e fixidez, ao contrário, quem mora na rua está sempre andando de um lugar a outro. Diz De Certeau (1996) que a viagem, assim como a caminhada, produz, por uma espécie de inversão, uma exploração de desertos, provoca exílio e desenraizamento. Assim como o ato de inventar lendas, o caminhante reinventa os espaços, dando novas significações a estes.

Nesse sentido, alinhavo mais um ponto de enunciação: a rua fornece as significações para a construção subjetiva do morador de rua. Isto é, a imagem corpórea do morador de rua é dada pela sociabilidade construída nas ruas, a partir de elementos da própria rua, como a cachaça, os restos de materiais diversos deixados pelos passantes, a exposição ao sol. Ao mesmo tempo, os corpos dos ocupantes das ruas fazem parte do cenário da rua.

A vida do morador de rua é marcada por uma subjetividade, cada experiência vivida demarca a sua passagem no tempo e no espaço. Por onde andar, o que fazer, a sua gestualidade está inticada com o espaço, fruto da relação individual e coletiva. São as experiências e usos que criam e fornecem significações ao corpo.

Para Le Breton (1990), “o corpo é o coração da ação individual ou coletiva, o cerne do simbolismo social, o corpo é um catalizador de grande capacidade do presente”. O corpo é suporte e fronteira do indivíduo, é através do corpo que as diferenças são demarcadas, as experiências da cultura e das redes de sociabilidades se manifestam.

Desse modo, cada sociedade, no interior de sua visão de mundo, expressa uma concepção de corpo. Sociedades tradicionais, modernas, indígenas delinearam uma imagem de corpo diferenciada. As sociedades tradicionais não distinguem o corpo do indivíduo, que é constituído da mesma matéria que compõe

o universo. Já nas sociedades ocidentais e modernas, a cisão entre o corpo e o indivíduo provocou uma ruptura do sujeito com os outros (LE BRETON, 1990). Essa atomização do indivíduo faz do seu corpo apenas uma ferramenta para a manutenção de sua existência, relegando a morte, a doença, a velhice como acontecimentos humanos.

A visão moderna do corpo foi influenciada pelo pensamento racional cartesiano, pelo desenvolvimento da Medicina Legal. Nessa concepção, o corpo moderno é pensado como estrutura de órgãos, uma máquina perfeitamente organizada. Cabe salientar que a organização e disciplina dos corpos eram estendidas ao disciplinamento dos espaços e do tempo.

O corpo do morador de rua não se adequa ao padrão higienista moderno. O modelo higienista tentou disciplinar a pobreza, excluindo-a do espaço urbano. Os mendigos foram afastados das ruas, para eles, são criados os abrigos e manicômios. Os esforços dos arquitetos, dos médicos e sanitaristas foram mobilizados para a tentativa de disciplinamento e a higienização do espaço e do corpo. Como nos diz Geremek (1995, p. 28),

Na metade do século XVII, a monarquia francesa adota contra os vagabundos severas medidas, que incluem a repressão policial e a grande reclusão dos pobres no Hôpital General, o asilo central onde seriam colocados todos os mendigos e vagabundos de Paris; a solução devia ser logo aplicada em outras cidades da França.

Se a disciplina fabrica corpos submissos, aumentando ou diminuindo a força do corpo, tanto em termos econômicos, tendo em vista a produção, como também em termos políticos, relegando-o a obediência. O corpo máquina é, ao mesmo tempo, dócil, útil e inteligível que pode ser analisável e adestrado. Foucault (1986) chama esse processo de “disciplina”, que, nos séculos XVIII e XIV, tornaram-se fórmulas gerais de dominação. Diferentemente da escravidão, da domesticação, da vassalização e do ascetismo e das disciplinas monásticas, os métodos disciplinares visam ao aumento da utilidade dos corpos transformando-os em aptidão, retirando o poder que o corpo possui (FOUCAULT, 1986).

Mas o corpo e os gestos dos moradores de rua são caracterizados pelo não disciplinamento civilizatório instituído pelo racionalismo moderno. Além de muitas vezes se recusar ao trabalho formal, preferindo a mendicância ou auxílio de instituições assistenciais, o morador de rua inverte o padrão de higiene concebido como normal. Fazer as necessidades fisiológicas no chão ou na areia da praia, fazer sexo entre papelões, comer com as mãos, não tomar banho etc. são práticas comuns entre os moram na rua.

Assim, o corpo articula construções imagéticas, configurando as suas inscrições nos significados sócio-culturais da rua, como um *modus operandi* de uma conduta própria. Na tentativa de relacionar as diversas práticas dos moradores de rua nos espaços, sendo o corpo depositário dessas práticas, descrevo, metaforicamente, três “tipos de corpos”: o corpo suporte, o corpo dissolvente e o corpo caracol.

1.1 O corpo “suporte”

O suporte segundo o dicionário Aurélio, é aquilo que suporta ou sustenta alguma coisa. Um cabide, por exemplo, é um suporte que guarda as coisas das pessoas. O corpo de quem mora na rua pode ser como suporte, que carrega literalmente os seus pertences, seus objetos de trabalho, seus bens como roupas e documentos.

Alçado no corpo do morador de rua está o mocó, uma espécie de saco ou sacola confeccionada de tecido ou de saco de açúcar ou de farinha vazios. O morador de rua carrega tudo o que lhe pertence no mocó, ele é o objeto por excelência do morador de rua. É a bolsa onde se carregam os utensílios: fotografias, carteira de identidade, certidão de nascimento, colher, roupas etc. O mocó se adapta ao morador de rua, é parte integrada de seu corpo.

O mocó é muito utilizado também entre os mendigos que esmolam pelas ruas. É no mocó que ele guarda o que consegue arrecadar. O mendigo velho que carrega um mocó também é figura pitoresca do imaginário infantil no nordeste, conhecido como o “velho do saco”. Esse personagem aparece nas histórias quando o adulto deseja fazer medo às crianças: “o velho do saco passa na rua e carrega as crianças”.

Sejam dependurados num mocó ou fixados em seu próprio corpo, os bens dos moradores de rua estão circunscritos ao seu corpo: suas roupas, chinelos, documentos, objetos, utensílios como colheres, copos, etc., inclusive os alimentos, tudo é carregado consigo. Esses são elementos de sua identidade.

Como a condição dos moradores de rua é a de passante e não a de residente, tudo o que lhes pertence é móvel, está circunscrito ao próprio corpo. Ao contrário da casa, onde cada objeto guardado retém memória, na rua, a memória não possui um *locus* delimitado no espaço. Ao contrário, a memória se transmite através de outra morada: o corpo passante.

Se toda memória é topográfica, isto é, encontra-se dentro de uma construção física ou imaginária de um espaço, o corpo assume um duplo: ele é o lugar orgânico, do biológico e se constitui em espaço, onde se condensam as experiências do sujeito morador de rua. Isso produz uma inusitada relação espaço-tempo-memória.

A possibilidade de perder os poucos bens é sempre uma constante em suas vidas. Comumente, os objetos são roubados por outros moradores de rua ou perdidos em suas andanças pela cidade, por isso é mais comum vê-los sem objeto algum, somente com a roupa do corpo. Por sua vez, a impossibilidade de lavar as roupas as transforma em peças descartáveis.

Na Praça José de Alencar, Rita, que mora na própria praça, guarda num banco uma caixa de papelão com tudo o que tem, algumas roupas, jornais velhos, restos de madeira. Rita veste todas as roupas de uma só vez, duas camisetas, uma saia, um calção por baixo da saia, como um modo de garantir a segurança de seus pertences.

O ato de guardar os objetos, ação simples de quem mora no espaço da casa, na rua constitui um problema. Há um certo desapego aos “bens”, os moradores de rua trocam, vendem, perdem ou deixam pelo caminho, em suas andanças, os pertences que adquirem. Mas também suas coisas são entregues a pessoas conhecidas e de sua confiança, trabalhadores do centro da cidade, donos de barracas de revistas, vigilantes de estacionamento de carros ou guardas noturnos, como também a instituições e ONG’S que desenvolvem trabalhos sociais.

No centro da cidade, existe uma rede de solidariedade entre donos de estacionamentos, bancas de jornal e ambulantes que permitem que os moradores guardem seus pertences nesses locais. Em troca, os moradores prestam-lhes pequenos favores, como fazer a limpeza do local, carregar objetos pesados, levar recados etc.

Oliveira (2000) conta a história de Conceição, considerada por ela mendiga de rua. Conceição dorme na marquise da Samasa e passa o dia em um estacionamento na rua Barão do Rio Branco pedindo esmola aos passantes. É nesse estacionamento que Conceição guarda seus pertences toma banho, utiliza o banheiro. O estacionamento é como se fosse o seu trabalho, é nele que Conceição pode ser encontrada, sendo a sua referencia no Centro da Cidade durante o dia. Por isso, manter um bom relacionamento com os funcionários de estacionamentos, restaurantes, além dos vigilantes é fundamental para que os moradores de rua salvaguardem os seus objetos pessoais.

Perder seus objetos ou ser roubado é uma experiência corriqueira para aqueles que fazem da rua sua casa. O furto de objetos pertencentes aos moradores de rua é comumente gerador de conflitos entre eles. Casos de brigas, agressões e até de homicídios são freqüentes devido a esses acontecimentos. Isso pode ser percebido na seguinte fala: “Na rua nada tem dono, se vacilar, o outro malandro vem e pega. Aqui tudo é ladrão, se você dormir ou capotar com alguma coisa, já era. Mas se souber quem foi, aí dá pau [...] (Roda de conversa com moradores de rua na Casa da Sopa).

O corpo é fundamental à sobrevivência do morador de rua, nele é carregado os seus pertences e a sua vitalidade, sua memória, mas esse corpo também é freqüentemente mutilado, doente, sujo. Como uma carapaça, uma blindagem, o corpo suporta as dores, as ações dos agentes externos, como o calor, as doenças, os ferimentos. É nesse sentido que podemos pensar o corpo do morador de rua como o seu território de defesa, um escudo, uma capa, o seu primeiro território.

A idéia do corpo como carapaça parte de uma cena típica de rua que eu vi quando fazia minhas caminhadas pelo centro da cidade, registrada em outubro de 2002:

Eram quase três horas da tarde. Estava passando na Avenida Imperador, quase esquina com a rua Pedro I, próximo a uma agência do Banco do Brasil, quando avistei uma pessoa deitada no chão, no outro lado da rua, do lado do sol . Trava-se de um homem jovem aparentando 30 ou 40 anos. A sua presença pouco era notada pelos passantes, algumas pessoas olhavam, apenas. Fiquei próximo a uma parada de ônibus, juntamente com outras pessoas que estavam ali, e a minha presença como pesquisadora não foi notada.

O homem era bastante moreno, quase negro, queimado de sol, cabelos sujos, grandes, desalinados. Estava muito quente, o sol batia em seu corpo. Pensei que o homem estava morto, mas a sua respiração tranqüila dá indícios de que estava vivo, apenas estava dormindo, com a boca aberta, de sua boca saía saliva. Como uma pessoa consegue agüentar o calor da calçada e o sol quente no rosto durante tanto tempo? Tive um impulso de abordar o homem, acordá-lo, levá-lo para um outro lugar, uma sombra. Mas não pude, além do medo, senti um sentimento de impotência. O que poderia fazer, se ele fosse um louco, um doente? Nada, eu não poderia fazer nada.

Ele estava de chinelos visivelmente velhos, com solados desgastados, vestia uma bermuda, mas estava sem camisa, suas costas rentes com a calçada quente. Deu para perceber que os seus pés possuíam grandes rachaduras grossas e esbranquiçadas, como um casco de cavalo, neles havia também muita sujeira. Deduzi que se tratava de um andarilho que caíra bêbado. Sem nada, sem

objetos, sem roupas, apenas o seu corpo lhe protegia. Seu corpo era uma carapaça, como um gibão, vestimenta de couro que veste os vaqueiros na caatinga. Os vaqueiros, no sertão ultrapassam obstáculos como os grandes espinhos, galhos de árvores e o calor febril do sol.

O corpo desse homem (seria ele um morador de rua?) é o seu escudo, uma capa protetora que o isola do mormaço da calçada, o corpo também é depositário de memórias, já que a vida do andarilho é “traçada” por todos os lugares por onde passou. É nesse sentido que concluo que o corpo condensa todos os territórios, é o *topos* da memória e da história dos indivíduos. As tatuagens, as cicatrizes, o modo como se veste, por exemplo, são marcas registradas dos acontecimentos. Esse andarilho? Caído no chão passou por quantos lugares? Absorveu as marcas, e agora o seu corpo modifica o ambiente onde está deitado, mesmo sem ter consciência disso.

Se a cultura proporciona modelos de comportamentos dos corpos, se é o corpo o “suporte de códigos” (LE BRETON, 1990), o corpo de quem mora na rua é constituído dos signos da rua: lugar de luta, dureza, pois como diz Da Matta (2001, p. 29) “na rua não há, teoricamente, nem amor, nem considerações, nem respeito, nem amizade [...]”. Os corpos dos moradores de rua possuem uma linguagem, anunciam algo, “falam” da experiência da rua e de sua fluidez.

O corpo também faz parte da narrativa das ruas, nele estão expostas as marcas da dureza de viver nas ruas. Nos corpos, estão marcadas as cicatrizes decorrentes dos conflitos, das lutas corporais, furar o outro, seja com uma faca, com cacos de vidros e outros objetos cortantes. Essa realidade pôde ser percebida durante um encontro com Ângela, de 16 anos de idade, também conhecida por “pirrita”, moradora de rua desde os 12. Ela não era novata na Casa da Sopa, mas somente nesse dia, em setembro de 2003, pudemos ficar sozinhas para conversar:

Peço a Ângela para ficar um pouquinho comigo numa sala. Ela diz: “o que a senhora quer?” E vai logo pedindo alguma coisa. Ela fala aflita: “tia, a minha filha precisa de leite, tia a minha mãe diz que eu tenho que levar o leite dela, ela é

doente”. Eu pedi que ela se acalmasse, peguei suas mãos. Mãos tão pequenas! Todo o corpo de Ângela é pequeno, seu tamanho não chega a ter um metro e meio direito. É gordinha, não sei se é por causa da gravidez de quase três meses, mas ela é cheinha. Tive a sensação que seu corpo não lhe cabe. Ela quando fala é expansiva, como se fosse além do corpo. Puro excesso, fala alto, gesticula, toca em mim, nos meus cabelos, em minhas mãos, e vai logo reclamando e pedindo algo. Em vão, Ângela não se acalma, e diz: “vai me dar ou não o leite da minha filha?” Então falei que ia pedir para o pessoal da Casa da Sopa dar o leite, mas ela diz, com um ar irritadiço: “eu preciso de roupa também”. Disse que ia dar um jeito! Essa foi a minha saída para iniciar a conversa. Ângela concordou em falar e com um aparente calma, foi narrando que nunca levou desaforo para casa, que já se meteu em muitas brigas, já deu uma furada em um homem para defender uma amiga. Ela mostra as cicatrizes: “tia, eu peguei um caco de vidro taquei no rosto dele, quase furei o olho. Ele tava com um canivete, e cortou o meu braço. Eu fiquei com tanta raiva que eu chorei, chorei porque eu não matei aquele corno. O pessoal me tirou, se não eu tinha matado ele.”

Ângela, ao falar, parece que reviveu o acontecido, ficou com o corpo tenso, a voz embargada, e continuou a se agitar. No intuito de tentar fazê-la relaxar, eu falei: “Você está com algum paquera ou namorado?”. Ela respondeu: “Tia, tu não tá vendo que eu tô buchuda. Esse é do pai da minha filha, eu vou pro Piauí com ele e a mãe dele, vou morar lá, eu vou levar a nossa filha”. Fiquei surpresa, pois há menos de três meses, Ângela estava grávida e sofreu um aborto. “Como assim, grávida novamente?” Fiquei confusa. Então eu pedi para ela narrar como sofreu um aborto aos oito meses de gestação, decorrente de uma surra que levou do namorado. Ela respondeu: “Foi o Chapeuzinho, aquele que vivia aqui se fazendo de santinho... Eu não vou falar não, tu não já sabe?” Então não perguntei sobre esse assunto. De fato, eu já sabia que um rapaz chamado Chapeuzinho se declarava pai do filho que a Ângela esperava, os dois moravam na rua, mas faziam planos de alugar um quartinho, parecia um casal harmonioso, mas, no meio de uma roda de cachaça, eles brigaram e ele surrou-a e segundo os relatos de seus amigos ele a agrediu fortemente com chutes em sua barriga. Eu

mesma vi a Ângela ainda grávida, com o olho roxo, queixando-se de dor alguns dias depois da briga. Recomendei que fosse dar queixa na delegacia de proteção a mulheres e procurasse o padre Adolfo que estava acompanhando o seu pré-natal. Quando a vi noutra momento, ela já não estava mais grávida. E agora grávida novamente pouco tempo depois de uma cesariana. Fiquei penalizada. Percebi que na rua ser mulher é difícil, pois são comuns as agressões e estupros. O corpo de quem mora na rua está exposto. Seu “corpo excessivo” faz com que matar ou morrer esteja num limite bastante tênue [...]

O corpo de Ângela é o seu “escudo”. “Pirrita”, apelido que ganhou por ser baixinha, absorve e enfrenta a força masculina e as situações de violência vividas nas ruas, mas Ângela revela sua fragilidade quando diz que não desejava estar grávida novamente. A gravidez indesejada, de certo modo, traduz um não controle do corpo frente à situação posta, como se a gravidez fizesse parte de um destino natural da condição da mulher. Mas Ângela tenta encontrar saídas que desemboquem em outros caminhos que não sejam a rua, como viajar para outra cidade, viver com o pai de seu primeiro filho.

Percebo que Ângela deseja ser apenas uma adolescente, com corpo e vida de adolescente. Ela deseja roupas, não somente para aquecer e proteger o seu corpo, mas para aparecer no mundo, como normalmente fazem os adolescentes. Como diz Diógenes (1998, p. 188-189), ao tratar sobre os corpos dos jovens membros de gangues:

Exibir-se é uma forma de anunciar a existência e marcar a sua presença no mundo [...] tendo em vista o caráter eminentemente visual da comunicação nas sociedades complexas, o corpo em exposição pública, recortado por registros comunicacionais, símbolos ‘em excesso’, seria o panorama exemplar de marcas identitárias.

Ângela e outros adolescentes se expõem, porque desejam ser reconhecidos no mundo, mas, de modo geral, os moradores de rua invertem o modelo de corpo moderno ocidental “outdoor” que exhibe e reflete os modismos e tendências. Ao contrário, o corpo do morador de rua não deseja reconhecimento,

ele se revela por ele mesmo, por sua “invisibilidade”, não encontrando lugar na cidade não é notado, mas aparece quando chama atenção, quando expõe os sinais da rua, chocando os passantes.

O corpo do morador de rua choca de modo distinto dos *punks* ou os *hippies*, que são reconhecidos pela sua diferença, mas, principalmente, por ir de encontro ao padrão civilizatório considerado normal, por ser excessivo. É o corpo excessivo de que tratarei agora.

1.2 O corpo “excessivo”

A rua transcende o espaço físico, sendo repleto de significações. A modernidade instituiu um modelo cultural a partir de uma noção de público, diferente daquele vivido durante a idade média. Na idade média, enquanto os nobres viviam encastelados, os pobres, os artesãos, os mendigos, os loucos viviam nos espaços públicos. A praça medieval ensejava a dimensão lúdica da festa e da diversidade de expressões corporais. Como nos diz Ferrara (1999, p. 210):

O espaço urbano transforma-se nesse local ambivalente: praça pública que abriga a festa da multidão e a cena dramática que inverte posições sociais e se exhibe sob a forma de paródia, a intimidade familiar ou individual nos seus aspectos caricaturais; é a máscara, o indivíduo, os defeitos, os sexos travestidos“.

À medida que as cidades cresciam nos séculos XVIII e XIX, foram construídos espaços de sociabilidade pública, parques, lugares de passeios, cafés, teatros, que foram abertos à utilização da burguesia em ascensão, assim como às elites, antes confinadas nos salões aristocráticos, que puderam então usufruir os espaços públicos da cidade. Essas classes encontraram aqueles que já viviam pelas ruas: mendigos, pobres, loucos (MAGNANI, 2003).

Os “manuais” de bom comportamento já salientavam como devia ser o relacionamento da elite com os estranhos. Manter distanciamento e cuidado eram os conselhos ouvidos pelos filhos. Contudo, o contato com pobres e miseráveis foi mais traumático para a burguesia que não conseguia conviver com a pobreza que passava pelas ruas, identificando as diferenças de comportamento, dos que apenas observavam as vitrines.

Para Sennett (2001), o estar em espaço público, porém, requeria um comportamento adequado dos cidadãos, exigia padrões de “civildade”. Nesse sentido, a relação entre público e privado se estabelece como fronteira tênue. Nela estão duas naturezas humanas, uma natural, desenvolvida pela família e outra social que se dá no espaço público.

É nesse sentido que se construiu a idéia de que o espaço público não é lugar para os excessos. Gestos como chorar, dormir, gritar devem, portanto, estar na esfera do privado, já que o espaço público atua como vitrine, nele o sujeito olha e pode ser visto por outros, por isso é dever do cidadão manter o corpo contido.

A prática dos moradores de rua inverte a ambivalência entre público e privado, já que é no público que atua o seu corpo. O excesso é uma das características dos moradores de rua. Eles caminham pelas ruas em busca do imediato, através de algum trabalho ou através da prática da mendicância, ou mesmo por meio de furtos conseguem dinheiro para comer, para beber ou para comprar drogas. A vida gira em torno da sobrevivência imediata.

É no espaço público que o morador de rua realiza o que normalmente é praticado nos espaços domésticos: as necessidades fisiológicas do indivíduo (excreção de fezes e urina) como também as práticas sexuais, a alimentação e o sono. Há, portanto, uma inversão do padrão civilizatório adotado pela modernidade.

A vida do morador de rua não segue movimentos contínuos. As ações consideradas como rupturas do cotidiano, como ser preso, adoecer, viajar são incorporadas a sua dinâmica de vida. Eles apenas vivem o imediato, embrenham-se na cidade como se esta fosse uma floresta. Como diz Mautner (1995, p. 53):

Na megalópole existe uma superabundância. Dela se tira o sustento dos parias que nem conhecem o amanhã e por isso não os temem. Imaginou-os diante das grandes verticalidades como o predador da pré-história via o predador que o rodeava, um imenso enigma a não ser decifrado. Não é só sobre miséria que falo. Quero dar mais destaque a não ter onde guardar do que a não ter o que guardar. Falo da condição em que o próprio corpo é o limite inexorável, sem extensões.

O morador de rua nas ações simples do cotidiano é dissolvido pelo movimento incessante da cidade, lhe proporcionado uma invisibilidade. É o “corpo excessivo” que o faz aparecer como diferente. O uso de drogas, por exemplo, é uma das características desse corpo que não se preocupa com as convenções e vive a euforia com mais intensidade quando participam da “experiência dionisíaca” de pura alucinação proporcionada pelo uso de drogas.

Tomo de empréstimo as idéias de Adad (2001), educadora que desenvolveu pesquisa sobre meninos de rua em Teresina. No seu estudo, o solvente é a droga mais utilizada entre eles. Por isso, no momento da embriaguez, há uma dissolvência do corpo, ele se faz e se desfaz. É metaforicamente dissolvido no ar. Para a autora, “a experiência da embriaguez produz, enquanto dura, um efeito letárgico. Um efeito que dissipa tudo o que foi vivido no passado: é a negação do indivíduo, da consciência, do Estado, da Civilização, da História [...]” (ADAD, 2001, p. 100).

O “corpo dissolvente” é aparentemente insensível à realidade, caracterizando-se pela aparência letárgica, de alguém fora do contexto em que vive ou fora de si. O corpo “drogado”, “psicótico”, “delinqüente”, dissolve-se na imanência de sua subjetividade.

Observei uma “roda de cachaça” por acaso. Eu estava no centro da cidade para realizar o registro fotográfico de algumas cenas de rua em outubro de 2003. *Era um dia de quarta feira, quase 9 horas, na calçada do mercado central antigo, na rua Conde D´eu. Não consegui visualizar bem, mas avistei o Erandi e o*

Alexandre, também conhecido como Xampu, moradores de rua jovens que vivem em torno do mercado, eles estavam em companhia de meninos ou adolescentes que eu não conhecia. Percebi que havia pelo menos duas meninas. Eu estava na calçada, do outro lado da rua, próximo a um guarda noturno e resolvi observar a cena típica das noites do centro da cidade. O grupo estava sentado em círculo, como se estivessem brincando de ciranda. Ao observar os gestos dos meninos, lembrei-me das brincadeiras de infância, de passar o copo entoando a música “escravo de Jó”, de apertar os dedos e orelhas cantando a rima da “lagarta pintada”. Mas aquela cena se tratava de um momento de pura embriaguez, onde todos os participantes compartilhavam das mesmas sensações. Nos momentos em que faziam uso de drogas, os moradores de rua implementam uma linguagem gestual própria, levam a cola ou a substância que cheiram até o rosto, passam o vasilhame com a droga de um para o outro, conversam entre si, agitam-se, levantam-se, sentam novamente. A euforia causada pelo uso de drogas pareceu dionisiaca, puro excesso, uma potencialização do festivo, pois, na roda, os movimentos aparentemente lúdicos, como empurrões ou abraços, simulam uma briga ou uma dança. Fiquei duvidosa, se tratava de uma briga ou brincadeira? Sei que no momento da embriaguez a brincadeira às vezes se transforma em luta propriamente dita, culminando em violência [...].

No momento em que estavam usando drogas, iniciaram uma luta, a violência assumiu uma feição “positiva” (MAFESOLI, 1987), podendo ser entendida como uma força que possibilita um sentimento de potencialização ou de fuga. A violência gerada na “roda da droga” possibilita também a socialização entre os participantes, um duplo movimento que une anomia e ordem. Ao mesmo tempo em que propicia a integração entre os indivíduos participantes, também é desagregadora, pois são nesses momentos que acontecem as agressões corporais e, conseqüentemente, os conflitos entre os moradores de rua.

Apesar de o uso de drogas se dar em grupo, as sensações posteriores são vividas em solidão. O morador de rua comumente caminha só, num estágio entre a lucidez e a inconsciência, havendo uma espécie de esvaziamento das

emoções, seu olhar é distante, o corpo movimenta-se de modo mais leve, como na narrativa de Ricardo:

Não sei quanto tempo passei andando, não sei por onde eu fui, só sei que fiquei por aí. Quando acordei, só vi uma paulada [...] eu estava dormindo na Praça do Carmo. Agora eu to com as costas toda quebrada, a cabeça com um rombo [...] pensei que eu tava morto, senti uma vontade tão grande de chorar. Eu não tenho ninguém, fui para o IJF, não sei como não me mataram”(Ricardo, 23 anos – Entrevista realizada em março de 2002).

A narrativa de Ricardo demonstra a solidão, o estar só, de não ter ninguém que possa dispensar-lhe cuidados, a solidão posterior ao momento da “roda da cachaça”. O corpo de Ricardo foi machucado, agredido sem que ele tivesse consciência do acontecimento. Sem nenhum documento de identificação, Ricardo reclama: “eu não sei como me atenderam no IJF, eu não tenho identidade, eu não tenho identidade, eu não tenho nada [...]”.

O corpo de Ricardo não possui fixidez, sua existência é insólita, não possui casa, nem pouso qualquer, dorme sobre papelões ou onde puder dormir, diferentemente de outros moradores de rua que sempre dormem em lugares fixos. Ele não possui objetos pessoais, como escova de dentes, roupas, pente etc, elementos que constituem a “intimidade” do sujeito. Também não possui documentos de identidade, certidão de nascimento, título de eleitor etc. que dariam a ele a condição de exercício da cidadania.

Outra faceta do corpo excessivo é a intensidade com que reproduz as suas emoções, seja raiva, tristeza ou alegria, não havendo domínio ou controle expresso sobre o mesmo. É nas situações de excesso que acontecem à maioria dos conflitos entre os moradores de rua, conduzindo a finais trágicos, como agressões físicas e homicídios.

O corpo dissolvente é nômade, ele não está em lugar nenhum, ao mesmo tempo em que cruza toda a cidade. A perspectiva do “desvio” se dá também na experiência do corpo na cidade, quando este pratica e experimenta através de seu nomadismo, novos trajetos (DIÓGENES, 2003)

Como na fala de Cícero sobre os seus trajetos:

Não sei dizer o que eu faço todo dia, não faço nada, não [...] Durmo no Centro, perto da Igreja da Sé, depois vou tomar banho na grotá, depois vou filar alguma coisa pra comer, um caldo, tem uma senhora que vende caldo de cinquenta centavos; fico um tempo na Praça, vou lá pras Irmãs filar a bóia, depois fico de bobeira por aí. Às vezes, vou lá pra praia, às vezes saio por aí, fico com o pessoal daqui mesmo, qualquer coisa” (Cícero, 32 anos – Entrevista realizada em março de 2002)

Para De Certeau (1996), as práticas da cidade iniciam-se com os passos. Eles são capazes de moldar os espaços, pois são muito mais que um ato mecânico e físico. O ato de caminhar constitui “um estilo táctil de apropriação cinésica”. É uma prática delinqüente, visto que cria uma outra ordem de sentido ao espaço percorrido, ele vive o presente, o descontínuo, o “fático”.

Os moradores de rua podem ser considerados delinqüentes porque “praticam” a cidade de modo diferenciado da maioria dos usuários, suas andanças não se caracterizam por um itinerário, visto que não possuem destino determinado. O corpo é “livre” no espaço. Eles cruzam a cidade sem a determinação do tempo instituído pela lógica do trabalho.

Se os trajetos são uma experiência urbana, o trajeto do carteiro, o trajeto do catador de papelão, o trajeto da criança até a escola, os trajetos dos carros nas ruas e avenidas, o trajeto da dona de casa até o supermercado, os trajetos de manifestantes durante as passeatas, o trajeto do caminhão de lixo, do lazer, entre muitos outros fazem a cidade. A cidade é animada pelos trajetos. Os pedestres, de modo geral, são praticantes ordinários da cidade. Quando estes refazem caminhos costumeiros são considerados delinqüentes do espaço (DE CERTEAU, 1996).

Os ritmos e itinerários produzem um desenho em movimento da cidade moderna: o destino casa-trabalho, engendrando nos usuários trajetos fixos. Não se fica “perambulando” pelas ruas sem roteiro. De Massi (2001) nos fala que o modelo de organização industrial com os seus processos sincrônicos influenciou o modo como a sociedade industrial regula o seu tempo e divide o espaço. Para

esse autor, o rígido controle das jornadas de trabalho, os horários de saída e chegada, o tempo para o lazer, provocaram uma funcionalização dos espaços. Projeta-se uma tentativa de atribuir organicamente espaços para cada experiência da vida: espaço para o lazer, espaço para rezar, espaço do trabalho, espaço para embriaguez e tantos outros.

Há um desenraizamento do corpo excessivo dos moradores de rua, além de não ter destino certo, sem fixidez no espaço. As suas experiências de vida também são desprovidas de sincronismo. Vive-se o aqui e do agora, sem preocupação com o futuro. Isto pode ser percebido na história de Conceição, moradora de rua de 33 anos. Ela atualmente está grávida e foi recebida na Casa da Sopa num de seus projetos que apóia famílias em situação de rua. No dia em que Conceição chegou para ser cadastrada na reunião com as famílias na Casa da Sopa, em 23 de outubro de 2003, pedi para realizar esse procedimento, pois assim poderia conversar com ela e saber mais sobre a sua situação:

Eu já sabia que a Conceição tem um filho de três anos chamado Bruno. Esse menino viveu até pouquíssimo tempo com uma mulher chamada Fátima, que já foi moradora de rua, mas que agora vive em um quartinho cedido por uma irmã localizado no bairro Edson Queiroz. Essa mulher trabalha consertando sapato na Praça dos Voluntários, no centro da cidade. Iniciei a entrevista, perguntando sobre a situação do seu filho, ela me falou que ele agora está com ela, vivendo lá no “poupa ganha”. Esse é o prédio da antiga sede de uma empresa situada na avenida Imperador que realizava bingo em Fortaleza. Devido à sua falência, o prédio desocupado foi transformado em cortiço. Nesse espaço, vivem várias famílias que pagam até cento e cinqüenta reais por mês de aluguel. Segundo Conceição, são as irmãs Vicentinas que estão custeando a sua permanência nesse lugar, doando-lhe o valor do aluguel mensalmente e utensílios, como rede, roupas e materiais de cozinha.

Perguntei quantos filhos tinha Conceição. Ela respondeu, inicialmente, sete filhos. Perguntei: “Cadê os seus filhos?”. Ela me respondeu: “Dei um para uma tia que mora no Bom Jardim, tem outro com outra tia. Sabe, eu tenho família, mas eu não vivo com eles, não. Outro eu dei para uma mulher que trabalhava na

Praça José de Alencar, outro para um rapaz amigo meu.” Indaguei: “Um rapaz?”. “Sim”, respondeu Conceição calmamente, “ele trabalha, ele é legal. Tem outro no abrigo do SOS criança, outro morreu, tem o Bruno, que agora tá mais eu, tem esse que eu estou esperando”. Tive dificuldade de contar quantos ao todo. Fiz as contas em um papel. Perguntei: “São seis, ou sete, Conceição?”. “Espera aí”, ela refaz as contas, “Eu acho que são oito”.

Porque Conceição teve tantos filhos? Sem acesso à assistência médica, à educação. Conceição diz não saber ler nem escrever, as seqüências de várias gravidez indesejadas são conseqüências de sua própria condição. O seu corpo é excessivo por viver livremente na rua, por fazer uso de álcool, roypinol, crack e outras drogas, por não ter constrangimento ao demonstrar os seus afetos e desafetos, como também por não ter medo das conseqüências e riscos provocadas pela mudança contínua de parceiros sexuais.

De modo geral, as mulheres estão sempre acompanhadas por seus companheiros, sendo raro encontrar mulheres sozinhas na rua. Acompanhadas, as mulheres são protegidas dos perigos da rua. O fato de ter um número maior de homens do que de mulheres morando na rua, faz com que haja uma espécie de rodízio entre os homens. As mulheres são normalmente cobiçadas e as disputas amorosas são geradoras de conflito e tensão.

Conceição bebe todos os dias, comumente se envolve em brigas na rua, é considerada uma pessoa difícil pelos seus companheiros, mas deve ter seus encantos, pois sempre está com um namorado novo. O pai de Bruno, segundo ela, é o seu “principal marido”, com quem viveu junto por mais tempo. Atualmente, ele está preso no Instituto Penal Paulo Sarasate, e sempre que consegue o dinheiro da passagem, ela faz uma visita ao marido no presídio.

Conceição não tem certeza do que vai acontecer no seu futuro, apenas vive o seu presente. Não sabe se mais uma vez vai dar o seu filho a alguém ou se vai criá-lo. Ao concluirmos a entrevista, ela esboça uma sorriso de contentamento por poder adquirir uma cesta básica para alimentar a si e ao seu filho. De outro modo, não deixei de experimentar certo sentimento de desesperança. O fato de

Conceição ter a minha idade fez-me pensar como as experiências com a drogadição e a pobreza deixam a pessoa com uma aparência envelhecida, como se Conceição tivesse quarenta e cinco ou cinqüenta anos.

Qual o destino dessa mulher? Onde está o elo entre o seu passado, o seu presente e as projeções para o futuro? É Conceição quem diz: “eu não sei o que será de mim, não penso nisso, só sei que eu quero ter um cantinho para mim morar e para o meu filho”. Conceição não tem planos para o futuro, o futuro é a sua sobrevivência imediata e um teto para morar.

Arrisco a dizer que o excesso vivido por Conceição está intimamente ligado ao fato de ter que encarar a morte todos os dias. Maffesoli (1987) nos fala de intensidade e monotonia do presente. Para ele, o gosto pelo excessivo é um aspecto determinante da violência. A necessidade de garantir a vida, o aqui e o agora. “Podemos dizer que o excesso é um ensaio regular de proteção contra a angústia que nasce do desconhecido” (MAFFESOLI, 1997, p. 52).

O desenraizamento é desse modo, um sintoma do medo do desconhecido. Não se vincular às pessoas ou às instituições, como família, escola, trabalho, garante aos moradores de rua, a liberdade e a permissividade do excesso, mas, ao mesmo tempo, faz dele um sujeito sozinho, isolado dos grupos sociais convencionais, e conseqüentemente “relegado” ao desamparo do corpo, principalmente, quando este se encontra enfermo ou quando se depara com a possibilidade da morte.

1.3 O corpo “caracol”

O corpo abrigo constitui outra faceta do universo dos moradores de rua. Na metáfora do caracol, o corpo pode ser comparado a uma casa. Diz o dicionário Aurélio que “o caracol é um animal da classe dos moluscos, possui o corpo mole e

mucoso coberto por um manto que geralmente segrega uma carapaça ou concha calcária de uma, duas ou oito peças.”

O caracol mora nele mesmo, dentro de seu corpo. De modo semelhante, os moradores de rua constroem modos de habitar, utilizando o seu próprio corpo. A sua “casa” está sempre pronta, quando desejar proteger-se ou quando desejar dormir, o seu corpo é depositário de sua carapaça.

Utilizando materiais diversos encontrados na própria rua, os moradores de rua agregam esses materiais ao seu corpo, integrando-se ao ambiente em que vivem. O “veículo do sem-teto”, um carro projetado por Krzysztof Wodiczko, um artista de Nova York e também o “poliscar”, uma outra versão desse veículo, sintetizam a noção do corpo caracol. Assemelha-se a um carrinho de supermercado, tendo a proporção do corpo. De modo funcional, os sem-teto podem transportar-se, dormir, lavar-se, realizar necessidades fisiológicas, carregar utensílios, embriagar-se num mesmo lugar (SMITH, 2000). O carrinho carrega o corpo e é carregado pelo corpo, ele amolda-se fazendo parte da paisagem urbana.

O “poliscar” possibilita ao morador de rua habitar em outros lugares da cidade, em vez de ficar contido em lugares prescritos para camadas pobres ou marginais. É, desse modo, a recusa da favela ou do cortiço como lugar de moradia:

Ao permitir uma mobilidade espacial mais ampla, ele abre possibilidade de catar e mendigar pão mais ao alcance locais diferentes de reciclagem de latas e garrafas, torna novos lugares acessíveis para dormir, permite fugas mais rápidas e eficazes dos ataques e pressões da polícia, e em geral dinamiza as rotinas da vida cotidiana (SMITH, 2000, p. 135-136)

O abrigo é uma esfera fundamental para o indivíduo. A casa como abrigo fornece o sentido de proteção, além de fornecer elementos catalisadores da memória afetiva. Como nos coloca Bachelard (1993, p. 208): “A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens, são os

espaços habitados na infância que retemos na memória, dão corpo à subjetividade do indivíduo.”

Para esse autor, a casa é fundamental para o registro das nossas memórias, o lugar que ocupamos na casa, o quarto em que dormimos, as gavetas em que guardamos nossos pertences fornecem elementos para a memória:

A casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem [...] sem ela o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano [...] a vida começa agasalhada no seio da casa. (BACHELARD, 1993, p. 201).

Acrescento ao pensamento do autor, a idéia de que a casa dá ao indivíduo uma ordenação psíquica. Um quartinho, um barraco, um abrigo, uma tenda, o papelão sob o chão, ou mesmo uma construção imagética da casa proporcionam as referências da memória, e com ela o equilíbrio e a lucidez do indivíduo. A casa dá o sentido da proteção, as paredes e o teto proporcionam o abrigo material e o suporte subjetivo capaz de fornecer a estrutura psíquica do ser.

Se a casa é lugar da proteção e elemento fundador da memória, como pensar os moradores de rua que não têm casa? Como pensar naqueles que nunca tiveram, ou que tiveram por um período muito curto, a experiência do lugar que agasalha, das gavetas, do privado como esconderijo, de ter para onde ir e para onde voltar? Como coloca Mautner (1995, p. 52): “Não ter espaço (nem dentro e nem fora), não lembrar nem esperar. Sobreviver a essa condição vai determinar uma condição peculiar no mundo interno de cada um.”

Associada à questão de o morador de rua não possuir uma casa para morar, outra questão se faz necessário refletir. O morador é um habitante? Recorro mais uma vez a Bachelard (1993), que nos diz que todo espaço verdadeiramente habitado traz, em essência, a noção de casa; a imaginação constrói paredes, vive-se a experiência da casa em sua virtualidade, num mundo habitado de sonhos.

Assim, o morador de rua é habitante do seu corpo. Resposta curta que me fez pensar muito sobre a experiência da casa e, mais ainda, como o corpo pode ser um abrigo na experiência de morar na rua.

O morador de rua constrói, imageticamente, paredes, quartos, salas, significações de proteção e de abrigo. No intuito de revelar uma “psicologia” da casa, Bachelard (1993) enfoca dois temas de ligação no imaginário desse espaço: a casa imaginada como uma entidade vertical e a casa imaginada como uma edificação que nos convida a centralidade. A oposição porão e sótão. Para esse autor, o porão é um lugar pouco visitado em que guardamos os “resíduos” com que não desejamos tomar contato, o porão representa o inconsciente. O sótão, ao contrário representa a prudência e racionalidade:

Em lugar de enfrentar o porão (o inconsciente) o “homem prudente” de Jung busca coragem nos álbis do sótão. No sótão, camundongos podem fazer seu alvoroço. Quando o dono da casa chegar, eles voltarão ao silêncio do seu buraco. No porão seres mais lentos se agitam, menos apressados, mais misteriosos (BACHELARD, 1984, p. 209).

A experiência de habitar nas ruas nos mostram “que a cidade não é só cimento. Existem casas invisíveis, castelos com torres lindas, a paisagem é completamente outra [...]” (CHNAIDERMAN E HALLACK, 1995). É o imaginário que constrói as habitações, e nessa lógica, cria outras formas de viver, onde o corpo é o limite e não tem extensão.

Nas narrativas dos moradores de rua que possuíam casa e família, de modo geral, há uma ruptura que os fez ir para a rua: a morte da mãe, a separação do pai, a traição da mulher, a briga com o padrasto, o dia em que se desentendeu com o irmão, entre outros acontecimentos, quase todos envolvendo atos abruptos que parecem ter produzido quebras de elos afetivos .

O momento de sair é como uma passagem entre dois mundos completamente opostos. Em algumas rodas de conversas que realizei na Casa da Sopa, os moradores de rua que participaram, dizem: “Eu tinha mãe, tinha família, mas depois que minha mãe morreu, eu não consegui ficar em casa, vim parar na

rua. Você acha que eu vou agüentar? Não tem ninguém por mim lá [...] Eu tinha mulher e filhos, tinha uma casa, mas depois que ela me deixou, eu vim parar na rua. Minha vontade é de voltar, voltar para Itapipoca, ver minhas filhas.” (Roda de conversa realizada, outubro de 2002).

Ao sair de casa, quando chegam na rua, os moradores de rua constróem uma ordem de subjetivação formada por uma “legislação”, com códigos de conduta próprios, uma ordem de natureza simbólica é construída, e se cristaliza na linguagem (seja verbal, visual, estética etc.). Desse modo, “o psíquico se estrutura em função dessa inserção na rede simbólica, que, no caso da população de rua, significa uma inclusão precária e/ou de inclusão no precário. Essa inclusão seja como ela for, precária ou não, constitui para o sujeito um lugar [...]” (MAGALHÃES, 1995, p. 66).

Para além da casa, nos espaços sem fronteiras, ou fronteiras invisíveis, como a rua, as referências de tempo e espaço estão incorporadas a uma significação diferenciada daquelas da casa propriamente dita. A memória na rua é corporal e fragmentada nas diversas experiências vividas nos espaços. Os moradores de rua dizem: “o tempo em que estive preso, o dia em que minha mãe morreu, o dia da entrega de sopa etc.”. O tempo está intrinsecamente relacionado com o vivido, com os suportes materiais de sua experiência da rua, como também com as experiências corporais.

A experiência de uma casa que anda, e carrega o corpo junto a ela, contribui para a perda da invisibilidade habitual do morador de rua. O “corpo caracol” modifica a paisagem urbana, impactando o ambiente. Não somente os moradores de rua, mas também vários trabalhadores de rua fazem desse espaço seus varais de roupas, escritórios, palanques, vitrines. Um inventário de novas formas urbanas, criadas a partir dos resíduos da própria cidade: uma poltrona velha se transforma em sala de estar; um pedaço de madeira, um tabuleiro de jogo de damas; uma cadeira com um bom encosto, juntamente com pedaços de madeiras se transformam em um salão de beleza em plena praça pública; o carro que vende rede utiliza toda a carroceria para expor a mercadoria; a bicicleta

adaptada para vender lanches, dentre as inúmeras formas de reinvenções e adaptações de materiais diversos.

Durante pesquisa realizada na praça José de Alencar, pude perceber como acontecem as transformações do espaço, quase como um passe de mágica, porque a rua também é lugar de encenação. Na praça, os moradores de rua, como também os outros atores, ocupam um “pedaço” de um banco, de uma árvore ou da estátua localizada no seu centro, refazendo o seu desenho original. Num ritmo próprio, mistura-se a polifonia de seus atores, com uma intensa comunicação visual e arquitetura original da praça.

É no espaço da rua que uma multidão de anônimos sobrevivem. Esse espaço simboliza mais que a peleja crua do cotidiano, sintetiza o lúdico e o riso. Referindo-se à praça com características medievais, Ferrara (1999) diz que “a praça é a cena na qual todo são atores e espectadores ao mesmo tempo, vive-se a ficção em que se exibem palhaços e mágicos, mascarados num espetáculo de rua, na qual todos riem um riso geral e universal.”.

A estratégia é o cálculo ou manipulação das relações de força, um esforço racional que determina um “entorno”, um “lugar” para a prática do poder ou vontade. Constitui-se como um corte em relação a quem fica de fora. Para De Certeau (1996, p. 101), “*as estratégias produzem alguns efeitos: vitória do espaço sobre o tempo; parcelamento do espaço*”.

As táticas são maneiras de fazer que golpeiam as estratégias. Vai de encontro ao poder instituído, como define o autor:

Chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão a do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto como organiza a lei de uma força estranha. Ela não tem, portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance... (DE CERTEAU, 1996 p.100)

Por isso, as *táticas* são dissimuladoras. São maneiras de fazer que negam a ordem estabelecida, o estatuto de lei, de sentido ou fatalidade sem estabelecer um confronto direto com o poder instituído. Ao contrário, os “corpos táticos” dos moradores de rua lentamente vão acomodando-se nos espaços de rua e se apossando desses, fazendo-os lugares habitados, transformando a paisagem urbana.

São as experiências de corpos caracóis dos moradores de rua que nos ajudam a compreender as principais indagações sobre suas experiências. Relato, a seguir, a experiência de Naninha, de Maria e de um grupo de moradores de rua que ocuparam um lugar na Praça da Gentilândia. Nessas três experiências, a relação entre o corpo e a rua se coloca de modo diferenciado, pois cada uma traz a sua marca inventiva como modo de sobrevivência material e simbólica.

1.3.1 O invólucro de Naninha

Naninha é uma moradora de rua que andava pelas ruas do bairro Benfica, ninguém sabia direito seu nome, nem de sua história. Figura recorrente dos bairros Benfica e Gentilândia, ela fazia dos muros da universidade e do concreto dos abrigos de ônibus varais de roupa, protegia-se em volta de um turbante vermelho, um cachecol. Ela não interagia com as pessoas, andava sempre só, não permitia aproximação, conversava sozinha.

Não consegui me aproximar de Naninha durante o período em que realizei as entrevistas com os moradores de rua. As tentativas foram todas

frustradas, Naninha sequer deixou me aproximar, invertia a direção do olhar, ignorava a minha presença. Mas como era bastante conhecida pelos estudantes da Universidade Federal, resolvi levantar informações sobre essa mulher. Nesse sentido, vejo a Naninha através das percepções da Jornalista Eleuda de Carvalho que escreveu uma matéria intitulada “Naninha da treze”⁷:

“Magra, as pernas finas desfilam por sua passarela exclusivíssima na avenida 13 de Maio para frente e para trás, desde a Jovita Feitosa até a Pontes Vieira. Sacola improvisada onde carrega tudo o que tem. A saber, poucas roupas e um caderno muito rabiscado, algaravia desconexa. Para quem não sabe ler o que há além das letras. A cabeça num turbante e o corpo enfiado em duas ou três blusas, um par de calças ruças e chinelos, tamancos, os pés nus. A boca desvalida nunca pára de falar. Ninguém escuta?

‘...fica a baleia ligada, fica longe, tudo bonito, tudo bem gordo, tudo gostoso, tudo cheiroso. Os bens invadidos. Eu passei 15 anos imobilizada e a mulher acabou com minha vida. Foi isso’. A voz ganha nuances, de acordo com a figura incorporada, mas no geral é um fio tímido, quase infantil e inaudível, em meio ao barulho dos carros que zunem 24 horas em sua casa. A casa mesmo é o terceiro ponto de ônibus que fica ao lado da Reitoria da UFC. Manhã, um varal improvisado no muro sustenta o guarda-roupa recém lavado. De outra vez, olha ela na coxa, escovando os dentes. E uma árvore do outro lado faz-se banheiro. Mesmo mijando em público, é o mais discreta possível.

‘O pessoal me chama de Naninha’, diz, respondendo a primeira pergunta. As seguintes, delírio. De onde você vem, qual sua idade? ‘Deixa eu ver... Parece que nós viemos da

⁷ CARVALHO, Eleuda. Naninha da Treze. O POVO. Vida e Arte. 29 de novembro de 2001. p. 01

Alemanha, é. Nós já coagida, eu e a moça. Mas não foi agora, não, foi em 55 mil cunha que esse caso ocorreu. Dentro dessa carne eu tenho dois meses, duas baginhas do tamanho daquele negócio assim. A mulher quer que eu diga que tenho 45 anos, não tenho, tenho duas bagens e dois meses’.

Doida mansa, essa. Ou melhor, pássaro, uma mulher solta das gaiolas da mente. Naninha mesma se interroga e emenda respostas, os personagens de suas histórias todos misturados. Foi o que ela viveu, o que ela viu e ouviu, o que leu, quem saberá? Por onde Naninha andou, arrastando sua solidão povoada de sons. Hospício? Detida em casa, corrente nas canelas, como são tratados os loucos do sertão, por suas famílias precárias? ‘Você vai ver, lá em Caxias. Era as tochas de fogo comendo e o povo tudo correndo, tiraro eu por cima. A mulher foi queimada, tua tia foi queimada, lá em Caxias, ela disse. Comadre, tu salvou a menina?, pelo amor de Deus!’.

- E a menina foi salva?

‘A menina, de sete anos, era eu. Elas colocam eu em carne de sete 14, 15, de 16. De 19 anos, ficou uma mulher com rixa. Porque ela queria que eu casasse com o filho dela, não dá pra mim casar com 19 anos, eu disse. Não gosto de casamento não, que mulher careta. Ela quer que eu seja filha de Vilma, aquela gordona. Ela vem cobrindo eu nas características da filha dela, da filha de Vilma. Pra conversa encurtar, essa mulher não tem como provar que eu não seja aquele menino de 11 anos, pronto. Daquele menino de 11 anos pra lá, o rapaz viu, quando aquela gordona chega, ela faz isso até no colégio, fica dizendo, deixa eu ver... Enquanto

passa a mão no cabelo da gente, ela sente a gente, ela é um ímã que engole sangue, ela sabe quem é você, não tou doida'. Loucura, o que é mesmo? Impelido por um punhado de mentes perturbadas brilhantes foi que o mundo deu suas reviravoltas e dá. Loucos de Deus, loucos de arte, os cordeiros malucos da paz, sim, eles transformam a face da Terra. A conversa de Naninha, este fluxo de aparência convulsa, deixa entrever outras loucuras, não dela. De outros. Dos normais. Naninha não se reconhece.

'Preciso sair da carne, meu corpo não é esse. Se eu fosse nascida nessa carne, se fosse, eu dizia. É 12 mocinha bem limpinha, sim, 12 anos, 12 tiros na linha de Santa Maria. Não adianta me intimidar pra eu ser irmã de vocês que eu não sou. Eu, na minha carne, posso não ter mãe, posso não ter irmã, mas eu não sou irmã de Graça, não sou irmã de Graça não. Ela pegou eu, imobilizou. Três anos num canto, dois em outro, cinco em outro, quatro em outro'.

Uma frase, tal um mantra: 'Quinze anos imobilizada'. É assim que ela define prováveis internamentos? E a idéia de desmembramento, de perda do corpo, de seqüestro vem e vai nessa meia hora em que ela falava de olho no gravador, parando a conversa quando um ônibus não deixava eu ouvir mesmo nada, a não ser o som de ferragens ferindo o asfalto. 'Eles passam, olham, nem ligam'.

Feitiço, encosto, bruxaria. Isso que disseram à Naninha, das vozes que ela escuta e deixa que digam, que pensem, que falem por sua voz? "Você vai ver, ela jogou uma demanda em mim, chega encolheu. Tereza, irmã dela, passou também as mesmas fases. Ela jogou um negócio engelhado na testa, uma magia que ela jogou em cima do passarim dos meninos, que eles foram, ah! Mas nós tinha

vôo livre, em pé, em nave, em tudo. Porque minha vida não era assim. Por isto que digo, o sinal verde ou tem segredo ou o cão vai atentar esta menina".

- Isso foi em Caxias?

'Não, noutra lugar. São 16 mil documentos, 60 mil planetas. Existe o direito de uma pessoa viver à busca de outras pessoas em 700 mil planetas, eu não vou mentir. Ela tira só o espírito, limpim. Ela pegou 28 mortes, de lá das 700 mil cidades pra cá. Vinte e oito mortes, pois é: sete pra chegar no Inhamuns, só chegou com três anos, saiu com oito, e aos vinte ela tava abandonada, 21 mortes. E 18 sequestros, em cada sequestro uma desgraça. Quando ela puxa já é uma Nega, ela faz: eu vou lhe pegar'. 'Eu brincando com um foguim, nunca vi menino do buchão dentro de fogo. Eu liguei o fogo do fogão pra alimentar o cachorrim, e ela pegou, ui, ninguém comia não, dona, era lenha. O pedaço daquela carne já ia sendo roubado da baleia. O cachorrim branquim, né? Era. Pois é, ela já ia fazendo o lanche para o cachorrim. Quando a gente vai olhar, olhando o fogo, pois é, aquela menina ali também. Ela pegou característica, substância, a baleia ligada, a mulher pergunta por quê, por quê?, porque a mãe dela morreu, a velha que está dentro do sonho. Tá viva ou não tá? Tá, ela diz que ela está viva. Ela está viva? Tá. E quem morreu na letra que ela fez? Ui, ela disse, foi a mãe dela'.

'A mulher disse, a moça, a velha de lá, sei lá, se eu pudesse eu não botava essa menina nessa capa, a bichinha tá tão sofrida. A mulher já estava abrindo essa capa aqui pra botar eu dentro. Já estava a cabeça, os braços e a bucetona, não vou mentir. Quer dizer, ela fez o

transplante de três peças, que a irmã dela foi coagida. O caso ocorreu no Rio. Ela botou os braços há dez meses atrás, a cabeça e este xibiuzão. E abriu a capa aqui, na clavícula, e colocou eu dentro, dois pedaços, só há dois meses'. Não chore por Naninha, nem mague dela, não a imobilize outra vez.

Quando você a vir, desfilando solta na avenida, inventando moda do

pouco que a caridade lhe dá, magra e livre, com seus sonhos e

pesadelos, veja: eis uma ave. E as aves só fazem sentido no céu. E a Treze de Maio é o céu de Naninha”.

Eleuda de Carvalho conseguiu captar os delírios de Naninha, fez como faz os antropólogos, “roubam” a essência dos sujeitos estudados traduzindo em texto. Como expressou a jornalista, naninha pode ser comparada a uma ave, sem rumo certo, vive se deslocando de um lado para o outro. O corpo de naninha estava protegido, o seu cachecol, seu turbante e as roupas eram o seu invólucro. Através de sua vestimenta exótica Naninha se protegia do sol, do vento, mas é através dela que aparecia para o mundo.

Diferentemente do corpo cabide que carrega os seus utensílios, o corpo caracol de Naninha carregava a sua existência, já que ela não habitava em um espaço formado de teto e paredes, mas nas próprias vestimentas que usava, como se fosse a sua casa.

O gosto exótico de Naninha se vestir inspirou um o estilista cearense Ayres Junior⁸ que criou a coleção “a triste louca da reitoria”. A coleção do estilista era composta de vestidos rasgados feitos de tiras de tecidos, blusas rasgadas e saias com furos. A coleção pode ser vista no chamado Dragão Fashion. Na ocasião do desfile, as modelos simulavam Naninha caminhando com o seu aspecto sisudo, postura sempre ereta e passos firmes.

⁸ NADDAF, Ana. A mulher que virou croqui. Jornal O `POVO, Vida e Arte p. 07. 29 de novembro de 2001

Atualmente Naninha não está nas imediações da Reitoria da UFC (Universidade Federal do Ceará). Ele segue o seu caminho por vários lugares de Fortaleza, às vezes no calçadão da Beira Mar, nas proximidades da Assembléia Legislativa. Não é difícil ser percebida seja por um jornalista, fotógrafo, estilista ou antropólogo. Seu corpo sempre exuberante carrega uma mulher difícil de decifrar, suas dores, seus delírios, sua história.

Naninha não foi mais vista pela cidade. Sobre o seu sumiço Eleuda de Carvalho escreveu um artigo intitulado “Por onde anda Naninha?”⁹ Faço minhas as indagações de Carvalho:

“... Vi uma menina feliz de ir à escola, aqueles lixos de celulose transmutados em livros e cadernos. Vi nas pupilas dela, esta imagem. Por isso me lembrei de Naninha, a elegante louca que viveu uns cinco anos no ponto de ônibus da 13 de Maio, em frente à Reitoria. Porque a cidade é toda dela, arribou. Estava ali por perto da Assembléia, ainda carregou seu magrém de ave pela Barão de Studart. E, nunca mais. Sumiu. Quem me dá notícias de Naninha? Será que ainda está neste mundo ou desencantou desta tosca forma e voltou ao Paraíso?”

⁹CARVALHO, Eleuda. Por onde anda Naninha? Jornal O POVO, Opinião..28 de janeiro de 2005 p. 06.

1.3.2 A Casa na Rua

Maria tem 67 anos, mora no Centro, na Rua Barão do Rio Branco, quase esquina com a rua São Paulo em uma “casinha” de mais ou menos um metro e meio de altura por dois metros de largura, construída de papelão, madeira, coberta com um plástico preto. A casa possui a seguinte divisão: um lugar que serve de cama, suspenso em um estrado de madeira, forrado com um papelão grosso, o que deixa o lugar de dormir um pouco mais alto do chão; uma prateleira onde guarda seus utensílios (copos, pratos, colher e um espelho etc.); ao lado do lugar onde Maria dorme, estão várias caixas de madeira onde ela guarda outros objetos maiores, as caixas estão sempre cobertas com uma lona preta e vedada com corda de nylon, bastante resistentes.

Maria possui vários gatos de estimação, roupas, fragmentos de sua subjetividade expostos em sua casa: um espelho, a caixinha de grampos, um prato; uma carteira onde guarda seus documentos. A senhora de cabelos brancos, voz calma, olhar tranqüilo, recebe em sua casa com simpatia todos aqueles que são seus amigos e conhecidos. Para estes, faz questão de contar sua história: explica que o terreno correspondente à esquina da Rua Barão do Rio Branco com a rua São Paulo é de sua propriedade, que está movendo uma ação na Justiça com o intuito de reaver o imóvel. É nessa esquina que Maria deseja construir sua casa de alvenaria. Segundo ela, o abrigo é provisório, enquanto a questão não é resolvida. Ela diz que já possui dinheiro suficiente para comprar uma casinha em outro bairro, mas ela prefere onde vive e de lá não vai ser retirada por nada.

Situada debaixo de uma árvore ficus-benjamim, a casa de Maria aproveita-se das galhas, assim como de toda a planta. A árvore possui grandes fendas em sua raiz. Essas fendas servem para encaixar uma bacia com água, há galhos como um cabide serve para guardar alguns utensílios, como copos, toalha e as folhagens protege a casa do sol. (Como pode ser visto no capítulo cenas de rua)

Anexados ao lugar em que Maria dorme, estão várias caixas de madeira cobertas por uma lona preta. Nessa caixa, Maria guarda os objetos que não usa no dia-a-dia, mas que possui grande valor sentimental.

No dia em que fui visitar a casa de Maria perguntei: o que a senhora guarda dentro dessas caixas? Ela me respondeu: “São minhas coisas”, e tentou dissimular, como se não quisesse me mostrar o que havia dentro. Então insisti: “são roupas, lençóis, panelas, o quê?”. Foi então que me respondeu: “Aqui são as minhas coisas que eu tenho desde muito tempo, tem coisa do tempo que eu era mais nova. São roupas, coisas velhas.”

Fiquei bastante curiosa. Pensei que o conteúdo da caixa seria um “achado antropológico”, isto é, seria bastante rico em significados, o que me renderia bastante trabalho. Mas como percebi que Maria não desejava abrir as caixas, não insisti. Compreendi que os objetos que guardamos em segredo são essenciais para manter viva a memória. As caixas são os bens de Maria, não seria oportuno invadir a privacidade de uma pessoa. Compreendi que habitar na rua é também ter privacidade.

A apropriação do espaço público faz com que a casa se acople à paisagem da rua. Os passantes desviam da casa de Maria a fim de não esbarrar em suas coisas. A casa e a calçada se confundem, são duas instâncias em um único espaço. O limite entre a casa e a calçada praticamente não existe. O que demarca o lado de dentro e o lado de fora da casa são os signos do privado. O que concerne ao lado de dentro: a sua cama, os objetos pessoais, um espelho, um copo, utensílios de cozinha, a comida dos gatos que Maria cria e seus papéis, isolado por uma espécie de porta, que Maria fecha sempre que vai dormir. (Como pode ser visto no capítulo cenas de rua)

Do lado de fora, nas raízes da árvore, Maria improvisou uma espécie de cozinha, encaixado numa fenda há um vasilhame com água. Maria não cozinha em sua casa, mas é nesse local Maria que lava os copos e as colheres que usa.

A morada de Maria revela a ordem e a paz comum na esfera do privado. O fato de a cama estar suspensa por um gradeado de madeira, forrado

com papelão, alguns centímetros acima do chão difere Maria de outros moradores de rua, que deitam sob papelões rente ao chão, ou mesmo daqueles que deitam seus corpos na calçada sem nenhuma proteção. Maria tem um comportamento cortês, seu corpo e roupas limpas, cabelo penteado, chinelo no pé. Ela mesma que diz que se considera diferente dos outros moradores de rua:

Eu não deixo nenhum vagabundo encostar aqui, não. Eu gosto de ficar só mesmo [...] Eu dormia na Arca D' aliança, eles deixavam eu ficar lá, o vigia era meu amigo, mas depois veio um homem novato que não deixou mais não. Ele não queria que eu deixasse as minhas coisas na porta da loja, mas eu não atrapalhava nada. Agora eu não sou inimiga dele não. Eu entendi. Foi até melhor eu me mudar. Aqui eu tenho o meu cantinho, ninguém mexe comigo. O pessoal da sopa vem aqui, trás uma sopinha, pão, tem também a oração, que é muito importante [...] Você diz se eu tenho medo de ficar aqui sozinha? Eu não tenho medo, não, Deus é quem me protege.

Maria é uma senhora considerada “de bem” pelos seus vizinhos. Um rapaz que trabalha em uma loja, bem ao lado da casa de Maria, aproximou-se de mim no momento em que fotografava o lugar e perguntou: “É pra televisão ou pro jornal?”. Respondi que não, explicando que se tratava de uma pesquisa para Universidade Federal do Ceará. Então ele adiantou: “A dona Maria é gente muito boa, ela não mexe com ninguém, ela fica aqui quieta em seu cantinho. Agente que trabalha aqui perto ajuda sempre ela, um traz um café, outro um agrado.”

A permanência da casa de Maria durante tanto tempo em plena via pública, assim como a segurança de uma senhora idosa sozinha na rua é fruto da rede de ajuda comum nas ruas. Como diz Neves (1999, p. 112): “Os moradores e os trabalhadores da rua, por sua vez, associam redes familiares de vizinhança e de camaradagem, sendo recorrente o reconhecimento mútuo para a objetivação desse tipo de apossamento da rua”.

O abrigo de Maria é fixo, seu corpo é fixo. Ela não sai com frequência de sua casa e não perambula pelos espaços como faz a maioria dos moradores de rua. Segundo Maria, ela tem medo de ser assaltada das “poucas coisas que

possui”. Foi possível perceber em sua narrativa, que a sua casa construída na calçada é um bem importantíssimo. Apesar de ser aposentada¹⁰, com um salário que, provavelmente, poderia pagar um quartinho, a morada na rua lhe assegura o terreno localizado na esquina, que ela afirma ser seu:

“[...] Esse pedaço de terreno é meu, está na justiça. Aqui eu fico pastorando, ninguém pega, porque sabe que é meu [...] Tem muita gente boa, gente grande, de dentro da prefeitura que sabe que isso é meu. Por isso, eu não tenho medo de ficar aqui, aqui ninguém me tira, não [...]”

Maria, ou Tia Maria como é conhecida pelos voluntários da Casa da Sopa, espera que outras pessoas passem para visitá-la, ela garante que vai estar sempre em casa esperando as visitas em sua casa na rua.

1.3.3 A rua na Praça

A Praça da Gentilândia, localizada no Bairro de mesmo nome, é uma quadra vazia de jardins, bancos ou outros elementos constitutivos das Praças. A Praça está situada entre as ruas Marechal Deodoro, Treze de Maio e Paulino Nogueira. Apesar de possuir o estatuto de praça, no espaço não há a dinâmica comum das pracinhas dos bairros da cidade. A iluminação é precária, o piso é de cimento, estando em péssimo estado de conservação, é irregular e sujo. Somente as sombras, durante o dia, proporcionadas por imensas mangueiras, garantem o aprazimento do lugar.

¹⁰ Em entrevista, Maria diz que foi funcionária do Liceu do Ceará e se aposentou por tempo de serviço. Não se casou, não tem filhos. Falar sobre a sua família não foi fácil, pois Maria resistia sempre a alguma pergunta sobre os seus parentes.

A Praça possui uma espécie de *box*, uma construção de concreto, com uma entrada, que dá para um cômodo e ao lado banheiros. (como pode ser visto no capítulo canas de rua). Esse equipamento agregado à praça era utilizado pela feira livre que funciona na praça aos sábados e domingos. Essa feira é bastante antiga. Nas décadas entre 1960 e 1980, era lá que a comunidade dos bairros Gentilândia, Benfica, Centro, Fátima, Joaquim Távora, entre outros, comprava frutas, verduras, peixes e produtos típicos do Ceará como macaxeira, feijão verde, goma fresca etc.

Hoje, a feira tem dificuldade de resistir aos grandes supermercados que se instalaram no Bairro. Com poucas barracas, a feira livre da Gentilândia atende aos donos de casa mais velhos que freqüentam o lugar, não somente para comprar, mas também para se encontrar.

Com a falência da feira livre, o *box* que funcionava como ponto de apoio aos feirantes, foi ocupado por moradores de rua. O *box* virou casa, possui uma entrada, uma divisão interna que sugere um quarto, sala e cozinha. O lugar é sujo, nas paredes existe uma crosta de fumaça ou tirna de carvão, como se tivesse sido queimado, dando ao lugar uma aparência ainda mais decadente.

Na cozinha pequena, existe um armário velho. Nele estão expostos vários objetos, filtro de água, copos, garrafa de café, pratos, colher, latas de leite vazias, uma garrafa de bebida. Próximo ao filtro, produtos de higiene, escova de dente, saboneteira e frascos de remédios. (como pode ser visto no capítulo cenas de rua)

Os rótulos das latas proporcionam uma comunicação visual: Nescau, nestongenon, neston, são produtos vendidos em larga escala no mercado para alimentação infantil, sendo símbolos de boa nutrição. Mas as latas não contêm os produtos anunciados no rótulo, elas servem de depósitos para guardar outros alimentos, como açúcar, farinha e sal.

O quarto, que também é sala, possui uma cama, um cabide, um varal de roupa, um vaso com planta artificial e uma cadeira. É no quarto-sala em que fui recebida pelo atual dono da casa. Ele se chama Carioca, rapaz jovem, com um

sotaque de quem veio do Rio de Janeiro, braço tatuado, calças jeans, boa fluência verbal.

Na conversa que tive com Carioca, ele afirmou que já estava com tudo pronto para viajar naquele dia para Teresina, de carona com um ônibus de turismo que transportava estudantes do Pará que participavam de um encontro no CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica). Carioca disse que, por ser seu último dia na casa, permitia que eu fotografasse o lugar.

A casa não possui um dono fixo, fica no comando aquele que se instalou primeiro, quando este sai, outro ocupa o lugar. Vários moradores de rua ocupam a casa da praça para dormir ou se encontram formando rodas de cachaça. Jovens, aparentemente de classe média, também freqüentam a casinha. Pude perceber que naquele lugar também seus freqüentadores fazem uso de drogas.

Carioca é tipicamente um nômade, ele diz:

“Eu não tenho canto certo, hoje eu estou aqui, amanhã estou no Maranhão, no Rio, em qualquer lugar. Eu estou mesmo é passando uma chuva por aqui, eu vim para resolver umas coisas. Conheci uma garota, mas mulher prende demais agente, a mulher só me meteu em confusão, vou cair fora hoje mesmo [...]”

À noite, vários catadores de papel, com seus carrinhos, estacionam permanecendo em torno da praça. Eles se reúnem, sem finalidade aparente, apenas esperam o tempo passar, descansam, esperam os grupos que passam à noite distribuindo o sopão.

A ocupação da Praça da Gentilândia por moradores e trabalhadores da rua dá a esse lugar a característica de um território transitório, um “ponto nodal”. Na prática nômade, é um lugar transitório, onde se aglomeram sujeitos que compartilham a mesma sociabilidade.

O registro da imagem foi realizado em dezembro de 2003. Atualmente, a praça encontra-se fechada. Tapumes, como um muro, dividem a praça das ruas que a circundam. O espaço que servia de abrigo a moradores de rua foi demolido.

Outra praça está para surgir, com outro cenário, com outras cenas e certamente outros personagens..

Capítulo 4

Cenas de rua

A cidade é um organismo pulsante, é constituída de trajetos e dos encontros, numa intensa profusão de ritmos e várias comunicações, seja verbal ou não verbal. Nos seus espaços erguem-se variadas construções, prédios, avenidas, monumentos, favelas, territórios de diferentes naturezas. Também faz parte de sua paisagem os seus habitantes com os seus gestos e expressões próprios que informam a sua dimensão sgnica.

Os moradores de rua fazem parte da paisagem da cidade e de sua dinâmica, mas eles estão num mundo “submerso”, paralelo. Às vezes não são notados pelos outros habitantes ou pelos poderes públicos. O transeunte apressado não vê, mas os moradores de rua deixam no espaço a marca de sua sociabilidade. Os lugares ocupados são manifestações concretas do espaço, constituído de hábitos e usos (Ferrara, 1999).

Desse modo, a inserção dos moradores de rua e o modo como interferem no ambiente urbano pode ser lido através de um “texto sem palavras” que enuncia os sentidos da relação entre os sujeitos e os espaços. A leitura dessas imagens remonta fragmentadamente o cotidiano da cidade, das relações tecidas numa esfera microscópica. São relações que refazem a realidade estabelecida, criando sutilmente rupturas com o poder instituído que projeta os espaços.

As fotos são fragmentos de imagens enquadradas na lente do pesquisador que fez um “recorte” no ambiente, selecionando uma cena do restante de tantas outras existentes no mesmo ambiente urbano. É fruto de um trajeto que realizei por algumas ruas do Centro e de seus bairros adjacentes procurando vestígios da rua, elementos que contam uma história ordinária da cidade. Assim, concluo que as fotografias são uma seleção subjetiva como diz Canevacci (1997: 140): “[...] Nas fotos não existe a objetividade, mas sim uma redução, que é sempre também uma particular interpretação”.

A fotografia oportunizou o “congelamento” da realidade, pois os vestígios da rua têm vida efêmera, vivendo um curto instante de observação, pois a dinâmica intensa da rua desloca o sujeito retido na imagem ou a própria imagem para outro contexto. Foi assim com a Praça da Gentilândia, quando esta fora interditada para realização de uma reforma, ou com o vigilante que permaneceu no lugar somente a noite.

O olhar capta e registra, transformando a imagem em texto. São modos de habitar e de interferir no ambiente urbano, catalisando elementos de uma sociabilidade própria das ruas, revelando as temporalidades, as cores, o reaproveitamento de materiais, assim como a vida e a subjetividade de seus habitantes.

1. A casa de Maria



Situada na Rua Barão do Rio Branco quase esquina com a Rua São Paulo a casa de Maria foi construída com plástico, restos de madeira e papelão. Em frente a sua casa, Maria exhibe uma cadeira para algum visitante. Não há fronteiras entre a casa e a rua, toda a calçada pertence à casa de Maria, obrigando o transeunte que passa pela calçada a desviar e seguir pela pista. O transeunte mais desavisado entra pela “cozinha-sala” e invade o espaço da casa.



O modo como Maria estruturou a sua moradia evoca as casas convencionais, um cômodo interior, como um quarto privado onde ela dorme e guarda alguns utensílios. O sentido do doméstico pode ser percebido através de fragmentos da cena da casa de Maria, nos seus gatos que ela faz questão de alimentar com ração, nas panelas que lhe servem para guardar comida, nos vasilhames vazios que Maria reaproveita para estocar alimentos. A imagem captada mostra a embalagem de sabão em pó Ala, ressaltando uma prática imprescindível para os ocupantes de

uma casa, a lavagem de roupas e utensílios de modo geral. A prática de lavar roupas é pouco comum entre alguns moradores de rua, que descartam as suas roupas sujas.



O interior da casa de Maria. Nessa cena, vê-se além de alguns utensílios, o pão de pendurado no teto da casa. Modo funcional de guardar os objetos e alimentos, dando o sentido da despensa e de que tudo que é arrecadado deve ser guardado para um melhor aproveitamento ou a garantia de alimentação em outro momento.



A velha árvore de ficus benjamim na calçada serve de telhado para a casa de Maria. Um abrigo, um teto propiciando uma confortável e estável sombra. Isso faz sentido se pensarmos a idéia do abrigo como proteção ao mundo exterior. Na cena, Maria posa para foto, mostrando a sua casa.



Um lavatório é construído no tronco da árvore, uma balde, e um caneco são dependurados de modo útil e criativo. Essa imagem lembra as casas do interior que não possuem água encanada, mas são rigorosamente lavados e arreados panelas e copos de alumínio pelos seus moradores. A árvore é cabide, é armário e depósito na arte de recriar os espaços. Uma invenção que se assemelha a arte, pois a estética, o recorte, são recursos feitos com prazer, feitos não somente para a utilização, mas para a contemplação e a doação. Como diz De Certeau se referindo a arte da sucata:

“... o operário trapaceia pelo prazer de inventar produtos gratuitos destinados somente a significar por sua obra um saber-fazer pessoal e a responder

por uma despesa a solidariedades operárias ou familiares (...) ele realiza ‘golpes’ no terreno da ordem estabelecida”.

A arte da transformação faz das coisas descartadas ou naturais, como no caso das arvores, um imenso potencial de recriação na dinâmica de uma nova ordem. São estratégias de sobrevivência e economia para aqueles que não tem como consumir, mas também está para além das necessidades do corpo e da sobrevivência, a transformação está o nas entranhas do homem enquanto reprodutor de cultura.

2. A Casa da Praça



Antigo box, construído na Praça da Gentilândia localizada no Bairro da Gentilândia entre as ruas Treze de Maio, Marechal Deodoro e Paulino Nogueira. O lugar é ocupado por moradores de rua. Vê-se um lugar cheios de detritos e mal conservado. Do lado de dentro, um conjunto de signos revelam a reconstrução de um ideal de casa.



Cena do interior da casa. Na entrada um quarto-sala uma cama, um varal de roupas, um cabide são expressões da utilidade dos objetos reaproveitados para dar sentido de casa. Na casa improvisada, o espaço abandonado pode ganhar vida. Os sentidos do domestico são expressos também pelo apelo a beleza e a decoração. O vaso decorativo contendo de

planta reproduz as casas populares que são ornadas com objetos de plástico e flores artificiais.



Num canto, transformado em cozinha, um filtro de água, uma escova de dente, uma saboneteira e frascos de remédios são organizados. Esses utensílios revelam a preocupação com a higiene e saúde dos moradores da casa.



Ainda na cozinha as latas de leite e outros produtos vazios propiciam uma intensa comunicação visual de produtos consumidos. Esses vasilhames são reutilizados pelos habitantes da casa para armazenar alimentos, um modo de proceder um outro aproveitamento de depósitos descartados pela sociedade de consumo.



O relógio quebrado pendurado na parede não indica o horário correto, mas reproduz a noção de tempo como disciplinador das condutas dos indivíduos na sociedade industrial. Ambígua relação dos moradores de rua que habitam a casa da Praça, que de modo geral não cumprem com as normas e horários estabelecidos pela lógica do trabalho, e de outro modo ficam os marcos desse tempo no doméstico.

3. A invisibilidade dos que moram na rua



O olhar disperso de Rita, moradora de rua da Praça José de Alencar revela a solidão da rua. Na cena, é possível ver ao fundo a multidão de transeunte que passa frequentemente na praça e em seu em torno.

Rita não percebeu que estava sendo fotografada, apesar da pose. Apenas o silêncio, apenas um olhar perdido como se ela não fizesse parte da cena, como se para ela a praça e sua multidão não existissem. O mundo culto de Rita é semelhante à de outros moradores de rua que vive perambulando num permanente delírio, sem tempo, sem destino, sem desejo?.

Rita observa vagamente o movimento, mas pessoas que transitam próximo a ela não a percebe, Rita é invisível para os transeuntes.





Dormir na rua é uma das principais características de quem é seu morador. A noite é fria, mas com ajuda da cachaça que esquenta o corpo e entorpece, é possível dormir mesmo no chão.

A marquise é o teto que abriga o corpo do vento e da chuva. No chão, o corpo é protegido com um papelão ou lençol. No alto da marquise, um alambrado de madeira ironicamente comunica a venda de colchões e espumas.



Nessa cena o “rastros” de quem esteve dormindo na rua. Debaixo da marquise, fragmentos da noite, o papelão como cama, lençol, os restos de comida, copo descartáveis com alguma comida, provavelmente doada.

4. Guardiões da noite



Os vigilantes são os guardiões do Centro da Cidade durante a noite. Para os moradores de rua, conquistar a amizade e a tolerância com o vigia da rua ou da loja do lugar onde dorme é de fundamental importância. Na cena, Wellington posa com José num ato de camaradagem, tendo a carroça de papelão ao fundo. Nas mãos de Wellington, bem amostra um cacete, sua arma de defesa.



O vigia e sua mulher. As mulheres sejam elas esposas, namoradas ou amantes acompanham seus companheiros durante o serviço noturno. Elas se submetem a dormir no chão ou em cadeiras, sem nenhum conforto. Nessa cena, o vigia posa com sua mulher ao lado. Ele na cadeira velava por ela que dormia numa cama improvisada no chão.

4. A cidade como palco

*[...]Vai batendo a velha noite no subúrbio da tristeza
e a madrugada sai num trem azul do céu
fabricando a luz da ilusão
São olhares sem janelas, derramados na sarjeta,
passarada, negra solidão, traficando a última visão[...]
(Cidades e Lendas-Fausto Nilo e Zé Ramalho)*

É através da poética de Fausto Nilo que ilustro a reflexão sobre o urbano, não somente como espaços de crescimento industrial e populacional, mas, principalmente, como modo de ser e de viver, já que o urbano produz uma cultura diferenciada das experiências rurais. Os cidadãos constroem significados, tecem relações a partir de suas vivências nos espaços da urbe.

São nas ruas das grandes cidades que se desenrolam as experiências de homens e mulheres que fazem desses espaços suas moradas. Certa vez, um colega perguntou se eu considerava os moradores de rua produtos da cidade grande ou se a experiência de morar na rua era também vista em pequenas cidades. Não tive uma resposta imediata. Dizer que os moradores de rua não são vistos em cidades pequenas parece reducionista, mas, certamente, a condição de morar nas ruas é uma experiência urbana comum nas grandes cidades.

Foi essa questão que me fez articular a idéia de cidade como palco. São nos vários espaços da cidade que os moradores de rua “encenam” tramas, conjugam linguagens e tecem parcerias com outros atores sociais da cidade que também demarcam territórios, principalmente nos pontos de confluência como o Centro, mercados e praças .

A história das cidades trazem, em seu bojo, a gênese da ocupação dos moradores de rua e de outros personagens da rua como os artistas de circo

mambembe, os mendigos, as prostitutas, entre outros. Esses atores nascem junto com a cidade.

No período pré-capitalista, os pobres e “malditos” ocupavam as ruas, esse era o seu lugar natural, já que a nobreza não ocupava os espaços públicos. Na idade média, a presença de mendigos e populares nas ruas são as expressões de uma cidade plural, onde a praça pública encena inversão, espaço que abriga mágicos, vendedores, ciganos, mendigos e miseráveis.

Mendigos e miseráveis foram retratados por Rembrant, J. Collot, descritos por Victor Hugo e Souval, pontuando o imaginário medieval, tendo um significado quase místico, estando presentes não somente na arte, mas também na tradição oral do povo, nas histórias e lendas daquele tempo. Os pobres da idade média, mesmo sendo desfiliaados, vivendo na penúria e sem nenhum direito social, à aceitação de miseráveis e mendigos na cidade incorporam o *ethos* cristão da pobreza: a riqueza como miséria e miséria como riqueza.

A freqüente utilização do espaço público pela burguesia, classe social que estava em franca ascensão nos séculos XVII e XVIII, separou os espaços, tentando discipliná-los. Os mendigos foram afastados das ruas, e para eles, são criados os abrigos e manicômios. Os esforços dos arquitetos, dos médicos e sanitaristas da época foram mobilizados para a tentativa de disciplinamento e a higienização do espaço e do corpo. Como diz Geremek (1995, p. 28).

Na metade do século XVII, a monarquia francesa adota contra os vagabundos severas medidas, que incluem a repressão policial e a grande reclusão dos pobres no *Hôpital General*, o asilo central onde seriam colocados todos os mendigos e vagabundos de Paris; a solução devia ser logo aplicada em outras cidades da França.

A prática de reclusão dos mendigos e miseráveis do espaço público ganha legitimação no movimento de sanitaristas a partir do século XVIII, quando reformadores sociais e utopistas embebidos da sede de saber precisar as características daquele tempo. É preciso ver o que acontece por trás das fachadas

decadentes, dentro dos casarões promíscuos, nos pátios e arrebalde de onde advinha a “doença” física e moral (SANTOS, 1998).

A ocupação do espaço público pelos burgueses se tornou proeminente durante os séculos XVIII e XIX. Nesse período, o sentido de público estava relacionado ao “cosmopolitismo”. O que fazia um burguês cosmopolita era o fato de se movimentar despreocupadamente em meio às adversidades. O cosmopolita está à vontade em situações que não são familiares, é um homem público por excelência (SENNETT, 2001).

Para Sennett (2001), o estar em espaço público, porém, requeria um comportamento adequado dos cidadãos, exigia padrões de “civildade”. Nesse sentido, a relação entre público e privado se estabelece como fronteira tênue. Nela estão duas naturezas humanas, uma natural, desenvolvida pela família e outra social que se dá no espaço público.

A linha divisória entre a vida privada e a vida pública constituía essencialmente um terreno onde as exigências de civildade – encarnadas pelo comportamento público, cosmopolita – eram confrontadas com as exigências da natureza – encarnadas pela família. Os cidadãos viam conflito entre essas exigências; e a complexidade dessa visão residia no fato de que se recusavam a preferir uma em detrimento da outra, mantendo ambas em estado de equilíbrio. (SENNETT, 2001, p. 33).

À medida que as cidades cresciam nos séculos XVIII e XIX, foram construídos espaços de sociabilidade pública, parques, lugares de passeios, cafés, teatros, que foram abertos à utilização da burguesia em ascensão, assim como às elites, antes confinada nos salões aristocráticos, que puderam, então, usufruir os espaços públicos da cidade. Essas classes encontraram aqueles que já viviam pelas ruas: mendigos, pobres, loucos (MAGNANI, 2003).

O contato com a pobreza produziu na burguesia emergente um estranhamento, isto é, as diferenças entre as classes sociais podia ser notada principalmente no comportamento, na maneira de se vestir. Os “manuais” de bom comportamento já salientavam como devia ser o relacionamento com os

estranhos. Manter distanciamento e cuidado eram os conselhos ouvidos pelos filhos.

O estilo de vestimentas fazia a demarcação das fronteiras sociais. Essas deveriam estar condizentes com o espaço. Havia uma distinção social através das roupas usadas em público:

O tipo de trabalho poderia ser lido a partir de roupas específicas adotadas pelos ofícios, bem como reconheceria o status de um trabalhador dando-lhe uma olhada rápida em certas fitas e botões que usava [...] os ocupantes das posições superiores da sociedade apareciam na rua em trajes que não apenas os distinguiam das ordens inferiores, como também dominavam a rua (SENNET, 2001, p. 89).

Em Fortaleza, o processo de modernização e, conseqüentemente, de disciplinamento da pobreza não foi diferente de outras cidades brasileiras. A caracterização do espaço urbano do modo como se vê hoje, assim como o modo como as diferentes classes sociais ocupam os espaços, inclusive os moradores de rua, tem sua gênese no século XIX. Os freqüentes períodos de seca vividos nesse período foram influenciadores de uma dinâmica urbana própria. A seca trouxe milhares de pessoas para a “cidade grande”, influenciando a formação de bairros periféricos, como também na utilização do espaço público por moradores de rua e mendigos que, desenraizados de seu lugar de origem, perambulavam à procura de novo lugar para viver.

Fortaleza, cidade moderna no século XIX, absorveu os reflexos das mudanças ocorridas na Europa, principalmente, as realizadas na França entre os séculos XVIII e XIX. Era o tempo da *Belle Époque*, quando os modismos se exibiam e onde os intelectuais podiam se encontrar em praça pública, numa efervescência de idéias e acontecimentos.

O crescimento das cidades necessitou, por parte dos poderes públicos, de um controle social das massas que “invadiam” os espaços da cidade. Nesse sentido, vários mecanismos de disciplinamento e exclusão da pobreza na cidade foram postos em prática, assim como em cidades européias. A reforma urbana

idealizada por Adolfo Herbster em 1875, que alinhou ruas e casas, num rígido código de postura, disciplinou não somente os espaços, mas também o comportamento social dos moradores da cidade.

Para tanto, o poder público impôs o padrão civilizatório europeu em forma de lei, instaurando, assim, um novo modelo de cidade moderna. Os principais deveres dos cidadãos estavam relacionados a sua postura dentro de casa e ao uso do espaço público. A idéia disseminada era de que a “boa conduta” dentro da casa tinha um grande papel na obra civilizatória. A concepção de que é em casa onde os costumes são gestados.

Como espaços intermediários entre a casa e a rua, as fachadas, as salas de estar e as varandas foram alvo de preocupação do poder público. Era necessário embelezar e limpar as fachadas, padronizar os espelhos colocados na sala, padronizar o tamanho das portas, os habitantes não poderiam se deixar ver pelos que passam do lado de fora, como também era necessário manter a “saúde moral”, como determinava a resolução, aprovada na Câmara Municipal de Fortaleza:

A Resolução nº 1.818 de 1º de fevereiro de 1879, que aprovou o Código de Posturas para a cidade de Fortaleza, nos dá uma ampla visão da proximidade que os camaristas fortalezenses queriam impor entre casa (vida privada) e a rua (vida pública). O artigo 98, em seus parágrafos 6 e 7, respectivamente, “proíbe comportamento desonesto dentro da própria casa”, sob ameaça expressa de “penas criminais” e multa de \$ 5000 réis, quase cinco vezes maior que o salário mensal do Procurador municipal, o mais bem remunerado funcionário público municipal [...] (VIEIRA, 2002, p. 19).

Durante todo o século XIX, a marca da urbanização em Fortaleza foi caracterizada pelo aformoseamento das residências, ruas e praças. Como diz Pontes (2001), a reforma tentou imitar o projeto implementado pelo barão de Haussmann na França estabelecendo o alargamento de ruas e avenidas, estendendo o traçado em xadrez até os subúrbios. A intenção do projeto

urbanístico, além de embelezar e alinhar a cidade, também tinha o intuito de coibir possíveis conflitos, já que o traçado em paralelo permitia uma visão dos acontecimentos nas ruas.

A reforma urbanística do século XIX também ensejava preparar a cidade para o desenvolvimento econômico, que nesse período estava em ascensão, como o crescimento da exportação do algodão para o mercado externo. Obras como a melhoria do porto e a construção da ferrovia Fortaleza-Baturité estão entre os principais feitos. (PONTES, 2001).

Na esteira daquele contexto de crescimento econômico-urbano, a estrutura social da Cidade sofreu importantes modificações com a emergência de novos grupos dominantes, a constituição de camadas médias influentes composta em razão da proliferação de profissionais liberais, além do surgimento de um contingente de trabalhadores pobres – ativos ou em disponibilidades – configurando-se, assim, a formação de um mercado de trabalho urbano em Fortaleza. (PONTES 2001, p.24)

O crescimento econômico, aliado ao fenômeno da seca que provocou a chegada de milhares de retirantes, propiciou um redesenho da cidade. É nesse contexto que nasce também o medo da multidão, da pobreza e dos “desvios morais”. A classe abastada deveria manter-se distante dos pobres e dos diferentes.

A situação de pobreza e seca em que viviam os sertões cearenses durante os anos de 1877-1879 fez com que a cidade fosse “invadida” por retirantes e mendigos. A esses foi implementada uma política de isolamento, impedindo que eles chegassem à cidade. Foram criados abarracamentos localizados nos subúrbios da cidade (NEVES, 2002). Esses lugares tinham a intenção de manter os miseráveis que chegavam o mais distante possível do perímetro central. Os diversos registros históricos citados por Neves (2002) contam a situação dos abarracamentos, e revelam que se tratavam de lugares insalubres, com casebres e barracos, sem energia elétrica, água potável e condições de higiene.

O lugar dos pobres em Fortaleza do século XIX era bem definido. A idéia de que a pobreza era insalubre à cidade fez com que a nova planta de 1875 criasse o perímetro central e os subúrbios, sendo os subúrbios o lugar “natural” dos pobres e dos retirantes que chegavam durante os períodos de seca. Essa idéia da criação de um perímetro central e os subúrbios povoados ou arrebalde ganhou força institucional e caberia aos poderes públicos cristalizar a idéia de que eram os subúrbios os principais espaços de acúmulo de dejetos e “vícios nocivos à sociedade” (VIEIRA, 2002).

Foi durante os períodos de seca que a cidade presenciou um grande número de miseráveis nas ruas. Neves (2002) ressalta que, no ano de 1900, a situação dos miseráveis na cidade era bastante crítica. Tratava-se de uma multidão de pedintes andrajosos, a perambular pelas casas e praças, em busca de ajuda, de esmolas e alimentos, que davam aos moradores uma sensação de uma cidade ocupada.

Assim como os abarracamentos, um outro mecanismo emblemático de contenção espacial da miséria, principalmente dos retirantes que chegavam durante os períodos de seca, foram os campos de concentração, criados no início do século XX. Os campos de concentração eram espaços de isolamento localizados fora do perímetro urbano em vários pontos do interior do Ceará, que barravam a entrada de migrantes nas cidades. Nesses lugares, os retirantes trabalhavam em frentes de serviços, que, além de manter os retirantes no campo, longe da cidade, também lhes garantia um mínimo de condições de sobrevivência com doações de comida e remédios.

Havia sete campos de concentração em todo o estado do Ceará, que chegavam a abrigar milhares de “flavegelados da seca”. Nesses lugares a vigilância era constante. “Dos campos de concentração não se podia sair sem autorização dos inspetores. Havia guardas vigiando constantemente o movimento dos concentrados” (RIOS, 2002, p. 122).

Na cidade, a ordem era garantida pelos abarracamentos, mas outros mecanismos “eficazes” de ordenação da pobreza foram implantados, como as

instituições correccionais, os asilos, as hospedarias, entre eles, o asilo de alienados São Vicente de Paulo, a Casa de Pobres e os leprosários. Havia o aprisionamento de mendigos e loucos que perambulavam pelos espaços públicos de Fortaleza.

Os loucos que perambulavam causam incomodo por não se adequar aos padrões de normalidades estabelecidos, especificamente para eles foi criado o asilo de alienados São Vicente de Paulo localizado na Arroches, onde hoje se localiza o bairro Parangaba. Pontes (2001) ressalta os discursos médicos e políticos locais justificando a necessidade de uma instituição asilar na cidade. As justificativas são: “o equacionamento do problema de loucos no espaço urbano; [...] retirar os dementes do seio das famílias e livrá-los da associação com o crime [...] A inadequação clínico-espacial da Santa Casa de Misericórdia no tratamento de doentes mentais” (PONTES, 2001, p. 98).

O discurso implementado pelos poderes públicos e pela elite de Fortaleza do século XIX tentava mostrar que a “caça” aos mendigos e loucos era um ato benemérito de caridade cristã. O discurso da recém-burguesia industrial, que engajava os retirantes nas primeiras fábricas que se instalaram em Fortaleza, tinha a conotação do trabalho como função disciplinadora de contenção dos pobres em seus “espaços naturais” – os subúrbios da cidade.

O jornal *A Jandaia*, revista voltada para o mundanismo elegante, assepsia e conforto urbano, revela pouca tolerância aos mendigos, associando a sujeira e a proliferação de lixo à prática da mendicância:

Eles estão por toda parte: nos pátios dos templos, nos passeios das ruas, nas avenidas, nas noites de festas, nas procissões periódicas [...] e há por aí tanta instituição pia e beneficente [...]. O que se observa é que Fortaleza, a terra da luz, do sol, do luar de prata, é também a terra das kermesses e dos mendigos. Como isso nos intrestesse! (“Kermesses e mendigos”. *A Jandaia*. Arte e literatura e atualidades. Fortaleza, ano I, n. 43, 1924, p.11 apud. Pontes, 2001 p. 161)

Apesar das tentativas de disciplinamento, hoje o “doido de rua”, como é chamada a pessoa com distúrbios psíquicos que perambula pelas ruas, foi

acolhido pelos habitantes do bairro ou da comunidade em que vive. As pessoas normalmente conhecem a sua história. Que bairro ou localidade não possui um louco de rua?

Na Parquelândia, bairro de classe média de Fortaleza, e em suas adjacências, caminha todos os dias um homem que simula uma locução de rádio. Cria personagens, mistura-os com pessoas reais e fala bastante auto, alardeando pela rua suas notícias. Os moradores já o conhecem, por isso não se incomodam com a sua presença. Mas quem passa despercebido, assusta-se com o barulho e com a incoerência de suas palavras.

Outro “louco de rua” é um rapaz que corre por algumas ruas e avenidas da cidade simulando dirigir um carro. Ele faz manobras, como se estivesse pegando a direção, buzina, e simula com a mão direita as marchas de um carro. O homem chama atenção dos que passam, principalmente dos motoristas que fazem verdadeiras manobras para não atropelá-lo.

As tentativas de disciplinamento nos espaços públicos em Fortaleza não se restringiam aos pobres, migrantes e loucos, mas também àqueles que não possuíam “boa conduta moral”, como era o caso das prostitutas e dos bêbados. O lugar que os bêbados e as prostitutas ocupam no imaginário brasileiro é a rua. As expressões como “mulher da rua”, “pôr no olho da rua”, “ficar na sarjeta”, revelam sentidos que colocam a rua como espaço ruim e sujo. Em oposição, está a casa, que, por sua vez, possui a imagem de abrigo e proteção. Como diz o ditado popular: “quem boa romaria faz, em sua casa está em paz”. A casa não é somente o lugar onde habitamos, mas é, essencialmente, um espaço onde se cristaliza a esfera do familiar.

No início do século XX em Fortaleza, mesmo diante da tentativa de disciplinar a prostituição, “os prostíbulos faziam parte do cenário urbano dando um tom boêmio, transgressor, festivo e violento às noites da cidade, constituindo-se múltiplos conflitos e personagens” (GUEDES, 2000, p. 53). A prostituição ocorria em lugares destinados a essa prática, havia uma “especialização” da desordem

que fazia dos cabarés e “pensões alegres” lugares restritos à prática da prostituição, distantes dos olhos das senhoras “decentes”.

Tanto o alcoolismo, como a prostituição eram considerados desvios morais, devendo ser combatidos. O projeto de disciplinarização de então propugnava comportamentos idealizados para homens e mulheres. Ao homem, cabia o dever de ser trabalhador, de prover a família com alimentos, abrigo e amparo, à mulher, o dever de obediência e do cuidado doméstico (GUEDES, 2000). Desse modo, o alcoólatra aparece como degeneração do masculino e a prostituição, como degeneração da imagem feminina de mãe e esposa.

Os mendigos que perambulavam pelas ruas da cidade sofriam duplamente a rigidez disciplinadora dos poderes públicos, que desejava o *status* de cidade “limpa” e moderna para Fortaleza. Primeiramente, pela prática da mendicância, visto que os pobres e mendigos deviam permanecer nos subúrbios da cidade, longe da elite econômica, como também pelo hábito de beber bebidas alcoólicas, que fazia deles pessoas que não tinham interesse pelo trabalho.

Guedes (2000) lembra a importância do botequim como lugar de lazer daqueles considerados de “classe baixa”, principalmente dos usuários de bebidas alcoólicas que ficavam nesses estabelecimentos “jogando conversa fora”. Os botequins eram alvo de disciplinarização e moralização, tanto do poder público, como das ligas anti-alcoolismo. Esses lugares eram alvo de denúncias, ao contrário dos cafés que tinham freqüentadores das classes média e alta, intelectuais que bebiam uísque, enquanto conversavam sobre política. Nesse sentido, notadamente, as medidas disciplinadoras tinham a intenção de coibir o direito ao lazer de pobres nos espaços públicos.

Os “loucos de rua” e mendigos podem ser visto nos vários bairros da cidade, mas é no Centro que podemos encontrá-los em maior número. A mudança de bairro residencial para bairro eminentemente comercial foi um processo que não pode ser desvinculado do crescimento da própria cidade. O crescimento populacional acontece a partir das décadas de 1950. É a partir desse período que se dá o desenvolvimento industrial e comercial da cidade. O crescimento

populacional e econômico conferiu à Fortaleza o *status* de cidade moderna, mas também acelerou o aumento da pobreza e das zonas periféricas. Foi nesse período que surgiram os grandes núcleos favelados existentes até hoje, como o Lagamar, o Pirambu, a favela Verdes Mares, posteriormente, o bairro do Dendê, entre outros.

O Centro da Cidade, aos poucos, foi se transformando em espaço comercial, iniciando-se um processo de “expulsão” de sua população residente, que vai ocupando os bairros. Foi então que o Centro passou a ter significativa importância para a cidade. Lá estavam agregadas as atividades comerciais, administrativas e financeiras. Era o endereço das principais lojas, os maiores bancos, vários escritórios de advocacia, de contabilidade, consultórios médicos.

Mas, a partir da década de 1980, o Centro iniciou um processo lento de modificação em sua estrutura e em sua paisagem. Essa mudança está intimamente ligada às mudanças ocorridas na cidade como um todo. A descentralização das atividades comerciais proporcionou ao Centro uma nova configuração.

Com um movimento de expansão que durou quase 30 anos, a cidade que vemos hoje é uma metrópole multifuncional e descentralizada com atividades comerciais em diversos bairros da cidade. O refluxo de atividades na área central, ressaltado por alguns setores como um paulatino processo de decadência, coincide com a presença, cada vez mais intensa, de atores “banidos” da sociabilidade “oficial”.

A Aldeota se consagra como um dos bairros mais procurados pelas classes média e alta para compra de imóveis, provando uma crescente verticalização e o aumento do fluxo de veículos na malha viária. Mas, nas décadas 1980 e 1990, Fortaleza se expande para a região sul, incrementando empreendimentos já existentes com Shopping Iguatemi e a Universidade de Fortaleza – UNIFOR. A construção da avenida Washington Soares levou a essa região uma intensa procura por moradias de classe média e alta, evidenciados na abertura de novas ruas e na construção de condomínios fechados e casas de

padrões luxuosos. Conseqüentemente, ao longo da avenida, instalaram-se vários empreendimentos do setor de comércio e serviços, dando intensa vitalidade a uma região que até vinte anos atrás era quase totalmente desabitada.

Foi a partir da década de oitenta que novos personagens entram em cena no uso do espaço público: movimentos sociais, meninos de rua, gangues e galeras, subempregados, desempregados. Intricados na relação novo *versus* velho, hoje, como na Idade Média e na cidade moderna, à revelia do controle urbano, os moradores de rua, mendigos, prostitutas e outros atores sociais continuam ocupando ruas, becos, praças, marquises, estações de metrô. São considerados delinqüentes dos espaços, porque teimam em utilizar o espaço que não foi destinado a eles e estão sempre a “assombrar” os outros moradores da cidade com a sua presença sempre insólita.

Em meio a mudanças espaciais, econômicas e sócio-culturais, uma nova paisagem urbana se configura de modo bem distinto da cidade moderna. Caracterizando-se pela aceleração do tempo por uma nova lógica de produção industrial e apropriação cultural. A cidade “pós-moderna” surge num processo social de construção de novos referenciais.

A imagem se corporifica na cidade pós-moderna, a imagem é tudo. A aquisição de uma imagem (por meio de um sistema de signos com roupas de *griffe*, carro da moda, entre outros) torna-se elemento singularmente importante. “Dada à capacidade de produzir imagens como mercadorias mais ou menos à vontade, é factível que acumulação se processe, ao menos em parte, com base na pura produção e venda da imagem”. (HARVEY 1992, p. 260).

A imagem que corporifica a cidade pós-moderna é a exacerbação do consumo. Não são somente mercadorias que são consumidas, mas o espaço torna-se produto, “um nexo fictício, uma imagem que uma larga faixa da população pode comprar, um panorama onírico de consumo visual” (ZUKIN, 2000, p. 82).

Os espaços modernos não foram extintos, mas estão sendo resignificados. As regiões central e histórica das cidades antes degradadas está

passando por processos de requalificação e transformadas em espaços liminares (ZUKIM, 2000). Os espaços “liminares” resignificam os usos modernos, misturando funções e histórias, lugares lucrativos com não-lucrativos, casa com espaço de trabalho, dificultando o esforço de “identidade espacial”, comum nas cidades modernas.

Diante de tantas transformações ocorridas na cidade, que lugar tem os atores sociais considerados excluídos? Especificamente, qual o lugar dos moradores de rua? O lugar dos pobres foi (e ainda continua sendo) determinado pelo poder instituído, ao sabor dos planejadores urbanos ou do mercado imobiliário, mas a transgressão dos espaços da cidade é algo recorrente, seja na cidade antiga, moderna ou pós-moderna. Os pobres estão na cidade, cruzam os seus diversos espaços, desfazendo fronteiras estabelecidas. Como nos coloca Ferrara (1998), os usuários transgridem os espaços porque são capazes de ir além de um “juízo perceptivo”, de uma representação. Cotidianamente, realizam inferências, escrevendo um texto sobre a cidade, um texto não verbal.

À revelia dos mecanismos que barram a presença dos pobres e miseráveis considerados diferentes, eles continuam ocupando os lugares que não foram destinados para eles. Vêm de lugares longínquos, tomam ônibus, trem, caminham a pé, cruzam por vários territórios, até chegar ao seu destino: praias, nos arredores de *shoppings*, bairros nobres, entre outros. O caráter dinâmico do espaço público promove o inevitável encontro entre os vários atores sociais.

No caso específico dos moradores de rua, que percorrem as ruas por motivos variados, em busca de ocupação, em busca de um lugar para dormir, para matar o tempo, sua presença, muitas vezes, nem é notada, principalmente durante o dia. Eles parecem esconder-se numa cidade subterrânea, lugar onde estão os personagens considerados “malditos”.

Por isso, posso dizer que as cidades comportam outras cidades dentro de si. Como se houvesse várias urbanidades. A Praça José de Alencar, no Centro de Fortaleza, por exemplo, produz um tipo de cultura urbana baseada na arte da sobrevivência vinda da periferia da Cidade, alguns bairros, vilas residenciais ainda

cultivam o hábito de colocar cadeiras nas calçadas para conversar com os vizinhos, lugares segregados de intensa pobreza também produzem um outro tipo de cultura urbana.

É nesse sentido que os mendigos, moradores de rua e pessoas de baixa renda, de modo geral estão diluídos no vaivém na cidade. Não que sejam realidades superpostas, mas o reverso do instituído como bonito, normal, limpo etc. está fragmentado na própria cidade, nos seus diversos lugares: nas praças, nos sinais de trânsito, nos prédios abandonados, nas ruas, entre outros.

Centro da cidade, espaço das experiências.

O centro da cidade é o espaço onde se encontra a maior parte dos moradores de rua em Fortaleza. O fato de concentrar importante parcela do comércio, além de bancos, uma variada rede de serviços agrega uma gama de atores sociais que utilizam esse espaço para sobreviver. São mendigos, moradores de rua, meninos de rua, prostitutas, trabalhadores ambulantes, pessoas que procuram trabalho, artistas anônimos entre outros.

As várias áreas do centro se caracterizam por unir estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço (MAGNANI, 2000). Para os moradores de rua, o Centro da cidade funciona como uma rede de contatos diversos que possibilita a sua sobrevivência. Nos restaurantes e lanchonetes, conseguem sobras de comida ou pagam uma refeição por um baixo valor; através de contatos com os camelôs e ambulantes, os moradores de rua têm oportunidades de realizar algum trabalho, ajudando-os a transportar mercadorias ou mesmo realizando pequenos favores; nas várias igrejas localizadas no centro, alguns pedem esmolas; realizam atividade de flanelinha nas ruas; nas praças, podem se encontrar para passar tempo, para encontrar com outros ou mesmo dormir.

Desse modo, o Centro é o espaço onde se desenrolam os trajetos dos moradores de rua. Apesar de caminhar por outros bairros, eles sempre retornam ao Centro, esse é o seu espaço de permanência.

O Centro como um todo é fundamental para a vida da cidade. É lugar de exibição. As praças localizadas nesse bairro são vitrinas para os que vivem na periferia, espaços para ver e ser visto. *“O centro alude ao que é cêntrico e focal, do ponto de vista do uso, com base no qual o que o rodeia, em maior ou menor distância, chamar-se-á periférico”* (SANTOS, 2001). Assim, a partir da divisão centro-periferia, a periferia vai se deslocando para o centro, implementando uma comunicação visual e sonora típicas da cultura popular. A melodia dos músicos de rua, os versos improvisados dos vendedores ambulantes, a teatralidade dos que inventam movimentos corporais de pura exibição, os letreiros escritos à mão, propagandeando alguma atividade são exemplos da comunicação da cultura popular que inventar maneiras de sobreviver. Para os moradores da periferia, o Centro sintetiza a própria cidade, pois ao ocupá-lo, é possível delimitar o seu espaço na urbe, mantendo-se incluído espacialmente.

Fortaleza, como metrópole é descentralizada. Podemos encontrar atividades comerciais em outros bairros. Algumas avenidas funcionam como corredores comerciais, entre eles estão a Avenida Bezerra de Menezes, as ruas Alberto Magno e Gomes de Matos, a avenida Santos Dumont e várias avenidas do bairro Aldeota e Meireles. A descentralização advém da concepção de que a ocupação do espaço não deve ser contida em um lugar, o cidadão deve ser pensado dentro de um todo, dando condições para que, no próprio bairro, as pessoas encontrem lugares de comércio, lazer, trabalho etc.

Com a descentralização, algumas atividades da região central foram deslocadas, sendo implementadas em outros bairros da cidade. Aparece, então, no cenário da cidade, um “super bairro” na zona leste da cidade, a “grande Aldeota”, composto por vários bairros entre eles a Varjota, Meireles, Papicu.

Assim, a Aldeota e a orla marítima recebeu, advindos do centro, clínicas médicas, hospitais, escritórios, instituições financeiras, shoppings e instrumentos de lazer, ocasionando

um esvaziamento da área central. Trabalhar ou morar na Aldeota passou a ser sinônimo de “status”. A cidade foi “aldeotizando-se” e, conseqüentemente, o Centro entra em um processo de decadência. (PIMENTEL, 1998, p. 31-32).

O refluxo de atividades comerciais na área central, ressaltado por alguns setores como um paulatino processo de decadência, coincide com a presença, cada vez mais intensa, de atores “banidos” da sociabilidade “oficial”. Aglutina-se na noite do centro da cidade uma série de personagens considerados “malditos” pela sociedade como um todo: mendigos, moradores de rua, travestis, prostitutas (DIÓGENES, 1998). Por isso o Centro é considerado perigoso e hostil para algumas pessoas da classe média, que preferem o conforto dos *shopping centers*.

Contudo, apesar do processo de descentralização da cidade, o Centro de Fortaleza continua sendo uma importante referência, principalmente para aqueles que moram na periferia e utilizam esse espaço para realizar suas compras e atividades de lazer, como é o caso dos aposentados que freqüentam a Praça do Ferreira, das donas de casa que pesquisam preços de mercadorias e dos adolescentes que costumam andar pelas ruas sem objetivo específico.

O centro da cidade literalmente ferve de pura energia, com um calor abundante produzido pelos atritos dos corpos, do ritmo do trânsito, dos ruídos e com uma polifonia característica de onde se concentram uma heterogeneidade de atores sociais. Durante o dia, no Centro, é tempo de trabalhar, os espaços das calçadas são disputadas por centenas de pessoas: vendedores ambulantes, trabalhadores informais que distribuem panfletos, fazem propagandas; consumidores fazem suas compras, além do tráfego lento de pessoas desocupadas e de “descuidistas”¹¹, entre estes, alguns moradores de rua, meninos de rua etc.

Um exemplo da efervescência do Centro são as apresentações na Praça José de Alencar dos artistas populares, como o palhaço mandrque A

¹¹ Descuidista no jargão popular significa o assaltante que se aproveita do descuido das pessoas para roubar-lhe. No centro da cidade essa pratica acontece com freqüência, principalmente assaltos a idosos e mulheres.

atuação do palhaço Mandraque, na Praça José de Alencar, ilustra o sentido da praça como palco e o corpo como um caracol. O mágico inicia dizendo: *venha ver o mandraque, não dê as costas. A praça é sua, fica quem quiser, não precisa pagar.*

Vestido de palhaço, com uma peruca e o rosto pintado de branco, detalhes vermelhos contornando os olhos, uns óculos escuros, um jeito nordestino, o mágico Mandraque é tipicamente o palhaço de circo. Em volta do palhaço, há em torno de 50 pessoas, todas atentas às suas brincadeiras. Ele, além de fazer truques, conta piadas, paródias, mexe com o seu público. O seu material é muito rústico, está espalhado pelo chão: uma mochila, garrafas, lenços, água em um recipiente, um chapéu de palha, cordas e uma caixa onde, segundo ele, há uma cobra.

A sua apresentação dura, em média, de 50 minutos a 1 hora. À medida que vai fazendo os truques, pede sempre uma “contribuição” para a sua realização. Logo, o seu chapéu arrecada moedas de 10 e 50 centavos, 1 real. Há também muita brincadeira, com uma completa interação com quem está assistindo a sua apresentação. Ele fala mal daqueles que não têm nada, mas ninguém sai ofendido, ao contrário, a gargalhada é geral. O mágico faz comparações entre as pessoas e os personagens da vida política e com artistas de televisão. O mágico diz: *“Esse parece um pistoleiro, vai dá é bala [...] Esse aqui parece o George Bush, esse tem dinheiro. Essa é a Mara dos pobres [...] Que cara feia parece o Saddam Hussein”.*

As crianças são as que ficam mais atentas, as que assistem à apresentação do mágico, de modo geral, são os filhos das mulheres cafezeiras, dos vendedores ambulantes e os meninos de rua que transitam na praça.

Quando o mágico fala algo engraçado, a risada das crianças é a mais aguda. Contudo, o maior número de espectadores são adultos, aparentemente pessoas de baixa renda, pessoas que vivem na praça ou que transitam pelo Centro.

Na apresentação do mágico, quase não há truques. As piadas e as paródias tomam maior tempo. Em um truque, o Mandraque chama voluntários para a realização. Nesse truque, o mágico enrola uma corda de vários metros em uma moça, onde o seu objetivo é desatar o nó dado por ele, dando apenas um pequeno puxão. A apresentação dura vários minutos. Enquanto enrola a moça, Mandraque lembra de Tiradentes quando foi enforcado; também refere-se à realidade brasileira, falando dos desesperados do plano cruzado (referindo-se ao plano real); brinca com a voluntária que está desesperada e deseja morrer, quando, ironicamente, pede ajuda para o seu enterro. Nesse momento, passa o chapéu recolhendo a “ajuda”, faz gracinha com a moça, dizendo que ela é muito jovem para morrer.

O mágico diz algumas “palavras mágicas”:

Cebo de grilo
Grilo encebado
Tirei o cebo do grilo
prá colocar na panelada

E a corda desenrola-se do corpo da moça num passe de mágica. A “mágica” se realiza perfeita aos olhos de todos. Puro delírio, todos batem palmas, todos riem.

O número do mágico só termina quando todos se dispersam, após quase 1 hora de apresentação. Ao final de tudo, o mágico Mandraque sai com uma arrecadação de quase 15 reais. Mandraque é Expedito, nunca estudou mágica, como também nunca freqüentou a escola, aprendeu sozinho a arte de fazer truques. Antes de fazer truques, Expedito tentou um emprego no mercado formal de trabalho.

Eu sou cozinheiro, pizzaiollo. Agora, para que eu encher os bolsos dos outros e a minha família passando fome? O cozinheiro passa de 7 da manhã às 7 ou 8 horas da noite trabalhando. Quando chega sábado, o patrão enche os bolsos e o empregado recebe 50, 60 reais por semana, aí para a pessoa pagar o aluguel da casa, o colégio dos

*meninos, o calçado, não tem condição. Quer dizer, você está pagando para trabalhar, né.
(Expedito - Mágico)*

Trabalhando na praça, o mágico consegue um rendimento por apresentação de 5 a 10 reais com uma média mensal de 3 a 4 salários mínimos por mês.

As oscilações dos rendimentos obtidos nas apresentações dão ao artista da Praça uma certa insegurança com relação ao dia seguinte, pois o público está sempre variando. Os dias em que a frequência de espectadores é maior são os inícios e finais de mês quando empregados do comércio e aposentados recebem seus salários.

*O artista da Praça é que nem um pescador. O pescador joga uma tarrafa, aí vem um peixe, às vezes vem dois, às vezes não vem nada. Então quando passa aquela multidão de pessoas, tem um que pára, outro que não pára.
(Expedito)*

A rua pode ser considerada um laboratório de vários artistas anônimos que, na peleja cotidiana, reinventam o modo de viver e de habitar. Essas constantes transformações do espaço realizadas pelos atores de rua provocam uma tensão entre a cidade projetada e a cidade vivida. No confronto entre os usuários da cidade (e considero os moradores de rua como usuários) e os projetistas, De Certeau (1996) nomeia duas operações no espaço: as estratégias e as táticas.

O Centro de Fortaleza é múltiplo em sua natureza, durante o dia é polifônico, polissêmico. Nele uma multidão de pessoas compra, vende, passeia e trafega continuamente num ritmo intenso. A partir das 19 horas, o centro da cidade entra em um outro ritmo, o silêncio, os passos rápidos dos que retornam do trabalho misturam-se à lentidão dos que adentram o universo noturno. Os bares que abrem suas portas à visitaçãõ de noctâmbulos, entre eles, as prostitutas e

boêmios, quebram o silêncio instaurado pelo vazio das ruas. À noite também, continuam a funcionar os bingos e os cinemas, e, com bastante evidência, os cines pornôis e os motéis. Em algumas esquinas, há presença sempre chocante dos travestis com corpos desnudos. Nas praças, é sempre raro encontrar casais de namorados, restam nesse espaço apenas os moradores de rua e bêbados.

Os trabalhadores da noite visivelmente são poucos, são os guardas noturnos e catadores de papelão puxando suas carroças. Os catadores de papel fazem parte do cenário da cidade. Eles não passam despercebidos aos olhos dos habitantes da cidade. A sua presença é marcante, principalmente quando estão transitando entre os carros nas ruas e avenidas de Fortaleza. Os carroceiros, como são chamados os coletores de materiais recicláveis, estão em vários bairros, com suas carroças cheias de papel, plástico, vidros e outros materiais recicláveis, mas é nas noites do centro da cidade que se pode encontrá-los em maior número.

Eles começam a chegar ao Centro a partir das 19 horas, horário em que as lojas estão fechando, permanecendo até o final da madrugada, quando se deslocam para depósitos de papel localizados em diversos pontos da cidade. Puxando sua carroça, o carroceiro faz trajetos variados, anda em busca de lojas que jogam fora papéis, supermercados que descartam caixas de papelões. Nos cestos de lixo espalhados pelas calçadas, o carroceiro também recolhe latinhas de refrigerantes e cervejas, materiais plásticos, entre outros. O destino final do seu trajeto é o depósito que compra o material recolhido.

Apesar de cada carroceiro fazer o seu próprio roteiro, sempre há um ponto no Centro onde os conhecidos se encontram. O encontro é aparentemente espontâneo, eles vão chegando de vagar, uns vêm de dupla, outros sozinhos. Quando se juntam, formam círculos, conversam entre si, jogam baralho, dominó, e alguns aproveitam para beber enquanto conversam. Nesses pontos de parada, os catadores de papelão também recebem comida (sopa, baião de dois e outros tipos de alimentos) distribuídos pelos grupos que prestam assistência a moradores de rua no centro da cidade.

Em alguns pontos do centro é possível encontrar grupos de carroceiros. Em fila, as várias carroças ocupam quase todo o quarteirão das ruas Pedro Pereira esquina com rua Assunção; na Rua Barão do Rio Branco, esquina com rua São Paulo; na rua Floriano Peixoto próximo ao prédio do Banco do Nordeste e nas ruas em torno da Igreja da Sé. Devido à característica itinerante dos carroceiros, as cenas também são transitórias, possuem uma temporalidade. De repente, o comboio de carroças desaparece do ponto de parada e ressurgem em outro ponto, até chegar ao seu destino final, que é o depósito que compra o material para reciclar.

Há vários catadores de papelão que são moradores de rua, outros, ainda, passam a semana dormindo na rua, recolhendo e vendendo materiais para vender a depósitos de reciclagem próximos ao Centro, retornando a suas casas apenas nos finais de semana. A permanência na rua faz desses carroceiros moradores circunstanciais da rua. Eles se relacionam com os moradores de rua, dividindo a mesma marquise na hora de dormir ou mesmo participando de rodas de cachaças com eles.

Nas calçadas, os moradores de rua aproveitam a calmaria para dormir, embaixo de marquises, sempre em grupo. Dormir em grupo é uma estratégia para se proteger dos perigos da noite, pois, com frequência, os moradores de rua que são surpreendidos dormindo, têm seus pés queimados, são atacados a pedradas ou com pauladas na cabeça. Essa realidade revela os conflitos existentes entre eles.

O fato de estarem em grupo também os ajuda a passar o tempo. Eles passam parte da noite conversando, jogando baralho ou dominó sempre acompanhados do vigilante noturno. No entanto, estar em grupo à noite não significa que eles passem o dia juntos. Os grupos são formados de acordo com as afinidades, como os que bebem sempre juntos, ou aqueles que participam de algum grupo ou ONG que desenvolve alguma atividade social, ou ainda quando formam casais de namorados. Mas há moradores de rua que preferem andar sozinhos, que vão dormir em grupo, mas caminham sós durante o dia. Cito também o morador de rua que sofre de alguma psicose ou doença mental, e por

isso, anda vagando sem destino pelas ruas, sendo com freqüência discriminado pelos outros.

Dormir sob a mesma marquise requer certo grau de afinidade entre os moradores de rua que compartilham o mesmo lugar. Para aqueles moradores de rua que não costumam beber ou usar drogas, é comum não dormirem próximo daqueles considerados problemáticos chamados por eles de “bonequeiros” ou ainda se alguém tem algum tipo de rivalidades.

Durante o dia, sob o sol abrasador de Fortaleza, as marquises das lojas do Centro da Cidade servem de sombra aos inúmeros transeuntes. Eles se espremem com a finalidade de usufruir cada pedacinho de sombra, fugindo do sol. À noite, as marquises são lugares de abrigo dos moradores de rua. A dormida aparentemente tranqüila dá a marquise à função de guardar quem dela se apropria. Elas são úteis para os que a utilizam como abrigo. Para eles, as marquises possuem nome e sobrenome, como a “marquise da Samasa”, famosa por ter tido um vigia noturno que impunha a ordem no ambiente; a “marquise do alho”, a “marquise da Esmeralda”; a marquise da “Chalana” dentre tantas outras que são pousos de moradores de rua, que se agrupam para dormir.

Segundo o dicionário Aurélio: *marquise é uma espécie de alpendre ou cobertura saliente, na parte externa do edifício, destinada a servir de abrigo. Quando uma loja está aberta, a marquise é um lugar entre o interior e o exterior. Nas vitrines das lojas uma linguagem faz divulgação e venda de produtos, marcas e mensagem que tem a função de persuadir encantando o consumidor. Como diz Bigal (2000: 19): A vidraça, supostamente, é mediadora entre a oferta e a demanda, entre a loja e a rua, entre privado e público, entre exterior e exterior. Mas é quando a loja está fechada que a marquise está aberta somente para a rua e para os seus moradores que se apropriam do lugar, transformando-o território.*

Quando o dia amanhece, e as lojas abrem, eles ocupam outros lugares, principalmente as praças do Centro. Nesse sentido, o “território marquise” é temporalizado, isto é, é o tempo que se impõe nesse lugar, dando a este as

significações de pouso para os moradores de rua que desejam dormir sob sua proteção.

Oliveira (2000) narra à história de Conceição, moradora de rua que dormia em baixo da marquise da Samasa. Essa marquise era vigiada por Almeida, que era uma espécie de pai dos moradores de rua que faziam desse espaço o seu pouso. Em sua narrativa, vários personagens entram na trama da vida de Conceição; os “habitantes” da Samasa, como dona Helena, mulher de Almeida; Vicente, o inspetor de polícia alcoólatra que tinha uma ferida infeccionada e fétida no braço, os homens de idade avançada que sujavam o chão da calçada de fezes. Tanto dona Helena como Sr. Almeida tinham uma relação paternal com Conceição, que andava de muletas devido à amputação de uma das pernas. De certo modo, protegia dos moradores de rua inoportuno.

Eu conheci o Sr. Almeida desde o período em que eu distribuía sopa nas noites de sexta feira, acompanhando o grupo da “sopa fraterna”. Ele era um homem de estatura baixa, com sinais de velhice no corpo, tinha cabelos esbranquiçados, pele enrugada, era o guardião de todo o quarteirão, desde a Pedro Pereira até o final da Pedro Borges. Ele apenas usava um cassetete, passava a noite sentado em uma cadeira, sempre em companhia de dona Helena.

O vigia conseguia pôr ordem na esquina, não permitia que formassem rodas de cachaça, deixava ficar somente os moradores de rua que necessitassem dormir, acordando-os bem cedo da manhã, afugentava “baderneiros” do lugar e cuidava da limpeza para que no dia seguinte nenhum vestígio pudesse denunciar a passagem de moradores de rua pelo lugar.

Por diversas vezes, vi o Sr. Almeida conter brigas entre moradores de rua. Ele lutava com os mais raivosos, tomava canivetes e cacos de vidros evitando conflitos maiores. Pode-se dizer que o Sr. Almeida era, ao mesmo tempo, amado, respeitado e odiado pelos moradores de rua que permaneciam na esquina durante a noite. O disciplinamento imposto por ele tinha um significado paternal para alguns, que, apesar de discordarem de sua rigidez na disciplina, respeitavam-no e obedeciam as suas regras.

O guardião da esquina da Samasa morreu em abril de 2001. Outros vigilantes permanecem na marquise, mas os moradores de rua já não têm a mesma freqüência de antes, permanecendo no local circunstancialmente. Procuraram outras marquises para dormir.

As marquises preferidas pelos moradores de rua são aquelas espaçosas, com coberturas largas. Embaixo das marquises, o chão é forrado apenas por um papelão, tornando-se territórios de pouso. O número de moradores de rua por marquises é variado, algumas conseguem aglomerar grande quantidade, outras grupos menores. À noite, embaixo das marquises, a ocupação varia de acordo com as circunstâncias, principalmente a permissão do vigia noturno que guarda a loja.

Além das marquises do Centro, os bairros em torno do Centro da Cidade também são freqüentados por moradores de rua, tanto durante o dia como à noite. Os bairros Jacarecanga, Fátima, Gentilândia, Benfica, São João do Tauape próximos ao Centro, possuem ruas tranquilas e residenciais, tendo em seu interior uma complexa rede empreendimentos que desenvolvem atividades comerciais, entretenimentos, educacionais como escolas, universidades, bares, praças, bancos, lojas etc.

Além dos bairros próximos ao Centro, é comum a presença de moradores de ruas e outros atores sociais de rua no entorno da orla marítima de Fortaleza, a Beira Mar, a Praia de Iracema, o Mucuripe. Apesar de serem espaços onde moram pessoas abastadas e lugar de intensa visitação turística, é possível vê-los ao longo do calçadão da Beira Mar, reunindo-se em “rodas de cachaça”, tomando banho de mar ou dormindo próximo a boxes de venda de peixes e outros artigos.

A Beira Mar é um espaço fecundo de sociabilidades, nesse espaço encontram-se, num vaivém frenético, atores sociais diversos como ambulantes que vendem artigos diversos, meninas e mulheres que se prostituem, mendigos pedindo esmolas, artistas de rua que cantam, dançam e travestem-se de estátuas etc, ao mesmo tempo em que convivem diariamente com outros usuários que vem

usufruir as condições de lazer, como os moradores da orla e dos bairros adjacentes que fazem caminhada e passeiam com as crianças; os casais de namorados, entre outros.

A permanência de moradores de rua nos espaços varia de acordo com as condições de abrigo em marquises, como também da quantidade de “atrativos”, isto é, das alternativas de sobrevivência. Desse modo, tanto o entorno da Beira Mar, como o Centro da Cidade e seus bairros adjacentes são espaços onde existem pontos de aglomeração de moradores de rua, mas Fortaleza como um todo é o palco onde se desenrolam as suas experiências.

Não é fácil determinar os lugares onde se aglomeram os moradores. A pé, eles percorrem vários lugares, deslocam-se em busca de sobrevivência, utiliza-se de artimanhas para escapar da vigilância que impede a sua presença em determinados espaços. Assim, é tático fazerem amizade com os vigilantes que trabalham guardando esquinas e prédios; ocuparem os lugares durante a noite, saindo de manhã bem cedo sem serem notados; manterem-se inclusos em atividades sociais desenvolvidas por Igrejas, instituições religiosas e ONG's, garantindo abrigo, alimentos e roupas.

Capítulo 4

Cartografias do centro da cidade: formação de territórios na prática nômade dos moradores de rua

Caminhar pelo centro de Fortaleza durante o dia e à noite, conforme anunciei no capítulo anterior, fez-me ver o modo como os atores do centro, especificamente os moradores de rua, ocupam os espaços. No entanto, o tipo de ocupação dos moradores de rua revela uma forma de criar territórios diferenciada da maioria dos cidadãos. A dinâmica dos moradores de rua é caracterizada pelo nomadismo.

Compreendo por nomadismo a experiência de não permanecer ou habitar em um único lugar, o deslocamento do indivíduo nos espaços da cidade sem a permanência habitual daqueles que moram em domicílios fixos ou trabalham em um único local. As práticas nômades não são restritas a moradores de rua, outros atores da rua também as realizam. As prostitutas e travestis, quando estabelecem, por um determinado tempo, pontos de prostituição, mudam-se em seguida para outros lugares. Os meninos de rua, quando ocupam uma praça, uma rua ou esquina, mudam-se sempre que as instituições de proteção ou a polícia tenta resgatá-los ou prendê-los. Já os vendedores ambulantes mudam de lugar de acordo com a dinâmica das vendas e os artistas de rua percorrem diferentes praças durante a semana, entre outros.

A principal característica dos atores sociais nômades é capacidade de transformar os espaços da cidade durante a sua ocupação, criando uma estética e um *modus operandi* no ambiente urbano. Os nômades têm maneiras de marcar seus territórios, anunciando de alguma forma a sua ocupação. Ao andar de um ponto a outro, os atores sociais nômades praticam a cidade, e, desse modo, são

responsáveis pelas várias mudanças em seu interior, fazendo aparecer duas cidades, uma projetada e outra praticada. Santos (2001, p. 21) nos diz que:

Existem pelo menos dois grandes tipos de espaços a reconhecer no urbano: um oficial, projetado pelas instituições e feito antes que o cidadão o conceba a sua maneira; outro que, de acordo com o que proponho chamar de diferencial, que consiste numa marca territorial usada e inventada na medida em que o cidadão nomeia ou inscreve.

Assim, grosso modo, todos os cidadãos podem praticar a cidade. Toda vez que o cidadão refaz caminhos costumeiros ou os modifica, cria situações de mudança nos espaços percorridos. Essa noção de cidade praticada é dada por De Certeau (1996). Significa ir além de seus limites, percorrê-la de modo inventivo e criativo, modificando a sua natureza, dando novos significados aos espaços percorridos.

São os diversos usos dos espaços que os tornaram diferentes, fazendo emergir os territórios e os pedaços na cidade. Se a cidade praticada não pode ser pensada a partir da fixidez, mas do movimento, é necessário pensar a plurilocalidade e a desterritorialização como ações constantes dos atores nômades:

A plurilocalidade tem por base a ausência de referência a um lugar único da prática social, mas a muitos, até como unidades latentes. É nesse sentido, que a existência de um lugar-território único pode ser deixada de lado, privilegiando os 'espaços' intermediários de sua existência social, provocando uma constante desterritorialização (PERLONGER, 1995).

Podemos dizer que o espaço nômade é localizado e não delimitado. Deleuze (1995) ao discutir a noção de desterritorialização traz a idéia de “código território”. Quando um indivíduo se insere em um território há, além de uma ocupação física, mas também uma desterritorialização dos códigos sociais. Nos territórios formados por moradores de rua, nos guetos *gay*, nas guanges e galeras, há um movimento de desterritorialização dos códigos sociais considerados “normais” e a reterritorialização de códigos internos. É no corpo que a

reterritorialização se manifesta, quando o indivíduo adquire novos gestos corporais, modos de ser, nova estética.

A formação de territórios entre os moradores de rua se dá a partir da errância pela cidade, entre a desistência de um lugar e a procura por outro. Nesse processo, eles formam *pontos notáveis de ajuntamento*, como diz Augê (1994), isto é, lugares onde se aglomeram uma gama de atores, que compartilham de uma sociabilidade típica da rua, como meninos de rua, catadores de papelão, ambulantes, prostitutas etc; dos mesmos códigos territórios.

Os *pontos notáveis de ajuntamento* podem ser uma praça, uma esquina ou uma rua inteira. São nesses pontos onde os moradores de rua passam parte do seu tempo, geralmente conversando ou bebendo. Esses são pontos de chegada e de partida para outros pontos da cidade.

Os *pontos de ajuntamento* formam *nós*. Um nó funciona como limite entre os que compartilham de uma sociabilidade e o outro geralmente estranho ao grupo. Desse modo, o território vai além da ocupação física do espaço, está num nível de significância, permite que o usuário reconheça os outros e seja reconhecido por estes, estabelecendo também a diferença entre ele e os estrangeiros que circunstanciam a sua ocupação. O limite é registrado, marcado e concebido na vivência do grupo (SANTOS, 2001).

Assim, as fronteiras são demarcadas enquanto diferença entre um tipo de sociabilidade e outra, materializando-se numa imagem, num jogo de operações simbólicas. Desse modo, “[...] dominar o território é assumi-lo numa dimensão lingüística e imaginária; ao passo que percorrê-lo, pisando-o e marcando-o de uma ou de outra forma, é dar-lhe entidade física, que, evidentemente, se conjuga com um ato denominativo” (SANTOS, 2001, p. 16).

No ato denominativo, de que nos fala Santos (2001), o usuário do espaço estabelece uma evocação do território. Isso quer dizer que o morador de rua nomeia os espaços ocupados. Como já foi mencionado, a marquise transforma-se em abrigo, os papelões e bancos da praça em cama, o jardim da praça em varal de roupa, a calçada em lugar de dormir.

De modo semelhante, funciona o que Ferrara (1988) chama de *usança*. A *usança* imprime sobre o território uma inferência, significando ainda um hábito. É nesse sentido que o termo uso poderá ser substituído por *usança*. Na perspectiva da apreensão semiótica, o espaço é informado, isto é, os usuários se apropriam dos espaços e da cidade, dinamizando-os e interpretando-os como um modo de ser, de habitar e de viver.

Assim, a construção de um espaço é prenhe de significados, possuindo uma escala de valores culturais, éticos, estéticos, econômicos e sociais de seus emissores, de quem o projetou, arquitetos ou urbanistas, mas o significativo uso, com práticas sociais cotidianas e rotineiras específicas, permite que esse espaço seja resignificado. No uso contínuo do espaço, poderá haver tensão entre a *usança* e a função primeira designada pelo projeto. Nessa direção, “[...] a *usança* é a mediação entre o espaço ambiental e o usuário. Um verdadeiro signo de um hábito” (FERRARA, 1988, p. 24).

Além dos territórios, na diversidade de práticas desenvolvidas pelos usuários, outras categorias de usos nos são úteis para pensar as formas como os moradores de rua e outros atores do Centro ocupam os espaços: os pedaços, as manchas e os trajetos descritos por Magnani (2002).

Para Magnani (2000), o *pedaço* é relativo ao encontro *dos chegados*, podendo ser aplicado a regiões centrais, onde sua característica é o anonimato. O *pedaço* pode ser caracterizado com um ponto de referência para distinguir determinado grupo de relações. No Centro de Fortaleza, há alguns *pedaços* freqüentados por moradores de rua, entre eles, a Praça Coração de Jesus e a Praça Getúlio Vargas, também conhecida como Praça dos voluntários ou ainda praça dos malandros.

As *manchas* podem ser entendidas como um espaço demarcado por um ou mais estabelecimentos que são referência tanto na paisagem como no imaginário dos usuários, “resultado de uma multiplicidade de relações entre os equipamentos, edificações e vias de acesso, o que garante uma maior

continuidade, transformando-a em ponto de referência físico, visível e público para um número mais amplo de usuários” (MAGNANI, 2000, p. 23).

As manchas permitem uma escolha do usuário que se desloca de um ponto a outro na cidade. Já os trajetos aplicam-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e das manchas urbanas. Os trajetos, segundo Magnani (2000), encontram-se no interior das manchas, que podem também ligar um pedaço a outro.

Na prática nômade dos moradores de rua, identificar por onde andam e os espaços territorializados dentro das manchas não é tarefa fácil. Os territórios parecem “mover-se” de modo constante. O que antes era um território para dormir, hoje pode ser um ponto de encontro, outro que era ponto de encontro transformou-se em um lugar vazio, sem usos pelos moradores de rua etc.

As mudanças na formação de território de moradores de rua variam de acordo com as circunstâncias, seja uma interferência natural, como chuva, inundações, ou interferências externas à vontade dos usuários, como a ação de polícia, demolições, reformas de praças. É comum também haver a “saturação” do território, fazendo com que se procure o outro. A saturação pode ser entendida como a perda de sua função, deixando, muitas vezes, de ter os atrativos que comumente tinha, como no caso do deslocamento de um terminal de ônibus, ou o fechamento de um restaurante que garantia benefícios aos moradores de rua que ocupam o lugar.

Portanto, para cartografar os pontos no centro da cidade e os usos que os moradores de rua fazem e refazem é necessário perceber as diferentes temporalidades do Centro. De acordo com a sua ocupação diurna ou noturna, alguns territórios podem ser descritos segundo seus usos. Descrevo a seguir os territórios, manchas ou pedaços, enfatizando a sua dinâmica e as histórias dos moradores de rua que se encontram diluídas nos diferentes usos que eles fazem nesses espaços.

4.1 A Praça dos Voluntários é lugar para ver o dia passar...

A Praça dos Voluntários”, também “Praça da Polícia” localiza-se entre as Ruas do Rosário, Perboyre e Silva, General Bezerril e Monselhor Luiz Rocha. Caracteriza-se por ser arborizada, com alguns prédios públicos antigos em sua volta, entre eles, a sede da Polícia Civil e a Secretaria de Finanças do Município. No centro da Praça um monumento em homenagem a Getúlio Vargas de autoria de Agostinho B. Odísio no ano de 1941 traz o busto do ex presidente da república e nas laterais as inscrições: dignificação do trabalho, organização e trabalho , assistência ao trabalhador e confraternização das classes fundido em bronze.¹²

As sombras acolhedoras e a aparente tranqüilidade reúnem várias pessoas nos bancos espalhados por toda a praça, em sua maioria, pessoas sem aparente ocupação, também funcionários dos órgãos públicos em seus momentos de descanso, engraxates, que também consertam sapatos, bolsas e outros acessórios. As bancas de revistas atraem pessoas que compram jornal e revistas especializadas em concursos. Na praça, circulam os despachantes que realizam serviços nos diversos órgãos da Prefeitura, que são próximos. Lá os moradores de rua estão sempre conversando uns com os outros espalhados nos diversos bancos. Alguns também trabalham consertando sapatos e bolsas e vigiando carros. Alguns homens, que não consegui identificar (se desempregados que passam o dia tentando emprego nos arredores, se moradores de rua ou funcionários de lojas ou repartições no horário de descanso) dormem tranqüilamente sem preocupar-se com o fluxo da praça.

No entorno, há alguns prédios abandonados, um comércio popular com várias lojas de móveis usados e vários bares, o aspecto não é degradante e marginal. Durante o dia, é possível sentir uma aura nostálgica que convida à permanência. É possível fugir do vaivém das ruas do Centro, onde a conversa é um convite e o dia pode passar sem se notar.

¹² SARMIENTO, Lúcia e FILHO, José Capelo. Fortaleza, praças, parques e monumentos. Fortaleza. FUNCET/Secretaria de Esporte e Turismo sd.

É essa uma das razões de alguns moradores de rua permanecerem durante o dia na “Praça dos Voluntários”. Lá os moradores de rua podem descansar nos bancos, encontrar-se para sair para outros lugares da cidade, beber nos bares próximos, vigiar carros nas ruas vizinhas e depois retornar à praça.

Os moradores de rua não se reúnem em rodas de cachaça na praça, a presença da polícia próximo ao local inibe essa prática, mas não os afugentam do território. A sutil disciplina realizada pela polícia é a garantia de um território neutro, onde os conflitos são dispersos e todos podem sentar no mesmo banco, mas para os que trabalham na praça, a presença dos desocupados e dos “papudinhos” não é bem-vinda. A oposição trabalho vs. malandragem garante *status* para quem trabalha aos olhos da polícia, bem como a outros trabalhadores que param na praça.

A oposição trabalho e malandragem da rua estão explícitas na fala de Ribamar, morador da praça: “Eu não gosto de ficar com qualquer vagabundo, não, prefiro estar só trabalhando sem ninguém para me perturbar. Olha, na rua só tem o que não presta. É por isso que eu não ando com esses [...]” (Ribamar, Praça dos Voluntários)

Viveu durante muitos anos nos arredores da Praça dos Voluntários o morador de rua chamado Frotinha, falecido no ano de 2002. Ele impressionava pela sua aparência, sempre bem vestido, sapatos e roupas sociais, tom educado na voz, barba sempre feita, típico boêmio. Ele bebia diariamente, por isso ele mesmo se considerava alcoólatra. O Sr. Frotinha durante muitos anos ocupava quase todo o seu dia em conversas na Praça e, à noite, buscava a proteção de seu amigo Almeida, na marquise da Samasa. Costumava beber nas imediações da praça e passava horas conversando com outros moradores de rua ou mesmo pessoas que freqüentavam a praça, sempre sentado nos bancos. Pernas cruzadas, mãos sobre os joelhos. Ele dizia que na rua tinha muitos vagabundos e por isso não se metia com qualquer um. Dizia sempre: “minha filha em mim você pode confiar, mas tenha cuidado quando for conversar com esses outros

malandros por aqui”, e apertava a minha mão demonstrando educação. Eu agradecia sempre sua preocupação.

Na Praça dos Voluntários, alguns moradores de rua trabalham como engraxates, entre eles está a D. Fátima. Fátima tem 42 anos, é solteira, mas, nesse momento, cuida de Bruno, filho de Conceição. A criança é mais uma de uma prole de oito filhos que Conceição teve e deu para outras pessoas criar. Fátima tem uma aparência masculinizada, é gorda, veste roupas masculinas, tem braços e mãos como a de homem engraxate, são calejadas e ásperas. Percebi isso quando ela apertou minha mão, logo que cheguei para conversarmos em sua cadeira de engraxate.

Fátima disse que por causa do Bruno não está, dormindo na rua. Essa medida é para proteger a criança de quatro anos que lhe foi confiada. Bruno corria entre as cadeira, brincou com os outros engraxates, como uma espécie de mascote. A criança visivelmente tinha estatura e peso abaixo do normal para uma criança de sua idade, mas parece inteligente, é perspicaz e brincando aparentemente feliz. Senti certo sentimento de preocupação quando pensei se Bruno é realmente feliz. Se sente falta de sua mãe; como é processada em sua mente a ausência paterna. Será Bruno um futuro morador de rua?

Enquanto o menino brincava, Fátima trabalhava tendo em sua frente um pequeno “morro” de sapatos em volta da cadeira, provavelmente para ser consertado. Não a vi engraxando sapatos, mas ele me diz que faz de tudo, conserta e engraxa também. O trabalho lhe rende de 10 a vinte reais por dia, mas segundo ela o valor varia de acordo com a época do mês e até em algumas datas do ano. No fim de ano, é certo ganhar mais, variando até 40 reais por dia.

Moradora de rua há mais de vinte anos, Fátima prefere não revelar a sua história de vida, ela diz:

“Eu não tenho nada a esconder, mas também não quero falar de mim para ninguém [...]Eu já passei por tantas coisas na minha vida, já vi muitas coisas nesse Centro, mas eu não gosto de conversa. Nunca fiz nada de mal, nem quando eu era nova, pode perguntar aqui, sempre trabalhei. O meu problema foi bebida, mas hoje eu parei. Hoje eu durmo lá na

minha irmã, lá na Nair, ela conseguiu um vaguinha lá para mim e para o Bruno [...] Sabe, eu crio esse menino porque fiquei com muita pena dele. Eu sabia que o SOS vinha pegar ele, eu sabia que a Conceição podia até fazer alguma coisa ruim com esse inocente. Eu também sou pobre, mas eu tenho um coração que não agüenta ver uma criança sofrer. O que eu comer, ele vai comer também. Para ele não vai faltar. Agora, eu preciso arranjar uma creche, uma escolinha para ele. Eu não quero ele no meio de vagabundo. Aqui, minha filha, tem de tudo, tem bebo, tem ladrão, tem gente trabalhadora também, mas eu me preocupo. Eu que estou responsável por ele, né...” (Fátima, 42 anos)

É comum moradores de rua cuidarem de jovens e crianças. Na maioria das vezes, o adulto inseri as crianças e adolescentes no mundo da rua, contribuindo para uma assimilação da sociabilidade típica desse espaço. O adulto pode proteger a criança de outros moradores de rua, como também pode explorá-lo. Mas no caso de Bruno, sua mãe postiça lhe assegurou um relativo conforto e proteção.

O sossego da praça é quebrado vez ou outra com o burburinho das conversas entre os sapateiros, com as piadas ouvidas por aqueles que estão por perto. O riso é geral, risos altos e agudos denotam que a piada se espalhou pelos bancos e cadeiras. Todos de alguma forma participam da conversa, não sabendo com certeza quem a começou. Percebe-se uma comunicação espontânea baseada em elementos da própria sociabilidade das ruas. É um homem que foi traído, uma mulher que brigou com outra, uma cafezeira que foi surpreendida pela polícia com drogas no fundo da garrafa. Mas também assuntos relacionados à política nacional, a atuação de políticos e jogos de futebol também entrem nas conversas.

A brisa sempre fresca permanece até o fim do dia. É agradável ficar na praça. À noite, todo o espaço esvazia-se de seus personagens. Os moradores de rua que passam o dia naquele território procuram outro lugar para dormir. A amplitude do espaço faz com que este seja inseguro, concorrendo para o

esvaziamento as correntes de vento que deixam o lugar bem mais frio do que embaixo das marquises das lojas e prédios.

A insegurança na hora da dormida é fato comum entre os moradores de rua do Centro como um todo, que se ressentem dos que fazem o mal, seja por vingança, traição ou “lombra”. As agressões mais freqüentes são atear fogo nos pés dos outros, roubo de documentos e objetos, colocar cola nos cabelos dos que dormem mais profundamente, golpes de pauladas e até homicídios. Na “Praça dos Voluntários”, vários acontecimentos fizeram com que alguns moradores de rua saíssem para procurar outro lugar para dormir.

À noite, o movimento de um bar localizado na esquina e de um bingo situado em frente quebra o deserto da noite nas ruas do entorno da praça. Os usuários desses locais raramente param na praça, entram em seus carros apressadamente, observados pelos vigilantes que trabalham nas ruas próximas.

A praça parece dormir embalada pelas correntes de ar que circulam por todo o seu espaço. Não raro um morador de rua pára e permanece um tempo, mas não fica para dormir. Somente a imagem de Getúlio Vargas, localizada no centro da praça, parece vigiar o espaço, esperando amanhecer um novo dia.

4.2 A Praça da Sé é um mundo...

Quando os moradores de rua me dizem, “eu fico lá na Praça da Sé”, isso significa mais do que a Praça localizada em frente à Catedral Metropolitana, situada entre as ruas Sobral, São José, Rufino de Alencar, Alberto Nepomuceno e General Bezerril. Quando um morador de rua diz que está na Praça da Sé, eles também querem dizer que estão pelas ruas próximas ao antigo Mercado Central, no entorno da Igreja, no “buraco da jia”¹³, o mercado Central, os arredores da Rua

¹³ O buraco da jia é um beco localizado na rua nele está funciona um depósito de reciclagem de papelão. O beco é largo, mas possui uma aurea sombria, restos de madeira espalhados e materiais diversos empilhados pelos esperando a noite passar. cantos.

Senador Alencar entre outros lugares localizados próximo à Catedral Metropolitana de Fortaleza.

O espaço Praça da Sé é ocupado por diversos atores do Centro, além dos moradores de rua, entre eles, trabalhadores que fazem biscates nos armazéns das ruas Senador Alencar, catadores de papelão que estacionam suas carroças no “buraco da jia”, os meninos de rua que permanecem no entorno do Pólo Central (um projeto social do Governo do Estado do Ceará que desenvolve atividades educativas com meninos de rua).

Durante o dia, os arredores da Praça da Sé possuem intensa vitalidade. Pelas ruas que circundam Igreja, uma grande quantidade de transeuntes, consumidores, turistas, ambulantes, mendigos circulam num ritmo acelerado de passos, somados aos ruídos dos automóveis, motocicletas, ônibus e caminhões.

A Praça da Sé é uma “mancha” do centro da cidade, centralizando equipamentos aglutinadores dos moradores de rua e de outros atores que usam o espaço público, como os meninos de rua e vendedores ambulantes, além dos transeuntes que compram no comércio do entorno, os consumidores e comerciantes dos armazéns e distribuidores de alimentos, os turistas que circulam pelos pontos turísticos, como a Igreja da Sé, o 10 Região Militar, antigo Forte de Nossa Senhora da Assunção.

Nos arredores da Sé, vários moradores de rua procuram os lugares mais reservados para fazer “rodas de cachaça”, principalmente à noite. Na praça, alguns dormem ou matam o tempo, sentados nos bancos. Nas proximidades da rua Senador Alencar, alguns moradores de rua realizam algum trabalho: vendem diversos produtos, como alho, sacolas, água e refrigerante aos diversos passantes, lavam e vigiam carros; no “buraco da jia”, os que trabalham com reciclagem vendem papelão, papel, vidros e outros materiais recicláveis.

Nas ruas que circundam toda a mancha da Sé, onde os moradores de rua transitam, também é comum acontecer furtos, principalmente a pessoas que compram nas lojas de artesanato e aos turistas que freqüentam alguns pontos localizados na área, como a Catedral Metropolitana de Fortaleza, a 10ª Região

Militar, o Mercado Central. Por isso, é muito comum a presença e a ação da polícia, coibindo a permanência de meninos e adultos de rua, principalmente, em época de alta estação. Mesmo com a presença da polícia, é constante o fluxo de moradores de rua em toda a mancha.

À noite, um grupo de moradores de rua dormem embaixo das marquises de lojas em frente ao antigo Mercado Central, esquina com a rua Conde D'Eu. O forte cheiro de alho e fumo dá uma sensação sufocante a quem chega pela primeira vez na marquise, mas, com o passar do tempo, o forte cheiro é assimilado e deixa de incomodar. Aos poucos, moradores de rua, em sua maioria homens, chegam para dormir, alguns trazem consigo seus papelões, outros não trazem nada. Ficam conversando, sentados, segundo eles, esperando a passagem da sopa que vem distribuindo o jantar da maioria deles. Aparentemente, os homens que dormem na “marquise do alho” não têm vínculos entre si, apenas vão se aglomerando para garantir segurança, vêm de outros locais próximos a Sé, como a Praça e arredores da Igreja.

É na Praça da Sé que mora Alexandre, também conhecido por Xampu. Ele tem dezoito anos de idade e é morador de rua desde os oito. Quando conversei com ele, estávamos na Casa da Sopa. Aproveitei um momento, não foi uma entrevista agendada. Alexandre veio participar da reunião que acontece aos terceiros domingos de cada mês. Nesse encontro, os moradores de rua podem tomar banho, almoçar e em seguida conversar em grupo sobre um tema do cotidiano deles. Depois da reunião, o grupo de voluntários atende alguns casos em particular, faz curativos em quem estiver ferido, faz encaminhamentos para retirar documentos, ajuda alguém que deseja localizar seus familiares, entre outras ações. Alexandre pediu para fazer um curativo em seu dedo que estava com uma ferida.

Alexandre apesar de ter dezoito anos, se comporta como um menino de rua, fala arrastada, vasto repertório de gírias, roupas coloridas, sorriso sempre exposto no rosto, como ele mesmo diz sempre pronto para afanar algo caso alguém vacilar. Chamou-me de tia. Perguntei o que aconteceu com seu dedo e ele me respondeu:

Tia Lúcia, isso aqui foi a polícia, foi bota de policial. Eles são covardes, se você roubar alguma coisa, se eles te pegar, você tem que dar um troco a eles, se não der, eles te dão pau, porrada... Se você roubar e eles te pegar, se você der, eles não te bate, mas se você não der... Mesmo assim eles te levam para a cabine. Isso aqui eu tava na praça de noite, eu não tava fazendo nada, tava só deitado no banco. Eles chegaram dizendo que eu tinha quebrado um pedaço da estátua, lá. Mas eu não fiz nada, eu tava lá só curtindo. Eu tinha ficado com o pessoal lá, mas eu tava só deitado, não tava fazendo nada. Eles me chamaram e disseram, porque tu quebrou a estátua aí. Eu disse não foi eu não, mas eles não quiseram nem saber, eles pisaram no meu pé com tanta força, eles me chutaram. Tia eles são covardes. Se você tem cola, eles pegam a tua cola, se você tem cigarro, eles pegam o teu cigarro. A senhora pensa que eles não devolvem, é só tu arrumar um trocado para eles que eles te dão de novo o que eles pegaram... é por isso que eu nem olho para eles, eu passo com a cara para lá, porque eles tem marcação comigo. Eu já errei, quando era de menor, agora eles me marcam, eles querem me ferrar por qualquer coisa... (Alexandre, 18 anos – conversa realizada na Casa da Sopa em 12 setembro de 2003)

Fiquei sem saber o que dizer. Sei que Alexandre pratica furtos nas imediações da Praça da Sé. Quando ele era menor de idade, “driblava” a polícia, justificando que se batessem nele, iria denunciar para os órgãos de proteção das crianças e adolescentes. Tinha sempre algum argumento a seu favor. Hoje, com a maioridade, Alexandre perdeu a proteção concedida pelas leis do Estatuto da Criança e do Adolescente, mas também ganhou a vingança de alguns policiais que o conhecem desde quando ele era menor de idade.

Aproveitei para alongar a conversa enquanto enfaixava o seu dedo. Fiquei sabendo mais da vida de Alexandre e de sua trajetória desde a sua saída de casa até a chegada a Praça da Sé no Centro de Fortaleza:

Eu tô na rua porque eu quero. Tia, eu tenho mãe, tenho uma casa. Eu saí de casa, eu tinha uns oito anos. Ninguém me mandou ir embora, não. Eu saí pro Centro porque eu quis. Minha mãe se preocupa comigo, ela veio atrás de mim, mas

eu não quero voltar. Às vezes, eu me canso daqui, fico querendo a minha casa... O que eu mais gosto na minha casa? Eu gosto de ver televisão. Eu fico deitado no sofá, fico assistindo desenho, filme, mas, de repente, me dá vontade de sair, de vir pro Centro, então eu saio de casa e passo um bocado de tempo. Quando eu me canso de novo eu volto para casa [...]

A história de Alexandre é muito parecida com a de outros moradores de rua que sempre voltam para casa depois de viverem algum problema na rua, quando estão em situação de perigo, ou, como diz Alexandre, quando estão cansados de ficar na rua. Mas a casa também não é lugar de permanência para ele. É como se algo o impulsionasse para o movimento, para experiências que acontecem nas ruas. A rua propicia afetos, vivências positivas, ao contrário do que pensam a maioria das pessoas e instituições que desenvolvem projetos no intuito de apenas retirar jovens e adultos das ruas. A casa, ao contrário da rua é na maioria das vezes lugar de conflito e violência, às vezes praticada por pais, padrastos e parentes.

Estar na rua, no delírio das drogas, “dissolve” o corpo, como foi dito em capítulo anterior, dando a sensação de bem estar e felicidade. Foi nesse sentido que eu perguntei para Alexandre: “Você está feliz? Por que você não estudou? Por que não fica em casa com sua mãe, se ela é lembrada com tanto afeto?” Ele respondeu:

Eu não sei, eu gosto de casa, eu moro lá no João Paulo II, lá na minha casa eu assisto televisão, deito no sofá, minha mãe me dá almoço. Eu não gosto é porque lá é cheio de pilantra, lá tem muita droga, lá tem neguim que é traficante, lá tem gente de bem também. Mas eu acho que eu me acostumei com a rua, eu não consigo. Tá ligado? Eu gostaria de ter dado gosto a minha mãe, de ter estudado. Eu não sei não[...]

(...) Quando foi que eu vim para rua? Não me lembro direito, eu só sei que eu era pivete, vivia com os meninos aqui na praça mesmo. Tem vezes que a minha cabeça fica doida. Eu fiquei um tempo no projeto para recuperação de drogas, mas

eu fugi de lá. Olha os meus braços, me botaram no soro, eu fugi, mas eu acho que eu vou voltar. O pessoal que trabalha com projeto, o pessoal do pólo central, esse pessoal todinho me conhece, eu era peça ruim (risos). Eu não vou negar pra senhora, eu já fui para o São Miguel¹⁴, para o Dom Bosco. Lá o de menor fica preso, mas não é como o distrito, não. No São Miguel a gente toma café de manhã, depois vai trabalhar em alguma coisa, depois a gente almoça, agente vai fazer alguma coisa, arte, qualquer coisa que a pessoa pode fazer, lá tem visita [...] Eu já fiquei no São Miguel, fugi de lá, eu não aqueitei...

A voz gaguejante de Alexandre revela que, de fato, ele se perturba, tem dificuldade para se concentrar, fala rápido, atropelando as palavras. Assim como outros moradores de rua que usam drogas, é como se ele não fosse o dono de seu destino, como se ele seguisse ao sabor do acaso durante a sua vida inteira. Alexandre falou surpreendentemente que está bem, que vai levando a vida, que é um jovem alegre. Ele falou ainda o dia mais triste da vida de Alexandre foi quando ele foi preso no 34º distrito policial acusado de furto. Na delegacia, passou quase três meses. Hoje responde pelo crime em liberdade.

Quando saiu da cadeia, tentou fazer uma promessa de não roubar mais, mas não conseguiu cumprir. No final da conversa, pediu para eu ajudá-lo a se livrar das drogas, pediu para eu levá-lo a algum lugar de tratamento. No momento, eu não pude dizer não, mas sabia que era muitíssimo difícil a minha ajuda, já que isso demandaria uma disponibilidade de tempo maior da que disponho. Então, respondi que, se não pudesse ajudar, pediria alguém da Casa da Sopa para fazê-lo.

Além de Alexandre, na Sé, encontram-se vários moradores de rua que cresceram nesse entorno, como Paulo Henrique, também chamado de Chapeuzinho, Erandi, Pirrita e outros que freqüentavam o Pólo Central e outros projetos sociais destinados ao atendimento e ressocialização de crianças e adolescentes. Sobre os projetos, Chapeuzinho disse em uma conversa numa reunião na Casa da Sopa:

¹⁴ São Miguel e Dom Bosco são centros de recuperação de adolescentes infratores

“Tem muita coisa errada, devia não ser assim. Quando a gente é de menor, a gente tem os projetos, eu dormia no Pólo, no padre Lino [...] hoje, depois dos dezoito anos, agente perde, a gente não pode mais entrar nos projetos, não tem ajuda”. (Roda de Conversa – Casa da Sopa reunião terceiro Domingo).

Apesar de serem maiores de idade, esses moradores se relacionam com os meninos de rua que freqüentam o entorno da praça. Muitas vezes fazendo uso de drogas com eles e também praticando furtos nas ruas próximas a Igreja da Sé.

Para alguns moradores de rua, a Praça da Sé, à noite, é considerada perigosa, a presença dos meninos, os acontecimentos violentos, como agressões e homicídios, fazem com que os moradores de rua evitem dormir ou passar em suas imediações. Porém, a violência que “assombra” os moradores de rua e guardas noturnos na Praça da Sé é episódica, não há indícios de ações violentas durante a noite.

Um dos episódios de violência foi narrado numa roda de conversa por Ângela, conhecida por Pirrita, que na época estava grávida de seu namorado conhecido por Didi. Trata-se do dia em que Didi, o seu namorado, morreu assassinado. Ela contou que o motivo do homicídio foi traição, um outro morador de rua o esfaqueou enquanto ele dormia na “marquise do alho”, sem que houvesse discussão ou algum tipo de agressão. Eles haviam bebido muito e foram dormir, e aproveitando o momento aconteceu a violência. Ângela me contou que no momento do crime o alvoroço foi grande, a polícia foi chamada, mas não se soube o paradeiro de quem cometeu o homicídio.

Os moradores de rua que dormem na Praça em frente a Igreja ou na “marquise do alho”, os vários catadores de papelão passam a noite no “buraco da jia” e não relatam cenas de violência. As bebedeiras e o uso de drogas praticado pelos moradores de rua ou meninos não é mencionado como ato transgressor. Quando falam sobre o assunto violência, relacionam com períodos em que outros

grupos de moradores de rua estiveram por lá. Um caso lembrado foi o período em que um grupo liderado por um morador de rua chamado “Pisca” disputava territórios, causava medo, principalmente, entre os que dormiam e eram apanhados de surpresa. Os relatos falam que os da turma do “Pisca” faziam atos de perversidade, principalmente, com velhos e bêbados, queimavam os pés dos que dormiam, passavam cola no cabelo.

À noite, no entorno da Sé, os vigias noturnos são parte da paisagem. Eles ficam conversando durante toda a noite, jogam cartas, outros levam as suas companheiras ou namoradas para “ajudar a passar o tempo”. O relacionamento dos vigilantes com os que dormem nas marquises da Praça da Sé varia de acordo com o comportamento dos moradores de rua. Aqueles considerados pelos vigias como malandros não tem proteção, ao contrário, sempre que incomodam a ordem do quarteirão são reprimidos, seja pela polícia ou pelos próprios vigilantes, mas aqueles considerados pessoas ordeiras, de boa índole recebem a proteção e até a amizade dos vigilantes.

Quando o dia amanhece, os moradores de rua vão sumindo da paisagem, a Igreja Matriz abre as portas, as lojas começam a funcionar, as lanchonetes começam a vender os cafezinhos, os ônibus começam a circular com maior frequência e o ritmo acelerado das ruas volta a fazer parte do cotidiano daquela mancha da cidade.

4.3 Praça José de Alencar, Praça da Lagoinha, lugares de passagem, lugares de convivência...

A Praça José de Alencar é como um palco vivo, nela, cotidianamente, uma diversidade de atores sociais ocupam os espaços da praça realizando atividades diversas. Eles são os artistas populares, os cantadores de viola, os emboladores que vendem fitas cassetes com suas canções, os palhaços, os mágicos, o “quebrador de coco”- homem que através de golpes de artes marciais quebra-coco com as mãos e com os pés, o “homem da cobra” - que vende pomadas e unguentos que, segundo ele, são

retirados do óleo da cobra, os religiosos (protestantes e católicos) que entoam cantos de louvores e pregações, os meninos de rua, as prostitutas, os moradores de rua, os vendedores ambulantes (de comidas, rifas, jogo do bicho, flores etc.), os camelôs, as pessoas que trocam cartão telefônico, os engraxates, os aposentados, as manicures, os mendigos e prestadores de serviços diversos que utilizam a praça como “escritório”, realizando contratos de trabalho.

Cada ator da praça ocupa um cantinho dela, territórios dentro do espaço da praça. O “crente” ocupa uma árvore, pertinho do poste onde retira energia elétrica para sua caixa de som. O banco do lado esquerdo da praça é ocupado pelas prostitutas, homens aposentados, mulheres cafezeiras; no banco central, em frente a estátua de José de Alencar, é ocupado por moradores de rua, transeuntes e, nas segundas-feiras, é nele que acontece o encontro dos artistas e também por transeuntes e pessoas que descansam ou vêm o tempo passar.

No banco do lado direito da praça, ficam vendedores de comidas que expõem os depósitos com as “quentinhas”. Na área central da praça, estão os engraxates e os artistas (mágicos, cantores) realizando suas apresentações. Os meninos de rua circulam pela praça o dia inteiro, mas quando se agrupam, concentram-se na estátua de José de Alencar, situada no centro da praça. O “quebra coco” apresenta-se no lado esquerdo da praça, próximo a uma árvore, a qual ele utiliza nos seus números malabarísticos. Ao redor da praça, estão os carrinhos que vendem lanches e os vendedores ambulantes.

Na praça, há uma cabine da Polícia Militar, onde se reveza sempre uma dupla de policiais. Essa cabine tem a função de fazer as autuações, encaminhando-as em seguida para um distrito policial. Quando acontece apreensão de algum assaltante, uma pequena multidão desvia o olhar dos artistas da praça para a cabine, prevalecendo a espetacularização da violência.

Na praça, tudo acontece ao mesmo tempo, as palavras, cantos e os gestos se entrelaçam. É possível perceber que as diversas sociabilidades conseguem dividir o espaço da praça igualmente, mesmo demarcando as diferenças e os conflitos.

Durante à noite, inúmeros barzinhos ambulantes lotam o espaço, são de carros de lanches que vendem bebidas, alguns colocam aparelho de som, deixando a praça, mesmo à noite, muito barulhenta. À noite, a prostituição é mais

visível, as mulheres circulam nos barzinhos ambulantes e nos bancos da praça. Também é comum acontecer venda de drogas que, segundo depoimentos, são trazidas do “Oitão Preto” e distribuídas geralmente por prostitutas, ou meninos de rua que servem de “aviões”.

O comércio em sua volta é de natureza popular. Na Rua 24 de Maio, há um “camelódromo”, centro de trabalhadores autônomos organizado pela prefeitura, também conhecido de “beco da poeira”, onde se vendem mercadorias diversas, desde roupas a materiais elétricos.

Os bares em sua volta são de natureza popular, são ponto de encontro de homens e mulheres, que escutam músicas de amores perdidos, amores traídos, de saudades e de desejos. Esses bares são também freqüentados por prostitutas, que encontram nesse lugar os seus clientes. A vinculação com a prostituição feminina adulta e infantil imprime um sentido “marginal” na noite da praça. Os seus personagens noctâmbulos (prostitutas, bêbados, moradores de rua etc.), como nômades do espaço, são mais visíveis à noite, realizando uma apropriação temporal capaz de desfigurar o espaço do dia. Por isso, à noite, a Praça é perigosa para quem não a detém, para quem não a habita.” (PIMENTEL, 1998, p. 63-64)

A citação acima é uma descrição da Praça José de Alencar realizada em 1997, no período em que realizei a pesquisa sobre os personagens da praça e seu cotidiano, como espelho da cidade. Essa praça é uma das mais importantes no centro da cidade, ela é extremamente complexa, consegue agregar uma diversidade de atores sociais e experiências. Passados seis anos, a Praça José de Alencar foi sendo mais uma vez modificada.

Atualmente, a Praça José de Alencar está sendo reformada. A reforma executada pela Prefeitura Municipal de Fortaleza faz parte do projeto requalificação do Centro, que inclui também a reforma da Praça Capistrano de Abreu, conhecida como Praça da Lagoinha e a construção de uma estação do metrô. Para garantir segurança aos transeuntes e trabalhadores, a empresa contratada para realizar a reforma cercou de tapumes toda a extensão da Praça.

Apesar de isolada, cercada pelos tapumes, a Praça José de Alencar está viva, transmudou-se para a Praça da Lagoinha, apoderando-se do seu

espaço já reformado. Para lá, foram todos os seus personagens, o pastor e sua guitarra, as mulheres cafezeiras, as prostitutas, os artistas, os engraxates, os moradores de rua entre outros.

Assim como a Praça da Sé, a Lagoinha e a José de Alencar estão situados numa *mancha*. No complexo que compreende a Praça da Lagoinha e a Praça José de Alencar, vários atores da rua transitam pelo “beco da poeira”. Essa é a denominação do centro de venda de pequenos e médios empresários do ramo de confecção, que aglutina também uma pequena multidão de vendedores ambulantes, que se aglomeram nas esquinas. Ouve-se o ruído de quem vende. Gritos de concorrência em seus estreitos corredores separam os boxes de um pouco mais de um metro de comprimento que vendem confecções a preços populares. É no vaivém entre o beco da poeira, a Praça José de Alencar e a Praça da Lagoinha que transitam os seus atores sociais.

A Praça José de Alencar e a Lagoinha aglomeram em seu entorno espaços de lazer, tendo o Teatro José de Alencar uma das principais casa de espetáculos da cidade, e espaços religiosos, sendo eles a Igreja do Patrocínio, situada na própria Praça José de Alencar, na rua Guilherme Rocha, e o templo central da Igreja Universal do Reino de Deus, localizada na rua Vinte e Quatro de Maio. O comércio que atende aos consumidores de baixa renda, com características populares está situado na rua Vinte e Quatro de Maio e na rua Guilherme Rocha. Na rua General Sampaio, estão as lojas de departamentos, também de tecidos, móveis, utilidades, além de farmácias. Vê-se tanto na rua Vinte e Quatro de Maio como na rua General Sampaio um intenso fluxo de vendedores ambulantes.

Os moradores de rua estão sempre passando o tempo na Praça da Lagoinha, ficam sozinhos ou em grupo, ocupam os bancos, realizam pequenos trabalhos como guardadores de carro ou carregadores. Na maioria das vezes permanecem na praça somente para “matar o tempo”, isto é, integram-se com os outros atores da praça, passando o tempo enquanto se deslocam para outro lugar. Como coloca Milton, um dos usuários da Praça da Lagoinha, “[...] depois que eu acordo vou para a Lagoinha, fico lá, ouvindo as músicas do pastor, fico só olhando

tudo, a gente conversa, fica lá enquanto dá onze horas, depois vou para as irmãs, vou pegar o almoço[...]”.

A Praça da Lagoinha faz parte do percurso¹⁵ de alguns, que saem da praça em direção a Avenida da Universidade, onde se localiza o convento de São Vicente de Paulo onde é distribuído diariamente um almoço a população de rua.

Apesar de passar o dia pela Praça da Lagoinha, a maioria dos moradores de rua que passam o dia por lá não dormem na praça. O fato de estar em conclusão, sem iluminação, torna a praça um lugar perigoso para dormir devido à escuridão. Mas há alguns que arriscam passar à noite entre a Praça da Lagoinha e a calçada do Hospital César Cals, situado vizinho à praça na avenida do Imperador.

À noite, quando há espetáculo no Teatro José de Alencar, os moradores de rua têm atividade remunerada garantida, eles trabalham como vigilantes de carro, mas “em dias parados”, como eles mesmo dizem, o silêncio invade as ruas que circundam a Praça José de Alencar, e alguns moradores de rua apenas dormem embaixo das marquises da rua Vinte e Quatro de Maio. Dividem os lugares de dormida com os moradores de rua, alguns trabalhadores que não voltaram para casa, além de alguns que beberam e não tiveram como se deslocar para casa.

O que impressiona na mancha da Praça José de Alencar e Lagoinha é o aspecto popular de seus usuários, mais do que na Praça da Sé, onde transitam turistas e consumidores do mercado e das inúmeras lojas de suas redondezas, a Praça José de Alencar agrega um fluxo de consumo popular. O “popular” pode ser percebido no vaivém dos compradores que freqüentam o beco da poeira, nos transeuntes que se deslocam aos pontos de ônibus que têm destinos para os mais variados bairros da cidade, nos inúmeros pedintes que se espalham, principalmente, nas esquinas das ruas e próximo à Igreja do Patrocínio.

O termo popular trazido para essa discussão, é a concepção construída por De Certeau (1996). Popular como uma resistência ao sistema imposto,

¹⁵ Os percursos realizados pelos moradores de rua serão analisados em um outro capítulo.

maneiras de "jogar", desfazer o jogo do outro, caracterizando como uma atividade sutil, tenaz, astuta e resistente de grupos que, por não possuírem um espaço próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de força e de representações estabelecidas.

O popular realiza operações *táticas e disjuntivas*, tanto no plano espacial como no plano da linguagem e das práticas sociais estabelecidas. Caracteriza-se por um prazer em alterar as regras do espaço opressor. (De CERTEAU, 1996, p. 79). Por isso, o caos que institui a lógica da mancha da Praça José de Alencar é própria de sua ordem: os ruídos, a fricção dos corpos que se atropelam no beco da poeira, o canto estridente dos vendedores ambulantes que vendem de tudo, desde materiais elétricos, a frutas e livros.

Ao observar a reforma da Praça, faço não tenho como comparar com o centro de Berlim no início do século XX. No romance realista de Alfred Doblin, *Berlim Alexanderplatz* (1929), o protagonista é Frans B, um carregador que trabalha e vive no centro da cidade. No centro, onde está situada *Alexanderplatz*, uma praça, ponto de confluência de linhas de trânsito, com um imenso canteiro de obras para a construção do metrô, lugar onde se escancaram as entranhas da cidade. Doblin configura, partir de *Alexanderplatz*, a fisionomia da metrópole, Berlim:

A "trajetória de Alexanderplatz está nas páginas policiais. a energia verbal do lugar, a inventividade da fala da rua, as piadas políticas e eróticas, o jargão de malandros, putas, gigolôs, as canções das paradas de sucesso, o rush das diversões, a frivolidade, o prazer, - tudo confluindo para a grande Praça Comercial, onde tudo é venal, onde reina a grande puta babel, todas as faces do crime, todas as bocas, todas as linguagens [...] espírito lúdico prestes a enfrentar todas as vicissitudes, com a resposta na ponta da língua. Polifonia. Ou caótica fragmentação" (Bolle, 1986, p.131).

Assim, como nas imagens de *Alexanderplatz* descritas por Doblin, as praças José de Alencar e Lagoinha acolhem vários personagens da cidade, possuindo um aglomerado de usos, como um grande palco vivo, poses e cenas da vida cotidiana que foge sobremaneira às normas e ao disciplinamento urbano.

Nela, há espaço para a loucura, para o vício, para o feio, para o impróprio. As praças do centro de Fortaleza possuem o estatuto de praça popular .

Em cena na Praça José de Alencar, praça do centro de Fortaleza, um homem desdentado, com cabelos e barbas grandes, nú da cintura para cima, com o olhar perdido e vago, que assiste às inúmeras apresentações dos artistas da praça. Ele é um morador de rua. Ao mesmo tempo em que ele é espectador, também é personagem da trama social. Ninguém incomoda-se com o seu aspecto estranho e doentio. A sua loucura é aceita dentro do espaço, porque esse espaço não impõe fronteiras entre saúde e doença.

Não fácil encontrar os moradores de rua que vivem na Praça da Lagoinha e José de Alencar, pois eles estão misturados ao conjunto de vários atores que passam o dia trabalhando, transitando ou passeando no entorno da mancha. Os moradores rua são parte da ordem instituída, do cenário tanto do dia, quanto da noite.

Durante o dia observando o intenso movimento de pessoas, principalmente de populares que perambulam no entorno da mancha, não posso identificar quem é, e quem não é morador de rua. Deduzo que aqueles que dormem nos bancos da praça, envolto com papelões sejam moradores de rua enquanto os outros personagens realizam atividades diversas. À noite aqueles que dormem nas calçadas habitam as ruas.

Uma conversa com um morador de rua chama do Vivente que viveu durante muito tempo na Praça, conta como esta pode se tornar a sua casa. Pois nesse espaço público, também se toma banho, utilizando uma torneira no canteiro, troca-se de roupa ao lado da estátua de José de Alencar (o lugar mais reservado da Praça) e as necessidades fisiológicas são satisfeitas próximo as árvores, no chão e enrolados sob os papelões. Cada um na hora de dormir possui um papelão, que lhe serve de cama e de cobertor para o frio.

Vicente é um morador de rua, de vinte e quatro anos, ele tem no rosto uma cicatriz enorme, no ombro e no peito uma tatuagem um sol e um dragão.

Tem um sorriso maroto, meio “malandro” que não “mete medo”, ao mesmo tempo assusta pelo tipo físico, forte e alto.

Vicente não se lembra quando chegou à Praça, era muito pequeno, sabe apenas dizer que chegou de trem vindo de Pernambuco, com sua mãe e seu irmão. Hoje, não mantém contato com a sua família.

Em sua narrativa, coloca sempre que viveu de fases, já esteve internado em um hospital psiquiátrico e já foi morar na Suíça com uma francesa que conheceu quando esteve participando de um projeto com meninos de rua. Na atual fase de sua vida, está há uma semana sem tomar drogas, compromisso assumido perante um pastor da Igreja Universal do Reino de Deus, onde não perde os dias de culto.

“Eu cheguei nessa Praça não me lembro direito quando, eu não usava drogas ainda. Só sei que eu vim parar aqui por causa dos problemas, problema na família, problema com pai, com mãe, com as drogas. Eu era bem pequeno, mas de tanto a minha família dizer as coisas comigo, se eu não fazer, ia acabar fazendo, fazendo cada vez mais.

(...) Eu vendia e tomava drogas também, riphinou, aranha, maconha, mas eu parei, não dá futuro. Também tomar eu tomo pouco, mas tomar da maneira que eu tomava, eu tomava demais. Teve um tempo que eu endoidei de tanto tomar droga, fiquei doído, muito doído. Continuo tomando, mas é pouco.

Na lógica da rua, os códigos de valores são baseados na força e a violência é naturalizada, não só entre os que estão na rua, como também pela polícia:

“Já não é à toa que eu sou conhecido como Paulo Paulada, vulgo Paulo Paulada, porque eu brigava muito e quando eu queria brigar com alguém, eu derrubava com uma paulada (...) mas depois fica tudo bem, se anda com a pessoa, depois quer tirar onda (...) Já a polícia também faz as leis, o próprio policial faz as leis, ele pega, bate. Uns quando pega a pessoa dá a geral, depois toma o dinheiro (...) eu mesmo já fui vítima de violência com a polícia por não dá dinheiro e me pedir por fina força e eu brigar com a polícia e sentir acidente na cabeça, de paulada e eu

endoidar de repente por causa da pancada na cabeça e eu pegar a polícia com unhas e dentes”

Para os moradores de rua, não há um tempo definido para trabalhar, comer e dormir. Ao passarmos pela Praça, é comum se ver moradores de rua dormindo durante o dia. Quando há a oportunidade de trabalhar, o serviço se resume a pequenos serviços, em geral favores prestados para os outros personagens da Praça, como carregar mercadorias e materiais utilizados na Praça durante às apresentações.

“ Eu já trabalhei de mestre cena de palhaço, de palhaço, de artesanato com palha. Aqui na Praça, quando eu faço favor ganho até 10, 15 reais por dia, quando eu não faço não ganho porra nenhuma. (...) quando eu trabalho eu não vendo drogas, quando eu vendo drogas esse é o meu trabalho”

Como é difícil identificar quem é, e quem não é morador de rua, os personagens que vivem na Praça estão relacionados entre si, numa rede de relação, solidariedade e conflitos. O morador de rua invisível aos olhos dos transeuntes que passam despercebidos vão conquistando na Praça um lugar para estar e para passar.

Capítulo 6

Percursos itinerantes: o que faz caminhar?

O ato de caminhar é bastante antigo, desde que o *homo erectus* iniciou a sua caminhada em direção a Ásia e Europa, cerca de 1 milhão de anos atrás. É certo que o homem não deixou de cruzar fronteiras, desbravar terras, mesmo quando se tornou *homo sapiens*, *homo faber*. A experiência de deslocar-se sempre esteve relacionada com a sobrevivência pessoal ou do grupo, com as novas descobertas, como as peregrinações míticas-religiosas, como também com a necessidade expansionista da conquista.

A aventura de sair de um ponto ao outro fascinou o homem, como diz Pinski (1990:17)

... a grande aventura humana da ocupação do planeta se iniciou há um milhão de anos, quando algum membro do grupo do homo erectus, firmando sob os pés, esticou a cabeça por sobre a rala vegetação da savana africana e se perguntou o que haveria para além das montanhas que ele percebia acima da linha do horizonte. Naquele instante, talvez não fosse relevante o problema alimentar ou a necessidade de mais espaço. Nada nos leva a crer que aquele nosso ancestral tenha abandonado o seu habitat para resolver alguma questão material...

Foi o desejo que mobilizou o homem a descobrir novos caminhos, foi por puro espírito de aventura. Foi o processo de nomadização que propiciou os diversos cruzamentos da espécie humana. Quando o homem descobriu novos caminhos foi possível ousar novas experiências e descobrir o universo que lhe cercava.

É remontando a experiência humana do deslocamento que podemos compreender o nomadismo no espaço urbano. O pólo agregador das experiências sociais do homem antigo foi às cidades. O homem sedentário, civilizado confronta-se com o homem nômade, errante. Os muros que cercavam as primeiras cidades protegiam os moradores, mas também era as fronteira entre o mundo da civilização e “caos” bárbaro do nomadismo. Sair de dentro da cidade significava arriscar-se num mundo “sem leis”.

Ao longo de milhares de anos, as cidades se complexificaram, cresceram, foram além de seus muros, assimilando novas concepções de mundo, com novas práticas sociais, econômicas e culturais.

Na idade média, os trajetos não partiam da cidade para o seu exterior, mas ao contrário, recebiam do campo aqueles que desejam vender ou comparar em seus mercados, rezar em suas igrejas ou encontrar-se com o poder político. A tríade mercado, religião e política determinaram a formação dos espaços, e fez da cidade lugar de centralização dos poderes econômicos, político e religioso.

Foi a cidade moderna capitalista que instituiu novos percursos quando dividiu o homem em dois espaços fundamentais, o público e privado, já que antes do nascimento da fábrica, o artesão trabalhava em sua própria casa, determinava o tempo destinado às tarefas domésticas e o tempo para a produção de materiais.

Foi na modernidade que a rua passou a ser lugar de passagem. Nela acontece o vai-vem diário dos passantes rumo ao seu destino. A racionalidade do trabalho influenciou os percursos, e por isso, o tempo destinado ao deslocamento submeteu-se a um rígido controle. Na metrópole, não se pode perder tempo. “Tempo é dinheiro”, por isso é preciso construir longas vias expressas, viadutos, a automatização das operações financeiras, integrando as diversas funções, comprimindo o tempo, como diz Simmel:

As longas distâncias fariam com que toda a espera e os compromissos rompidos resultassem numa perda de tempo de conseqüências altamente nocivas. Assim, a técnica da vida metropolitana é inimaginável, sem a mais pontual integração de

todas as atividades e relações mútuas em um calendário estável e impessoal. (Simmel, 1979 p. 15)

Simmel (1979) falou da metrópole moderna do início do século XX, e hoje, bem mais do que na modernidade capitalista, o indivíduo que mora na cidade grande faz longos percursos, desloca-se de uma cidade a outra, cruza fronteiras invisíveis. Andar a pé tornou-se inviável devido a distâncias entre um ponto e outro da cidade. Mesmo as classes populares fazem percursos de ônibus, de trem, metrô ou bicicleta em direção ao trabalho ou aos espaços de lazer encurtando as distâncias entre os diversos pontos da cidade.

É na metrópole que se encontra o coletivo. No coletivo a multidão se expressa como um sujeito. Segundo Ferrara (2000 p.82) A multidão não se opõe ao indivíduo, o indivíduo não é tragado pela multidão, “o indivíduo não colide com o coletivo, mas nele se dilui e se dispersa, sentindo-se na própria casa, como se a rua fosse o lugar capaz de reunir, sem tensões, o geral e o particular”.

Uma cena muito comum nos centros urbanos é o encontro diário de uma multidão de anônimos que se esbarram nos terminais ou estações de transporte coletivo. Esse espaço aglutina ao mesmo tempo os religiosos que apregoam sua fé, os mendigos que tentam sobreviver, os jovens de uniformes escolares e jovens vestidos de forma mais variada, mulheres, crianças etc. É, portanto, um caldeirão de estilos, modos de ser e de viver, que comunica a diversidade da cidade. Um lugar democrático onde se reúne todos os indivíduos, onde todos podem ver e ser vistos.

O pedestre surge em meio à multidão que se desloca para vários espaços da cidade, seja sob o ritmo e rumo do trabalho ou pelo prazer de vagar. Como o Flâneur, personagem que encarna a própria cidade moderna. O Flâneur é um caminhante que se encontra só na multidão. Ele capta a cidade através do véu da multidão, e capta os sentimentos e a aura do cotidiano em suas caminhadas. Ele é um andarilho.

De Certeau (1996: 176) fala do pedestre como alguém com possibilidades de “moldar os espaços. Tecer lugares”. Por isso, os pedestres quando caminham

podem transgredir os roteiros pré-estabelecidos, refazendo-os, dando novos rumos ao seu percurso, pode criar atalhos, transportando barreiras, isto é pode retirar do seu caminho algum empecilho, ou mesmo construir novas possibilidades, novos caminhos. Para aprofundar essa questão, De Certeau (1996) dá o seguinte exemplo:

... Se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local que por onde é permitido circular) e proibições (por exemplo, por um muro que impede prosseguir), o caminhante atualiza alguma delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais . Assim Charlie Chaplin multiplica as possibilidades de sua brincadeira. Faz outras coisas, com a mesma coisa e ultrapassa os limites que as determinações do objeto fixavam para o seu uso. Da mesma forma, o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. (p. 178)

Dessa forma, caminhar faz do pedestre alguém como inúmeras possibilidades, uma aventura, um encontro com os diferentes, com os obstáculos que por ventura poderão aparecer, também poderá encontrar os seus “pares”, com gostos e estética semelhante, poderá cruzar com seus amores ou com suas dores.

É na empreitada do deslocamento que a rua tornou-se o lugar de passagem e ao mesmo tempo de encontros por excelência. Como diz Silva (2001 p. 26): “a cidade é o lugar da mestiçagem e do encontro cultural. A cidade mescla hábitos, percepções, histórias, enfim é cultura se fazendo como costura”.

A rua é, portanto, ilimitada, indo além de seu traçado formal. Se pensada a partir dos passos que moldam os espaços, como diz De Certeau: “ a caminhada afirma, lança suspeita, arrisca-se, transgride, etc (p 179).

O morador de rua é um andarilho por excelência, ele caminha por toda a cidade, cruza territórios, “invade” espaços proibidos, inventa novas formas de habitar e de estar. Ele passa, na maioria das vezes, o dia todo caminhando, para a noite se concentrar no lugar costumeiro de dormir.

O que faz o morador de rua caminhar o dia inteiro? A aventura de caminhar está associada por razões diversas, com o desejo de encontrar algum lugar, os delírios solitários, pela urgência da sobrevivência entre tantas razões.

Aqui apresentarei três formas diferentes de percursos, narradas pelos moradores de rua em entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo e de conversas obtidas na Casa da Sopa. Essas narrativas são expressões de sociabilidades construídas na lógica da rua, e revelam também as histórias de vida dos entrevistados, o seu modo de sobrevivência, as fronteiras entre a loucura e o considerado normal, como também as experiências das mulheres que vivem nas ruas.

Percursos de sobrevivência

Durante certo tempo me perguntei o que fazia os moradores de rua caminhar durante tanto tempo. Minha curiosidade inicial foi saber como obtinham alimentação, água, banho e outras coisas essenciais para a existência humana. Compreendi com o tempo, que não existe um rumo certo, como também não há espaços fixos para desempenharem determinadas funções. O que existem são circunstâncias incertas.

A sobrevivência nas ruas não é tão difícil como se parece, é possível vê-los se alimentando, mesmo que precariamente, usando banheiros públicos, de bares e de estacionamentos. Existe na rua, principalmente no Centro da Cidade, uma teia de relações, instituições não governamentais, religiosas que servem de apoio aos moradores de rua, garantindo-lhes refeições, banhos e ajuda para voltar para casa. Elas fazem parte do percurso da maioria dos moradores de rua de

Fortaleza. Para se deslocar até os lugares destinados de apoio, ou para procurar algum trabalho, o morador de rua caminha a pé, realiza um trajeto. É no caminho que faz entre um ponto a outro, se relaciona com o espaço público, com o trânsito e com os outros moradores da cidade. É também durante os percursos que o morador de rua vê a sua cidade.

Trajetos de Cícero:

Uma das pessoas que me fez compreender a relação do morador de rua com o restante da cidade foi Cícero, morador de rua de 34 anos, que vive nas ruas desde adolescente. Sua história é parecida com a de alguns adolescentes pobres que vão parar na rua para tentar algo que lhe dê dignidade, e o trabalho é na maioria das vezes a possibilidade de uma vida digna. É ele quem diz:

Eu não tenho mãe, eu não sei direito, sei o que me contaram. Eu mais meu irmão ficávamos com a minha mãe de verdade aqui pelo centro, mas ela morreu. Ela trabalhava aqui no Centro, vendia café, uma coisa assim. Eu fui criado pela minha mãe de criação, ela mora lá na Jurema, mas antes ela morava lá no Oitão Preto. Mas não deu certo, não. É muita confusão, meus irmãos, que são filhos dela. Tem um que só quer ser muita coisa, humilhava a gente, ele hoje é casado, tem um emprego. Teve também uns bonecos, lá, me meti em confusão, então eu achei melhor sair fora. Às vezes eu vou lá na Jurema ver a mãe, mas eu não fico mais de um dia [...] Só tem uma irmã que me apóia, mas o marido dela é o maior pilantra, eu já pequei uma confusão com ele um dia.

(...) Como eu vim parar no Centro? Eu vim parar no centro, porque eu vim trabalhar, eu era ajudante numa pastelaria aqui perto. Eu entrava bem de manhãzinha, às vezes eu ficava até de madrugada. O dono da pastelaria era chagado a um bagaço, lá tinha de tudo, tinha cachaça, tinha maconha. Eu não

vou negar, eu era mesmo errado, ele me oferecia e eu gostava, eu de vez enquanto bebia, mas era de vez enquanto. Então cai de vez nas drogas.”

Cícero veio para o Centro da cidade em busca de trabalho, mas ele encontrou o Centro inteiro, os espaços destinados à delinquência, o trabalho propriamente dito e a sociabilidade típica da rua. Encontrar drogas no Centro não foi difícil para Cícero. Ele mesmo quem diz: “Se o neguim não tiver, tem outro que reparte o seu, droga não falta, as vezes falta comida, mas drogas”. Em alguns lugares específicos do Centro existem pontos de vendas de drogas. O mais relatado entre os moradores de rua é o “oitão preto”.¹⁶ Do “oitão” a droga é distribuída para algumas Praças e pontos específicos.

O uso de drogas fez com que Cícero tivesse dificuldade de encontrar outro trabalho, ele relatou que freqüentou o grupo Shalom¹⁷, que tentou ajuda-lo, mencionou também ter freqüentado o Desafio Jovem¹⁸.

Eu perdi muitas oportunidades. Já me deram foi uma casa para morar, fui interno no sítio do Pessoal do shalom, lá era bom de mais, eu tinha comida, eu desenhava, jogava futebol, o Pessoal era gente fina, me ajudaram mesmo, eu tinha uma casa, oração muita oração, mas não dei valor, eu arranjei uma briga com o pessoal de lá. Nessa época, o albergue era ali na Barão do Rio Branco. Eu tava de alta do sitio e dormia lá no albergue e passava o dia pela rua. Acontece que tinha um pessoal lá que era fuleragem (sic). Um pessoal que humilhava os outros, eles só

¹⁶ Trata-se de uma favela, uma espécie de beco, entre as ruas Leste-Oeste e a Estação ferroviária João Felipe. No “oitão preto” é possível alugar pequenos cômodos para morar. Várias pessoas que trabalham nas ruas e até moradores de rua alugam os “quartinhos” para dormir. O preço varia entre três a cinco reais por dia, é bastante caro, se comparado a outros imóveis do gênero em bairros afastados do centro. Segundo os moradores de rua, o “oitão preto” é um lugar que possui muita marginalidade, prostituição, trafico de drogas, por isso é comum a entrada de policiais para conter problemas relacionados a violência.

¹⁷ O Shalom é um grupo de orientação católica que atua em comunidades de fiéis com práticas e vivências próprias. Em Fortaleza, esse grupo realiza diversas atividades de cunho sociais e filantrópicos, entre elas o albergue, que em parceria com a Prefeitura, proporciona abrigo à noite aos moradores de rua que desejarem. O grupo Shalom também realiza terapias de combate a drogas baseadas em experiências espirituais e em trabalhos manuais.

¹⁸ O Desafio Jovem é um projeto destinado a terapia a pessoas usuárias de entorpecentes.

davam razão aos malandros, aos bonequeiros. Aquele albergue ali eu não vou mais não. Pode perguntar, ninguém gosta... Um dia eu quebrei o carro de uma dona, ela era uma manda-chuva de lá. Depois eu me arrependi, eu tava muito doido nesse dia. Então eu fiquei marcado, qualquer coisinha, a gente leva logo a culpa. Mas eu reconheço que eu perdi muita oportunidade por causa de bebida e de droga...

O ponto de fixidez entre o morador de rua e o restante da cidade é o Centro. Eles freqüentam outros espaços, tentam morar em outros bairros, mas sempre retornam para ao Centro. É no Centro da Cidade que eles encontram ocupação e alguma forma de sobreviver. Cícero trabalhou de servente de pedreiro em uma construtora por oito meses. Nesse período conseguiu alugar uma casinha para morar e uma companheira, mas quando foi demitido, rompeu com a mulher e voltou para o Centro da cidade.

Eu vivi junto com uma menina. Ela era crente, e a mãe dela morava perto da casa onde eu morava com ela lá no Rodolfo Teófilo. Era bem boazinha, tinha um quarto, sala cozinha, banheiro. Tu sabe onde fica? Perto da maternidade Escola, por ali. Fiquei uns oito meses, mas a mãe dela se metia muito. Nessa época eu trabalhei de servente de pedreiro numa construtora, mas fui botado para fora, porque a obra acabou, então voltei a beber, a fumar maconha, me separei dela (...) Qual a drogas que eu tomo? Hoje eu só faço é beber mesmo, mas eu já tomei de tudo, maconha, roypinol, aranha, cola, pó, tudo. Eu voltei para o Centro, fiquei por aqui mesmo, ficava na Praça da Sé pastorando os carros, eu tenho uma vaga lá. De noite eu durmo por ali mesmo. Lídia eu vou dizer uma coisa, a gente que é de rua não tem opção, tem que ficar arrumando serviço por aqui mesmo, tem que reparar carro, lavar carro, catar papelão. Eu gosto de reparar carro. Eu

tenho minha profissão, eu sou servente de pedreiro, já tive carteira assinada, mas eu ganho bem, dá pra levar, tem dia, dia de missa, dia de domingo, eu consigo dez contos por dia. Tem gente que é legal, dá de um real, até de dois, mas tem gente que dá cinco centavos, dez centavos, uma miséria. Com dez contos por dia dá pro malandro se virar na rua.

Cícero já trabalhou de vigia, de vendedor ambulante, de auxiliar de pedreiro e de flanelinha. O trabalho é sempre circunstancial, estando intimamente ligado com a necessidade imediata de sobreviver. Não há na narrativa de Cícero uma preocupação com poupança ou com o futuro. Quando contou sobre o seu dia, Cícero fez questão de afirmar que não vive de pedir esmolas, que sai para “batalhar”, tentando se diferenciar daqueles que não trabalham, apenas pedem para sobreviver.

(...) Eu primeiro acordo, eu tô ultimamente dormindo lá na Sé. Tem um vigia lá que é meu chapa, eu durmo do outro lado, ali no mercado velho, que agora é outra coisa, não sei o quê do professor... Eu venho para essa Praça aqui, aqui no Coração de Jesus, sempre eu venho, tem uma mulherzinha, uma senhora que me vende, tomo um café, um caldo, o que der pra eu comprar, depende de quanto eu tiver no dia, também se não tiver eu fico sem tomar café, aí eu espero pro almoço, mas sempre tem um jeito. Depois eu saio, eu vou lá pra Aldeota. Eu não fico encostado em Praça não, feito esses papudins, um bando de sem vergonha, tem um bocado deles que podia trabalhar (...) Eu primeiro saio daqui e passo lá na Praça do canal 10... Eu vou só, eu só ando só, eu não gosto de levar ninguém mis eu, esses caras daqui vem com muita pilantragem. Tem uns caras conhecidos lá das banda da Aldeota, que sempre me ajuda, me dá um trocado, lá eu faço qualquer coisa, lavo os carros deles, é gente rica, gente que pode,

eu tenho uns conhecidos por lá, gente alta. Depois depende, eu garanto meu almoço eu voto, se eu não conseguir eu vou arrumando alguma coisa para fazer. Teve um dia que eu saí, quando chegou lá perto da Santos Dumont, eu encontrei um homem que me pediu para capinar uns matinhos que ficava na calçada dele, eu fiz o serviço e ele me deu dez contos. Tem dia quando eu tô com um pessoal aqui mesmo da rua, a gente fica lá perto do olho d'água, fica lá na Rodrigues Junior, sabe onde é? Fica ali perto da rua... , perto do Dragão do Mar, lá tem uma árvore, um pé de castanhola que nós cozinha (sic). Então agente faz um fogo, o que a gente arrumar a gente bota no fogo. Mas isso é quando tem uma birita, nós fica (sic) tomando lá até... (....) De tarde eu durmo aqui no Parque da Criança, numa sombra dessas até a hora de eu ir tomar um caldo lá nas irmã, ali, lá no Dorotéias, lá elas dão muita coisa, tem gente que conseguiu, mas eu não tenho sorte, nem uma roupa veia rasgada elas me dão. (Cícero).

O dia-dia de quem mora na rua é impreciso, como bem disse Cícero, depende de quem encontrar no caminho, caso encontre um companheiro para sair junto ou se vai sozinho, caso encontre algum tipo de trabalho, demora mais um pouco no lugar. Na narrativa de Cícero, não há a estagnação comum nos moradores de rua que delimitam um lugar para pedir esmolas, ou aqueles que fazem sempre o mesmo percurso em busca de ajuda, ao contrário, ele sai sem saber bem direito o que vai acontecer.

Cícero vai rumo ao bairro Aldeota, um lugar que agrega serviços e comercio, além de moradias da classe abastarda de Fortaleza. Ele pode encontrar trabalho ou não. Como também pode passar o tempo com os companheiros de rua comendo e bebendo no olho d'água,¹⁹ sem conseguir trabalho. Não há em sua

¹⁹ Além de Cícero, outros moradores de rua citaram o olho d'água. Esse lugar é de fato um córrego ou nascente que se encontra com o Rio Pajeú nas imediações da Rua Rodrigues Junior no Centro da Cidade, próximo ao bairro de Iracema. Durante a pesquisa, não tive oportunidade de conhecer esse lugar.

narrativa a divisão de um tempo próprio do trabalho e o tempo de lazer, os acontecimentos vão se dando no ritmo próprio da rua. Tudo pode acontecer.

Sair sem destino é arriscar a própria sorte, é se aventurar no desconhecido. Cícero sai para sobreviver, no intuito de tentar algo, seja dinheiro, seja comida. Quando eu perguntei que horas ele está de volta para o Centro da Cidade, ele me respondeu que quando sai das imediações do Centro normalmente está de volta na hora do almoço ou então somente volta à noite, horário em que se agrupa a outros moradores de rua no ponto onde vai dormir. Mas também já aconteceu de ele sair e passar vários dias para voltar:

Um dia eu fui bater lá pras bandas de Horizonte. Eu sai e fui, quando chegou lá pra bandas do final da Aldeota, ali por perto da praia do futuro, eu conheci um cara, agente ficou amigo, e eu fui de carona com ele, a gente pegou uma carona com um caminhoneiro, e a gente desceu lá em Horizonte, eu acabei passando não sei quantos dias por lá. Quando eu chequei aqui, a turma tinha pensado eu tinha morrido..”

Encontrar ocupação no Centro não é difícil se o morador de rua faz parte de uma rede invisível de poder que distribui as tarefas. Os flanelias que guardam carros em alguns pontos do Centro, por exemplo, obedecem a um outro, que tendo territorializando à via publica num determinado perímetro, mantém uma relação de poder sobre os demais, podendo ceder, vender ou alugar as vagas; os vendedores ambulantes também recebem de um outro o material a ser vendido nas ruas, recebendo uma comissão pela venda. Alguns moradores de rua vendem produtos diversos nas calçadas e nos sinais de transito. Outros ainda catam materiais diversos, principalmente papelão e papel carroças para vender em depósitos de reciclagem.

Aqueles que não conseguem sobreviver através de trabalho, têm como alternativa uma rede de cooperações realizadas por instituições de apoio aos

moradores de rua. Mesmo aqueles que possuem algum tipo de ocupação, também freqüentam as instituições que distribuem alimentos e roupas.

Desse modo, os roteiros dos percursos dos moradores de rua entrevistados incluem sempre o caminho que os leva até as instituições, dentre as mais citadas estão a Toca de Assis, localizada na Avenida João Pessoa e no bairro Papicu, sendo esta última um abrigo para moradores de rua idosos e doentes; a Casa da Sopa, localizada na Rua Assunção, no Centro; a Casa São Vicente de Paula, localizada na Avenida da Universidade e o albergue Shalom na Rua Antonio Pompeu no Centro da Cidade.

Além de instituições não governamentais, é comum a ajuda de pessoas anônimas, comerciantes, donos de restaurantes, de estacionamentos, pessoas que trabalham em estabelecimentos no Centro que ajudam doando alimentos, dinheiro e roupas. Sair em busca dessas pessoas ou instituições faz parte do trajeto de vários moradores de rua.

Especificamente, realizei uma roda de conversa com um grupo de alunos da turma de alfabetização do projeto “alfabetização solidária” realizado na Casa da Sopa. Participaram cinco moradores de rua: Milton de 21 anos, Orismar 43, Paulo 23, ***, ****. Conversamos sobre a história de casa um, mas me detive na experiência de trajetos realizados por eles na cidade. Relatarei apenas algumas partes da conversa as quais considere mais significativa. Pedi também que desenhassem e pintassem os trajetos. Exponho-os no final do capítulo.

O percurso de Milton:

A história de Milton revela outra faceta da sobrevivência dos moradores de rua, diferente daqueles que ganham a vida fazendo algum trabalho, ele sobrevive da rede de doações existente no Centro.

Milton tem 28 anos. O seu perfil não se enquadra no típico “empreendedor”, que se vira facilmente na arte da “malandragem da rua”. Ele fala pouco, tem uma característica introspectiva, o corpo tenso, a voz mansa. Ele diz

que tem alguns amigos com quem se relaciona. Encontra-se com eles todos os dias quando vai dormir na marquise da loja Esmeralda na Rua Barão do Rio Branco, mas o dia ele passa sozinho.

Quando conversamos, Milton estava com outros moradores de rua na Casa da Sopa num dia de aula do projeto alfabetização solidária. Enquanto os colegas falavam, ele rabiscava num papel, e no final da roda de conversa, eu pedi para ver o desenho, ele me mostrou - Era o prédio da loja Esmeralda, com os seus detalhes, sua altura, vidraças e algumas flores e plantinhas no teto. Então ele começou a falar sobre o que fez naquele dia:

Eu, depois que eu me levanto, eu vou tomar café lá numas irmãzinhas, lá embaixo, depois da Praça da Lagoinha. Ai quando eu vim de lá fiquei até a hora do almoço, aí na hora do almoço, depois do almoço eu fico lá na Praça até a hora de vim pra cá... Fico lá vendo o movimento, vendo pastor, ele canta e toca guitarra. Quando o Orismar tá lá, eu fico mais ele, conversando, olhando o povo passar, quando ele não tá, eu fico conversando com as cafezeiras. Quando não era na Lagoinha, antes era na José de Alencar, eu passava o dia todinho lá, sentado (...) quando dá umas dez horas por aí, eu fui lá para as irmãs, lá no São Vicente de Paulo, almoçar. Depois eu voltei para a Lagoinha, fiquei lá até a hora de vir aqui para a Casa da Sopa.

Milton revelou pouco sobre a sua história, mas afirmou que é de Nova Russas. Nessa cidade do interior do Estado do Ceará, ele tem irmãos, tendo a mãe falecido. Ele não mencionou o destino de seu pai, mas falou da morte da mãe, que depois que perdeu a mãe não conseguiu ficar morando com os irmãos e parentes. A vinda de Milton à Fortaleza está relacionada com a procura por um emprego, uma tentativa de mudança:

Eu to aqui em Fortaleza faz nove anos. Eu vim para cá para trabalhar na casa de um coroa aí, ele ligou para mim lá em Nova Russas e disse: rapaz você venha que eu lhe espero na rodoviária, você se garante vir só? Eu disse que me garantia, aí ele ficou me esperando na rodoviária, eu fiquei trabalhando na casa dele, mas não deu certo mais. Depois que eu chequei aqui eu trabalhei em freezer (sic), trabalhei no metrofor, trabalhei num bocado de coisa... Eu trabalhei tirando entulho, limpando banheiro na obra do metrô. Era bem uns cem. Agente varria desde a Castro e Silva até o Benfica (...) Por que não deu certo na casa do coroa? Nessa época eu bebia, botava boneco, e o velho era doente do coração... (risos) (Milton, 28 anos).

Milton caminha ao encontro de sua sobrevivência material num trajeto que vai do Centro até o bairro Benfica, isto é ele não se “aventura” a percorrer outros pontos da cidade. Ele está sempre na mesma Praça com o mesmo grupo de amigos.

Ficou evidente que Milton tem um grupo fixo de companheiros, o Orismar, o Paulo e Valdeci, alunos da turma de alfabetização de adultos que funciona na Casa Sapa. Eles dormem juntos na marquise da Loja Esmeralda. Por ter a presença de amigos, Milton não está sozinho no mundo. Eles fazem alguns trajetos juntos, principalmente àqueles que os levam rumo aos grupos de apoio. Foi o Orismar que narrou como passam o dia:

“A gente vem aqui para aula, quando não tem aula, a gente fica conversando com o vigia, tem dia que a gente joga de dominó, de baralho, aí a gente dorme. Amanhece o dia... Amanhece seis horas, seis horas a gente já está de pé, você tem que se levantar, bem cedinho o vigia chama a gente. Agente lava o rosto... Lava o rosto na Pedro Pereira, tem um negócio da Cagece lá, uma torneirinha lá, aí começa o dia assim, aí cada um vai pro seu lado,

cada um vai batalhar... Por exemplo, eu tava batalhando. Eu ganhei uma carroça lá do São Vicente de Paula, agora roubam a carroça, eu tava batalhando nela. Agora eu tô sem fazer nada. Meio dia eu vou lá pra irmãs almoçar... O que eu fiz hoje até o meio dia? Fiquei rodando atrás da minha carroça. Fiquei rodando pelo mercado São Sebastião, pela Tereza Cristina, pela Lagoinha, pela Estação, pelo Dragão do Mar. Umás dez horas a gente desce para perto da treze de maio, para almoçar lá nas irmã do São Vicente de Paula. Depois do almoço agente vem, agente vai sentar um pouquinho na Lagoinha. Quando eu tava atrás da minha carroça, eu ficava trabalhando, juntando papelão, agora eu fico à tarde sentado na Lagoinha. Quando tem aula eu venho para cá, quando não tem, eu fico por aí, fico nas praças até dá nove horas”.
(Orismar).

A rotina de ir almoçar nas irmãs do Convento São Vicente de Paula parece ser diária para muitos moradores de rua que eu entrevistei. Além de fornecer refeições, as irmãs vicentinas realizam atividades educacionais, orientadas para o trabalho e também oferecem doações de roupas, de carroças, dinheiro para pagar aluguel, garrafas de café dentre outras coisas. Faz parte do roteiro de Milton e seu grupo a ida até o convento. Quando eu perguntei o que Milton e seu grupo vêem durante o trajeto ele respondeu:

“Eu vejo muitas coisas, vejo o carros, as ruas, agente vai pela Rua General Sampaio, vai andando (...) às vezes a gente vai pela outra rua. Como é o nome daquela rua? Rua Tristão Gonçalves. Não vejo nada não.” (Milton).

É Orismar quem completa a fala de Milton:

Eu também vejo isso, tem muitas lojas, tem a Igreja Universal. A Senhora já viu a Igreja que tão fazendo lá? Parece

que eles querem chegar no céu (risos). Agente seque direto, passa pela aquela avenida, Treze de Maio. Eu só vejo isso ... ah, vejo também os carros, é carro passando, carro passando... Tem muitos pessoal de rua que morrem atropelados, levam barroadas de carro, porque andam pelo meio da rua, pelo meio da rua tomado de cachaça. Se não prestar atenção, leva barroadada. (Orismar)

A cidade parece ser vista durante os trajetos de sobrevivência, mas os diversos equipamentos e prédios urbanos, não têm importância, já que eles demonstram não usá-los. Na roda de conversa eles não mencionaram a universidade, o museu, a reitoria, a Praça da Gentilândia, a Igreja Nossa Senhora dos Remédios todos localizada próximos ao convento São Vicente de Paula onde Orismar e Milton almoçam todos os dias. O bairro Benfica parece passar sem importância, as ruas nem sempre são lembradas pelo nome e os prédios imponentes parecem não fazer diferença em seus trajetos. A pressa dos carros que vão passando, passando, passando como afirmou Orismar revela a lembrança de uma cidade que corre contra o relógio em contraste com as práticas pedestre dos moradores que passam silenciosos ou embriagados.

A roda de conversa transcorre. Eles se agitam, uns falam no momento do outro, riem sempre demonstrando certo humor das histórias contadas.

Os caminhos de Paulo:

Um outro morador de rua tomou a palavra na conversa. Paulo de 23 anos. Ele não frequenta a Praça da Lagoinha como os outros, mas dorme com eles todos os dias na marquise da Esmeralda juntamente com Milton, Orismar e

Valdeci. Paulo é morador de rua desde criança, ele freqüentou instituições de amparo a crianças e adolescentes e fala com propriedade dos amigos e pessoas que ele fez durante todo o tempo que foi “menino de rua”. Os amigos que ele encontrou durante sua vida, coordenadores de instituições, educadores contribuem para que ele consiga algum tipo de subsistência. Segundo ele tem sempre alguém que ajuda. Atualmente Paulo está trabalhando com um comerciante no mercado São Sebastião por intermédio de um amigo de uma Igreja a qual foi participante.

Durante a roda de conversa foi o Paulo quem mais ajudou os outros a lembrar da localização dos lugares, sabia dizer os nomes corretos das ruas, e foi o único a afirmar que entrava sem medo em alguns lugares. Tinha um tom “politizado”, isto é com certa noção de direitos. Paulo também pareceu ter mais “intimidade” com a cidade. Ele é falante, tem um tom um pouco agressivo na voz, parece inteligente e perspicaz. Ele conta com é o seu dia:

Às vezes eu me acordo cinco horas, cinco é meia e vou lá pro mercado. Agora que eu estou ajudando lá no mercado, eu passo o dia lá. Entro lá seis horas e saio seis horas da noite, às vezes sete horas. Antigamente eu não tinha nada o que fazer na rua, eu ia pro almoço, de manhã eu ia ali perto do Christos merendar lá, na Dom Manuel, eu ficava pelo Dragão do Mar, ficava assistindo filme...

Considereei estranho um morador de rua freqüentar o Dragão do Mar, mas Paulo explicou:

É de graça... lá na biblioteca, tem vários filmes, tem o filme dos trapalhões, tem o filme lá, noite de ogum, tem vários filmes lá. Agora que eu tô no mercado, quando termina duas horas eu fico por lá. Isso era antes de trabalhar no mercado (...) Eu almoço pelo mercado... Inclusive no Dragão do Mar mesmo tem um

banheiro que a turma toma banho. Eles deixam, o importante é não fazer barulho (...) Antes de eu trabalhar no mercado, eu ficava pelo Centro mesmo. Antes eu não tinha canto certo, eu andava para todo canto. Eu ia pro lado da Aldeota, ia para o parque do Cocó no Papicu, vários cantos... Às vezes eu ia de pé, ia de ônibus, ia para Messejana. (Paulo, 23)²⁰

Anda de ônibus? Pedi para Paulo Explicar melhor para onde andam quando tomam um ônibus, mas foi Cleiton quem narrou a sua façanha:

“Eu passo é o dia andando de ônibus. Pego um ônibus aqui no Centro, vou até o terminal. Começo na Parangaba, depois Messejana, vou pelo Papicu. As vezes eu desço no terminal, paro fico por lá, depois pelo outro. Não paga, né, dentro do terminal não paga passagem”.

Cleiton tem 27 anos e também faz parte do grupo de alfabetizandos. Ele se adequou ao estudo em grupo, mas tem vários conflitos. Os outros não toleram o seu jeito agressivo e introspectivo de ser. O fato de Cleiton fazer uso de remédios psiquiátricos e freqüentemente necessitar de internação faz dele diferente aos olhos do grupo.

A idéia de um morador de rua realizar um *tour* pela cidade dentro de um ônibus me interessou. Perguntei o que eles vê quando andam de ônibus. Perguntei se ficava próximo a janela, o que viam pela janela. Cleiton respondeu:

“Eu gosto de ficar na janela vendo o movimento, mas agente fica no ônibus para passar o tempo, só para passar o tempo mesmo... Não tem nada para fazer, vou é passear dentro do

²⁰ No dia em que eu gravei a roda de conversa com o grupo de alfabetização da Casa da Sopa, pedi para eles fazerem o desenho do seu percurso. Cada um desenhou para onde havia ido naquele dia, mas Paulo se recusou a participar do momento do desenho, considerou infantil.

ônibus. Acho bom... Eu vejo a rua, os carros, depende pra onde o ônibus ta indo”.

Há nessa resposta o desejo de sair, passear, mas compreendi que nas diversas empreitadas para tentar sobreviver na rua, à observância do tempo é importante. Entre um momento e outro dos horários relativos ao almoço nas irmãs e outro lugar onde eles procuram comida, banho ou uma ajuda qualquer, eles “matam” o tempo.

Espaço e tempo são indissociáveis do fazer social, como diz Castoriadis (1995), logo, o tempo também assume um caráter relacional e subjetivo. O tempo da nossa infância transcende o tempo identitário (tempo instituído, calendário). Por isso “matar” o tempo significar um modo de suportar o tédio de esperar pelos horários estabelecidos pelas intuições de apoio, como também um modo de “ganhar” tempo com inúmeras possibilidades de realizações durante o dia como fez Paulo quando não estava trabalhando ou Cícero nos trajetos rumo a sua sobrevivência.

A sobrevivência na rua não é apenas material, ter dinheiro para comer e comprar os bens necessários à existência. Sobreviver na rua inclui, principalmente, a preservação diária da vida, a defendendo corpo de possíveis ataques, a garantia da lucidez e a manutenção dos territórios já conquistados.

6.2 Percursos “delirantes”:

Durante o tempo em que estive conversando e convivendo com moradores de rua, na Casa da Sopa, no período em que realizei a pesquisa de campo, como também durante a minha pesquisa de mestrado realizada na Praça José de Alencar, sempre me impressionou os delírios de algumas pessoas que vivem nas ruas. O modo quase sempre afastado do mundo real, solitário, um olhar perdido, distante da realidade em volta. Às vezes, o tom agressivo, de quem diz o que pensa sem se preocupar com a censura dos outros, o gosto pela solidão e as

atitudes consideradas deferentes demarca o que os próprios moradores de rua definem como loucura.

Uma experiência vivida durante o período em que desenvolvi a pesquisa ilustra como aquilo que consideramos “normal” e “anormal” está numa fronteira tênue da condição humana. Conheci um morador de rua na Casa da Sopa chamado Flávio, ele trabalhava como vendedor ambulante, vendia tudo que conseguia: alho, capas para telefone celular, frutas entre outros produtos, sempre nos sinais de trânsito ou mesmo nas calçadas do Centro da Cidade.

Flávio era eloqüente, falava corretamente as palavras, tinha inclusive, certa liderança entre os demais moradores de rua que freqüentavam o almoço aos domingos na Casa da Sopa. Certa vez, numa reunião fez uma reflexão sobre a sua condição de morador de rua, dizendo que o morador de rua era “sofredor de rua”, alguém que “o governo tem que ajudar”.

Flávio desapareceu das atividades realizadas na Casa da Sopa durante alguns meses e reapareceu depois. Quando voltou estava muito magro, voz rouca, ele rangia os dentes com muita freqüência. Ele dizia “Eu vim deixar um documento aqui para vocês guardar, é um papel da caixa econômica, é um dinheiro que eu vou receber”. Não o reconheci. Ele não tinha coerência no que dizia, falava que tinha um dinheiro para receber, que agora era rico, que não era igual aos outros. Os papéis quando li percebi que eram borrões de alguma instituição bancária, não havia na realidade documentos ou dinheiro a receber.

O corpo de Flávio também se modificou, ele ficou muito mais magro, ele rangia os dentes de tal modo que fazia barulho e atrapalhava a reunião. Os outros não respeitavam o seu estado, chamando-o de louco. Tive notícia de que Flávio apanhava de moradores de rua desconhecidos, se metia em confusão, que dormia em qualquer lugar sem observar a segurança do mesmo e também que passava vários dias sem tomar banho.

Como alguém aparentemente normal pode ficar sem lucidez? Seria um surto psicótico? Refleti muito sobre o que é normal e o que não é normal, sobre a tolerância e, sobretudo sobre as diferenças entre as pessoas. Então resolvi perguntar se Flávio tinha vontade de fazer um tratamento num hospital

psiquiátrico. Ele me disse não várias vezes, mas um dia me pediu em tom desesperado que eu o levasse para um hospital. Falou que estava sofrendo, e que daquele jeito poderia morrer.

Eu já não sabia se devia me meter tanto assim na vida de uma pessoa. Sabia que Flávio não possuía parentes em Fortaleza, que ele era oriundo de Itapipoca, e não poderia ser amparado por ninguém naquele momento. Sabia também que era pai de uma menina, pois sempre se referia a ela com muita saudade, sempre me pedia roupa e alimentos para levar para ela. Dizia sentir saudades e que não tinha coragem de voltar. Então resolvi leva-lo ao hospital psiquiátrico de Messejana. Numa manhã de sábado combinei de pega-lo em frente à Casa da Sopa.

Fomos ao hospital em companhia de Leonardo, meu marido e integrante da Casa da Sopa. Levamos ao ambulatório, preenchemos papeis nos responsabilizando e deixamos nosso telefone para contatos caso o hospital desejasse falar conosco. Nesse dia fiquei com muitas dúvidas a cerca da loucura. Quem atesta que uma pessoa está louca? Os moradores de rua são pessoas com transtornos mentais? Eu não consegui conter as ondas pensamentos que me fazia questionar o papel da psiquiatria e mesmo da sociologia para compreender esse e tantos outros casos.

Lembrei do documentário “dizem que sou louco” coordenado pela psicanalista Mirian Chnaiderman e sua equipe. Ela relata como foi difícil estabelecer as diferenças entre os chamados loucos de rua, dos mendigos, dos desempregados, dos “bebum” que perambula pelas ruas²¹.

Ela conta como foi a experiência de realizar o documentário, e me ajudou a compreender mais sobre quem é o “louco de rua”:

(...) Com nossa experiência, fomos vendo que há diferença importantes - aquele que é visto como sendo “louco” anda solitário, não pede esmolas, produz sua vestimentas ou seu espaço próprios. E discriminados pelos outros moradores de rua.

²¹ CHNAIDERMAN, Mirian. Rua: Espaço de diversidade e criação. Folha de São Paulo, 19.012003, p.A3

Aprendemos que, na rua, há códigos de éticas extremamente rígidos: os moradores constituem uma estrutura comunitária de fraria e solidariedade, algo tão raro no mundo atual.”

Algum tempo depois fiquei sabendo que Flávio havia saído do hospital, mas não consegui encontra-lo. Meses depois ele apareceu na Casa da Sopa. Um estado melhor do no período em que foi internado, mas ainda bastante agitado. Quando perguntei por onde ele havia andado, ele me disse: “Andei por ai, tanto lugar, viajei meio mundo, sem ninguém, eu não vou dizer não, esses caras daqui nenhum presta, só tem vagabundo. Por que tu deixa entrar vagabundo aqui, Lídia?”

Senti uma intensa curiosidade de saber por onde Flávio andou, mas ele não sabia, ou não queria, ou mesmo não conseguia me dizer. Desisti de tentar uma entrevista, algo formal, tentei conversar com ele nos raros encontros que tínhamos na Casa da Sopa. Mas Flávio desapareceu mais uma vez, e não pude fazer nenhum outro registro.

Depois que conheci Flávio passei a observar mais os moradores de rua que vivem solitários. Encontrei vários deles, alguns consegui me aproximar, outros não consegui nenhum contato, como foi o caso da Naninha, citada em capítulo anterior, de um outro homem que cujo nome eu desconheço que permanece o dia inteiro sentado no chão, com olhar vago, sem falar com ninguém na Avenida da Universidade, próximo a parada de ônibus em frente às Casas de Cultura da Universidade Federal do Ceará, outro homem que passa o dia desmanchando os sacos de lixo procurando alguma coisa (será comida?) na rua Assunção, nas imediações da rua Clarindo de Queiroz, outro que utiliza um apito de guarda de trânsito e gesticula como se desejasse organizar o trânsito na rua Pedro Pereira.

Tantos “loucos de rua” eu vi durante a minha pesquisa. Por onde eles andam? O que fazem durante todo o dia? Como sobrevivem? Qual a sua percepção da cidade?

Um dia em especial eu consegui falar com um morador de rua que se enquadra no perfil “louco de rua”. Seu nome é Ciro, e com certa frequência tomava sopa na Casa da Sopa as sextas-feiras e por intermédio de outra pessoa de lá eu consegui o contato. Interessou-me saber a sua história e seus percursos por ser alguém que andava sozinho e dizia freqüentar as bibliotecas da cidade. Ele sempre falava dos livros que já leu e demonstrava conhecer de literatura, história e cultura geral.

Fiquei sabendo também que, pelos lugares por onde Ciro passa, pede sapatos com certa frequência. Segundo ele, os sapatos não duram muito, pois ele anda o dia inteiro. Ciro é tipicamente um andarilho, apesar de ter rumos certos.

Marcamos a entrevista numa quarta feira, dia em que funciona a aula dos alfabetizando do projeto alfabetização solidária. Quando eu chequei, ele já estava me esperando. Sentado, postura ereta, pernas cruzadas. Ele tomava um copo de sopa. Identifiquei-me e disse que há muito tempo gostaria de conversar com ele. Ele retribuiu com apenas com um aceno.

Quando fiquei mais próximo, senti um odor forte que exalava de suas roupas ou do seu corpo, um odor tão forte que me incomodou. Mesmo assim resisti. Eu já sabia que ele sempre se recusava a tomar banho na Casa da Sopa, por isso a razão de seu mau cheiro. Ciro era moreno e esquio. Quando eu perguntei a sua idade, ele não respondeu quantos anos tinha. Respondeu-me que se eu fosse por esse lado, ele não falaria comigo. Deduzi pela sua aparência que sua idade varia entre cinqüenta a sessenta anos de idade.

Sua roupa estava rasgada, um dos rasgões na calça deixa a mostra a sua genitália. Fingi não perceber. Comecei a entrevista perguntando o seu nome, idade, onde morava e com quem morava.

Ele respondeu:

“Essa pergunta ai eu não gosto de responder. Pelo seguinte motivo, na Argentina perguntaram muito, ai é muito complicado para mim ... Eu não gosto.

... No momento eu não trabalho, no momento eu to mais chegado à pesquisa, né, cultura, aí eu também, o tempo para

mim é muito difícil, né, raro. O local onde eu moro é assim um pouco incomodo, só ta servindo mesmo para eu dormir²² Como eu não gosto de ficar em casa, eu acho melhor vir aqui para o Centro. Todos os dias é de costume eu venho até a Avenida da Universidade, depois até a Antonio Sales e depois vou até a biblioteca publica, e fico o tempo todo lá...”

Pedi para ele descrever exatamente o que ele faz desde a hora que acorda até a hora de chegar de volta em casa:

Ciro: *Quando eu acordo eu procuro fazer um certo dever, né que eu tenho costume, dever de escrita. Ai eu posso perder... A escrita secreta, que eu aprendi outro idioma a muitos anos, anos atrás, então eu gosto muito de escrever. Se eu fizer esse dever em casa eu perco o local que eu vou na Avenida da Universidade. Se eu sair de casa cedo eu chego lá a tempo, mas eu chego lá a tempo com isso. Mas o que acontece é que o tempo não é favorável, porque eu passo pela biblioteca municipal na avenida da universidade, depois vou até a Antonio Sales, porque lá tem uma demora.*

Lídia: *O que o Senhor faz lá?*

Cir: *“Eu encontrei uma facilidade... lá tem um pessoal que distribui uma sopa para o pessoal, eu não sou de pedir nada a ninguém, mas é uma coisa que eles distribuem que é por conta própria, então aproveito a carona dos outros. Aquilo me ajuda, é*

²² Visitei o lugar onde o Sr. Ciro mora. É uma construção toda de madeira e papelão, próximo ao bairro Carlito Pamplona, num terreno abandonado. O lugar repleto de sucata, restos de madeira, papelão, flande, entre outros produtos. É muitíssimo pequeno, não há cama ou rede, ele disse dormir nos papelões. Não há panelas, utensílios. Num lugar apenas uma lata velha com água.

uma coisa muito boa. Eu consigo melhorar mais a situação pra eu fazer... Eu vou também até ali na Avenida da Universidade, tem umas irmãs. É uma coisa insignificante, só o tempo que se perde. Dá uns cinco quilômetros de lá onde eu saio, termino lá. Depois de uma longa espera... Depois eu vou até a biblioteca municipal. Demoro por lá, leio o jornal, posso fazer o meu dever lá mesmo, se der tempo... Depois vou até a Antonio Sales, lá tem outra demora pela tarde. De maneira que, pela demora que tem já é três horas. Quando eu chego na biblioteca publica já é tarde, o que não é conveniente, porque já é de noite”.

Lídia: *O senhor é bem recebido na biblioteca?*

Ciro: *“Eu sou bem recebido. Lá, o pessoal que serve são assim, muito áspero, mas eles tem uma certa razão, porque o pessoal que vai lá são um pouco indisciplinado, então eles tem que agir daquela maneira para poder dar certo. Enquanto lá na Antonio Sales, não eles não tem organização, às vezes dá certo, as vezes não sai....*

Ciro visita mesmo às bibliotecas publicas da cidade? De acordo com sua descrição do percurso, sim, mas as referencias de tempo estão ligadas ao trajeto que o leva até os lugares de distribuição de alimentos, isto é ele deseja chegar a tempo na distribuição de alimentos para de lá seguir até a biblioteca. Ele diz que anda cinco quilômetros quando sai de sua casa no Carlito Pamplona para chegar na hora do almoço nas irmãs Vicentinas situadas no bairro Benfica, depois do almoço vai até a biblioteca Dolor Barreira na Avenida da Universidade, para depois tomar uma sopa que é distribuída por freiras numa casa situada na

Avenida Antonio Sales às três horas da tarde. O trajeto encerra-se na biblioteca pública, de lá *Ciro* retornar para sua casa para dormir.

A casa de *Ciro* é somente uma referencia, o lugar onde ele dorme, pois o dia inteiro ele passa andando pela cidade, já que se trata de um lugar muito pequeno, e sem condição para a moradia

Sobre sua casa ele diz:

Ciro: Eu sou independente, eu não tenho mais contato com a família, não. Ai já é outro capítulo, eu procuro o melhor. Eu nasci em Fortaleza. Eu morei umas partes no interior, depois vim para cá, depois voltava para lá, passei muito tempo na Taiba. Taiba foi um dos cantos que eu gostei mais... A casa não é minha, a dona da casa foi para o interior. Na parte dela tem tudo que tem nas casas, tem luz elétrica, geladeira, televisão. A minha parte é isolada, quer dizer eu tô numa casa que não é minha, mas eu tô isolado, tenho um canto. Não tem luz, não tem água, não tem geladeira, não tem televisão, é totalmente desconfortável, mas é o que me ta servido. Eu acho melhor assim mesmo, estando só do que estar na casa dos outros, as pessoas me incomodar.

Lídia: O senhor fica lá, arma a sua redinha...?

Ciro: Interessante isso, lá não tem espaço, não tem espaço, ele se encheu com o tempo, ele é tão pequeno aí não tem mais espaço... eu durmo, não é bem numa cama, assim num papel, não é bem um colchão, ali dá para me acomodar, ali só dá para meu corpo mesmo, porque é muita coisa. Sabe, as pessoas condenam, condenam. Aquilo ali é porque ninguém ta vendo, o problema é meu não, é dos outros, os outros não sabem, então as únicas pessoas que entram lá porque são as pessoas que tem educação, que sabem se comportar, deixam as coisas como estão, é o

pessoal da saúde, mas outras pessoas não entram lá, não. Só para olhar, aí não entram... Eu prefiro está só do que mal acompanhado, porque é melhor estar bem acompanhado do que só, mas pelo comportamento, pelas pessoas que existe aqui no Ceará, é melhor está só. Eu lido com a solidão, me dou muito bem com a solidão...

O lugar onde Ciro mora, é a metade de uma casa pequena, uma casa dividida ao meio. Possui uma entrada, uma sala e um quarto, mas o espaço é completamente tomado de restos de madeira, papelão muitas latas, vasilhames de detergentes e outros produtos. Não há espaço para caminhar entre um cômodo e outro, como uma imensa sucata. Não espaço nem mesmo para uma pessoa deitar, mas no dia em que fui visitar a sua casa, ele fez questão de mostrar uns papelões onde ele diz dormir.

Ciro descreveu a sua casa do seguinte modo:

A pessoa tem que ser forte pra ter chance na vida. Quando a pessoa sucumbe à situação, aí ele tá decaído. Tem que procurar enfrentar, apesar de todas as situações, todas as dificuldades, tem que agir psicologicamente, de maneira que aquela situação ali, não sendo um tanto pessimista nas coisas, aliás, dentro da realidade, e o que eu vejo, pode ser aparência, mas é o que eu estou vendo. Eu não tenho amigos aqui no Ceará, pelo menos, se eu tivesse, já tinha ajeitado àquela parte. Porque é o seguinte, depois de amontoar essas coisas... podia até fazer uma reforma, mas acontece que tem um grande inimigo que é o inverno, e quando chove fica ruim para mim.

Lídia: O que o Sr. Tem em sua casa?

Ciro: ...São latas, tambor, mas se é ruim com elas, pior sem elas. A pessoa às vezes joga algo no mato, mas depois precisa...

Lá é desconfortável, muito desconfortável, mas para mim, ainda é melhor do que estar com pessoas.

(...) eu vou lá no Grêmio dos Ferroviários, lavo a roupa, tomo banho, aí resolvo o problema da roupa, uma vez por semana, ou no fim, ou no começo da semana. Achei muita dificuldade na água de beber, mas achei um comerciante que fornecia água, e assim toda semana eu vou buscar água, que chegue pra mim lavar o rosto, lavar as mãos e para beber.

Na questão do banho, eu não sou uma pessoa tão carente de banho, eu só tomo banho quando eu vou lavar roupa, às vezes, por causa do muito calor, eu passo uma água no corpo e passo um pano para limpar mais um pouco, mas isso quando eu chego.

Eu sei que as pessoas gostam muito de criticar... veja como é.. lá. É pequeno assim, ali é um mini-jardim, mas tá tudo amontoado, eu sei que não tá certo, mas não por que eu quero, mas a situação ficou dessa maneira... quando chove eu não posso nem escrever..."

Lidia: *O senhor tem vontade de ter uma família?*

Sr. Ciro:Eu acho muito bonito uma família unida, mas muitas vezes não acontece o que a gente quer, às vezes as coisas acontecem totalmente diferentes, não quer dizer por que é da família, que não tem alguém que inveje a pessoa e hostilize a pessoa... a maior parte dos meus parentes foram hostis, e eu me saí deles, eles não gostavam da minha cultura, porque eu sabia falar espanhol, algo de inglês, portanto eu me saí. Portanto, os

parentes não têm conhecimento da situação da casa, e os vizinhos não sabem como funciona lá, e eu não tenho contato com eles, não quero nunca precisar deles.

Mas se fosse no estrangeiro, em que as pessoas, mesmo que não fossem amigas, mas tendo outra cultura, seria muito fácil, conseguir uma escada, destelhar, colocar cimento ou asfalta para não gotejar mais, ai eu estaria em condições de arrumar, e como o japonês, em vez de crescer na horizontal, crescia na vertical.

Meu plano é o seguinte, eu queria tirar a foto do quarto, da mini-área e do mini-jardim, e essa foto, eu iria mostrar a algumas pessoas, que tivesse alguma cultura, pessoas do estrangeiro... e eu diria assim: eu posso dizer que o pessoal do AA, chegou ao “fundo do poço” usando bebida, e eu cheguei ao “fundo do poço” assim... não precisei disso, ai mostrava a foto.

A vantagem de lá é que não tem água poluída perto, tem lugares que não são tão feios, mas tem água poluída.

Um doutor me disse: rapaz por que você não ajeta isso aqui, e eu disse que enquanto não tirasse a foto, eu não ia mexer em nada... Essa situação me deprime.

Eu me adaptei aquela condição, mas eu não gosto daquela condição, na hora que eu puder mudar eu mudo.

Existe algumas explicações para o fracasso e a derrota, a vitória e o sucesso.. Às vezes o tempo faz a pessoa fracassar...

Durante a entrevista quis saber sobre a sua experiência como andarilho por outros países, já que ele havia me dito que tinha andado tanto até chegar ao exterior.

Ciro: *“Primeiro eu fui para o sul, nunca trabalhei aqui em escritório, apenas fui funcionário na cidade de Santos... eu trabalhava com uma máquina de calcular, calculava e escrevia, numa máquina importada da Suécia, era do sindicato dos estivadores. Então eu fui para o Uruguai de ônibus, passei alguns meses, passei muita dificuldade de trabalho, mas quando arranjei, consegui trabalhar na Biblioteca Pública, e depois que terminou o trabalho, eu já conhecia boa parte da cidade, e segui pra frente, meu plano era conhecer as capitais, era Buenos Aires, Santiago, depois Assunção, depois Lima, Quito, e assim conhecendo as capitais. Minha vontade era de chegar lá na Patagônia. Fui a pé, fui de ônibus, fui de todo jeito. Passei fome, não. O pessoal do estrangeiro são diferente daqui. Eu não cheguei até lá na Patagônia não, mas vou fazer ainda essa viagem, se eu conseguir, o importante é tentar, né.*

Esse homem me surpreendeu. Sua fala articulada, sua lucidez e ao mesmo tempo seus delírios fez-me pensar não somente em sua condição de pessoa errante que passa o dia andando nas bibliotecas e nos grupos assistenciais da cidade em busca de informações e de comida, mas em sua condição humana, suas experiências como pessoa. Essa condição me escapou, ele não deu detalhes sobre a sua família, sobre seus afetos. Mas concluo que Ciro foi perdendo as referências familiares, de trabalho, de amigos e tornou-se um homem sozinho.

Ciro assume sua condição, mas não tem explicações para o que ele chama de derrota. Existe uma explicação para tudo? Ciro atribui ao tempo. Ciro não é derrotado. Ele perdeu umas, mas conquistou tantas outras experiências.

Depois da entrevista eu não o vi, nem na Casa da Sopa, nem mesmo na rua, mas sei que ele anda por aí com um caderninho fazendo anotações secretas e vai sempre se alimentar nos mesmos lugares, no cainho aproveita para pesquisar em alguma biblioteca.

6.3 Percursos femininos²³

Com relação ao número de homens moradores de rua, as mulheres são minoria, mas conheci várias mulheres moradores de rua ao longo de minha trajetória como pesquisadora e como colaboradora na Casa da Sopa. Conheci a Coló, jovem que dormia na Praça da Polícia; conheci a Fatinha que sempre ficava na marquise da Samasa sob a proteção de Sr. Almeida; conheci a Célia companheira do Roberto, a dona Célia companheira do senhor Vicente, a Fátima que teve tem deve dois filhos no meio da rua; a Conceição, a Pirrita, a Elinete e outras que ao longo do meu trajeto foram e vieram.

A passagem das mulheres moradoras de rua é muitas vezes circunstancial, estando ligada aos homens com quem estão vivendo no momento, como foi o caso de Célia que namorava o senhor Vicente, e para estar ao lado dele, passava dias dormindo na rua, mesmo tendo casa e família. Também é o caso da Adriana que passava longos períodos na rua quando namorava com o Alan.

As mulheres que permanecem ligadas à rua através de seus companheiros, rompem com suas famílias, na maioria das vezes. No caso de Adriana de 23 anos, que começou a namorar com o Alan desde os dezesseis. Ela diz que passou por muitas coisas, aguentou a violência do namorado quando este estava bêbado ou drogado, sofreu quando ele esteve preso, fez um aborto. Adriana sempre morou com a tia, e mesmo esta sendo contra, já passou vários dias na rua.

No dia em que conversei com Adriana, ela já não estava morando na rua, perguntei se ela se encontrava com o Alan, ela me disse:

²³ Os dados que utilizei para escrever essa parte do trabalho é fruto minha experiência na época que distribuía sopa no Centro da Cidade. Os relatos das mulheres citados nessa parte do trabalho foram registrados durante reuniões no grupo de mulheres que funciona na Casa da Sopa. Esse grupo reúne no momento quinze mulheres em situação de rua, como também aquelas que estão saindo das ruas. Sempre uma vez por mês, o grupo discute assuntos ligados a mulher. Elas participam de oficinas, palestras e outras atividades. No intuito de ajudar aquelas que estão saindo das ruas, é doada uma cesta básica.

Eu tô trabalhando numa padaria, tô na casa de minha tia, ela tá me apoiando, mas quando eu tenho folga, eu venho aqui pro Centro para ver o Alan (...) Eu namoro com ele na Praça, as vezes quando a gente tem grana, a gente dorme no motel, depende.

Na dinâmica das mulheres na rua, há aquelas que cresceram pelo Centro Cidade, que conhecem as Praças, os lugares mais escondidos, os becos, assim como aprenderam com a vivência nas ruas, a “arte da sobrevivência”, como Fátima, 42 anos, que mora na rua desde os vinte e dois.

Ela tem dois filhos, e vive com eles nas ruas do Centro de Fortaleza. Ela diz orgulhosa: “Eu fiquei famosa, quando a Rosangela nasceu, nasceu dentro do terminal da Parangaba, passou na Barra Pesada, acho que o Brasil todo ficou sabendo o Barra Pesada, filmou, na época”.

A filha que Fátima menciona é Rosangela de doze anos. Além dela tem o Felipe de nove. Ela passa o dia com filhos, pede esmolas, procura ajuda nos grupos de apoio existentes, vive dessas ajudas. Por causa de um problema no braço, decorrente de um atropelamento, Fátima ficou sem o movimento no braço esquerdo. Além do problema no braço, Fátima tem obesidade, e por isso não trabalha.

Com ajuda das pessoas e dos grupos de apoio, ela está sempre tentando não dormir nas ruas no intuito de não “expor” seus filhos. Nesse sentido, sempre que tem dinheiro ela aluga um quartinho no Centro ou nas imediações. Esses quartinhos são cortiços, um pequeno cômodo sem nenhum conformo, o banheiro é coletivo, na maioria das vezes os inquilinos dormem no chão, sob papelões. Assim como na rua, esses lugares são potencialmente “perigosos”, se pesarmos o risco de abuso sexual, violência entre outros.

O valor do aluguel é pago todos os dias como garantia da permanência. Quando conversei com Fátima, ela havia sido despejada de um dos lugares onde estava morando no “oitão preto”, e pedia ajuda para renovar o aluguel.

Eu não posso mais dormir na rua, você tá vendo, com essa menina, ela já está ficando moça. Eu tenho medo, às vezes tem vagabundo que quer se aproveitar. Eu até chamei a polícia para ele. Foi aquele... aquele que chamam de Paulista, mas ele até me pediu desculpas, ele tava bebo, não sabia o que ele estava sabendo, eu disse que tudo bem, porque eu sei que ele não é disso. Outro dia, teve uma mulher que queria fazer num sei o que, chupar a língua dela. Eu só ouvi falar, eu tenho que me virar também, não dá pra eu ficar com eles assim, o tempo todo, né.... Eu não durmo nem um cochilo, fico só olhando. Por isso, Lídia eu tô pedindo a vocês, eu tenho que ir logo pra um quartinho.

Rosângela é uma garota linda, pele morena, olhos grandes, cabelos bem pretos. Assim como a mãe é moradora de rua, nunca teve uma casa, um quarto, gavetas para guardar roupas e nem mesmo brinquedos. Nunca foi a escola, por isso não sabe ler, nem escrever. Como narrou a sua mãe, a menina nasceu dentro de um terminal de ônibus, e desde que nasceu nunca se fixou numa casa ou num bairro sem ser o Centro da Cidade. Rosângela é alegre, abraça os colaboradores da Casa da Sopa sempre que os vê. Quando chega, acompanhada da mãe, ela pede para tomar banho e trocar de roupa.

Fátima anda o Centro e suas imediações sempre a pé, sempre com as suas crianças, nunca está sem eles. As andanças sob o sol dá uma tonalidade bronzeada a pele dos meninos, eles ficam visivelmente fatigados e sujos. Fátima diz que não tem outro jeito, que não quer sair de perto deles, nem “dar os meninos para o SOS criança”.

A história de Fátima parece com a de outras mulheres moradoras de rua. Saiu do interior, no município de Palmácia quando era adolescente. Trabalhou como doméstica, mas decidiu ir tentar a vida no Centro da Cidade. Sofreu um atropelamento há quinze anos atrás, antes do nascimento de seus filhos. A pancada ocasionou fraturas no joelho e no braço esquerdo. Ela fez várias cirurgias nas regiões atingidas, mas a ausência de um tratamento fisioterápico

acarretou no atrofiamento da musculatura. Hoje, Fátima anda, mas não tem agilidade nos movimentos da perna, e o seu braço não tem movimento.

Fátima não fala dos pais dos seus filhos, diz apenas que é um “cabra véi, malandro”. De sua mãe, ela fala com uma mágoa maior. Quando perguntei sobre onde estava a sua mãe, Fátima me respondeu:

“Minha mãe, não posso nem chamar de mãe aquela mulher de mãe, tá lá no interior, em Palmácia. Faz muito tento que eu não vejo ela, faz não sei quantos anos... A ultima vez que eu fui lá, ela me esculhambou, eu nem entrei na casa dela, ela só não disse que eu era bonita. Acho que eu não tinha coragem de fazer isso, não. Ela nunca foi mãe, acho que é ruim da cabeça, porque fazer isso com a filha...”

Fátima não sabe ler, nem escrever. Esteve sob tratamento psiquiátrico algumas vezes, como ela mesma diz: “às vezes tomo remédio controlado pra os nervos.” Afirma que quando tem muita raiva, é capaz de matar uma pessoa, diz que a sua vantagem é que não gosta de beber e nem usar drogas.

De fato, soube por intermédio de outros moradores de rua de suas “explosões”, inclusive que bateu no seu filho Felipe de nove anos com um pau e machucou o menino. Mesmo vivendo em condições precárias, sem abrigo e sem saúde para cuidar dos filhos, Fátima não quer deixá-los em abrigos para crianças e adolescentes. Ela diz que os meninos são muito apegados a ela, e ela os ama muito. De fato Felipe e Rosangela não saem de perto dela e não se relacionam com outros meninos que moram nas ruas.

Fátima fala de suas andanças pelo Centro:

Eu corro para aqui, ando para acolá, não tem rumo certo. Eu fico mais é nas praças. Tem sempre gente que ajuda, que dá alguma coisa. Eu passei um tempo vendendo desinfetante, mas é difícil, o pessoal não quer comprar, eu vendo de um real, não

apuro quase nada. Eu pequei umas roupas que o Marquinhos me deu, eu fui vender lá na Praça da Lagoinha, vendo por ai também. Eu fico também lá por perto da Praça da Polícia, ali onde fica aquela Fátima, aquela que é sapateiro (...) As vezes eu almoço, as vezes só janto. Dia de segunda eu venho tomar a merenda da Casa da Sopa, tomo um banho, os meninos trocam de roupa. São eles da Casa da Sopa que me dá uma ajudazinha, o Marquinho é quem me ajuda.

Fátima não demonstra vaidade, não gosta de se arrumar, de sapatos ou roupas, como as outras mulheres que freqüentam a Casa da Sopa. O que as mulheres mais pedem é sabonetes, escovas de dente e roupas. Quando perguntei onde tomam banho elas dizem que sempre tem um jeito, tem sempre alguém que arruma um banheiro. Deduzi que em seus trajetos diários existe um momento para tomar banho e fazer a higiene pessoal.

A história de uma outra mulher me chamou atenção, por se tratar de um percurso da mãe de um morador de rua. Seu nome é Elineuda²⁴, tem quarenta anos, é mãe de Laurenço de dezoito anos. Considerei importantes os seus trajetos porque eles perfazem os caminhos do filho. Elineuda, não se conforma em ver o filho morando nas ruas do Centro da Cidade, e por isso, sempre que ele passa algum tempo sem ir a casa, ela sai para encontrá-lo e leva-lo de volta.

Elineuda diz:

O Laurenço tem aquele jeito, mas só tem tamanho. Ele, depois que conheceu a Ceíça, ficou muito pior. Ele já era errado, usava drogas, tinha sido preso uma vez, mas eu to vendo a hora acontecer alguma coisa, uma desgraça, uma morte. Ele passou uns dias em casa porque tava com a perna engessada, por causa

²⁴ Elineuda faz parte do grupo de mulheres da Casa da Sopa. Sua entrada no grupo deu-se quando ela resolveu abrigar o filho de Conceição, que é moradora de rua e frequenta o grupo. Mensalmente, assim como as outras mulheres, recebe uma cesta básica.

de uma barroada, mas já voltou de novo. A Ceiça mete ele em confusão, outro dia eu soube que ele levou umas pauladas na cabeça por causa dela. Ele tem ciúme, eu não sei se é por causa da droga. Não sei se a senhora sabe, mas menina deles eu fiquei porque a Ceiça ia trocar a menina por cento e cinqüenta reais de pedra. O Laureço peitou a mulher, uma mulher lá do dos quartos do poupa ganha, uma dona que vende droga, aí ele levou para mim. Eu disse que eu não tenho condição de criar, mas quando eu vi a menina, que é a cara dele, eu aceitei ficar. Deus sempre dá um jeito (...) Faz três semanas que o Laureço não vai pra casa. Eu vivo dizendo, que ele não precisa ficar na rua, mas não tem jeito. Eu estou aflita, eu já vim pra banda de cá, desde sexta-feira que eu procuro. Fui lá pras bandas da Praça do Ferreira, fui lá no ponto de carro onde ele mais a Ceiça toma de conta, lá na perto da Praça do Ferreira, fui na Lagoinha, fui por aí pelas rua mesmo, mas eu não vi ele. Acontece que eu tenho que trabalhar, eu não posso vim no meio da semana. Eu tô sentindo que a Ceiça meteu ele em alguma coisa. Ela só se mete em confusão, e mete ele no meio...

Elineuda em sua fala transmite um amor que só as mães entendem. Um amor sem medidas, que compreende e tenta proteger. Laureço é tipicamente um morador de rua, dorme embaixo das marquises, faz pequenos serviços como flanelinha, é viciado em crack e frequentemente assalta para ter dinheiro, mas Elineuda acredita que pode salvar o filho, que ele pode voltar para casa. Ela se expõe na rua, vai a lugares considerados perigosos, não desiste.

Eu já chamei a polícia pro Laureço... Eu nunca tinha pisado numa delegacia, mas fiquei sabendo que ele tinha se metido com o roubo de um som, nessa época ele ainda era de menor. Pois eu agarrei ele pelo braço e disse você vai, saí

arrastando, dei nele e levei ele pra delegacia. Filho meu não rouba, ele não tem pai, só tem eu, por isso eu tenho que ter força, eu fiz o que fiz e faço de novo.

Todas moradoras de rua que conheci, tinham a sua história de vida ligada com homens também moradores de rua. Viver na rua não é fácil, e na condição de mulher se torna ainda mais difícil. Durante as rodas de conversas realizadas com os frequentadores Casa da Sopa, o assunto mulher era colocado com muita dificuldade, pois sempre havia alguma intriga entre os homens envolvendo uma mulher. Não raro, a mulher muda de parceiro, deixando alguém abandonado, o que pode ser motivo de disputa e rivalidade entre os homens.

A história de Elinete revela um pouco a “trama afetiva” na rua. Ela tem vinte e nove anos e teve quatro parceiros fixos na rua. Atualmente ela vive com Carlos que trabalha catando papelão e mora com ela num dos quatinhos alugados na Rua Padre Mororó²⁵. Elinete teve oito filhos, dos quais cinco moram com ela. São quatro meninas, uma de dez anos, outra de oito, uma de sete e uma de cinco anos e um menino de oito meses de vida. O seu filho mais novo não é filho de Carlos, mas ele diz que é como se fosse.

Um dos seus companheiros era conhecido como “pato gogo”. Elinete diz que ele era o homem mais perverso da rua. Por ter cometido um homicídio, foi preso, e quando saiu do presídio não suportou vê-la com outro homem. Em retaliação, tentou matar a própria filha de cinco anos. Para Elinete, a proteção de um homem é fundamental, apesar de seu ex-companheiro não ficar no Centro, ela tem medo de sofrer algum tipo de violência.

Elinete sempre sai com Carlos fazendo o “percurso do papelão”, buscando a sua sobrevivência e a dos filhos. O menino vai dentro da carroça, ela a pé acompanha o companheiro no seu trajeto.

²⁵ Como já foi citado anteriormente, os quatinhos são desprovidos de qualquer tipo de conforto, como Elinete não possui fogão ou qualquer outro tipo de mobília, ela passa o dia andando pelo Centro, catando materiais reciclados com o seu Marido, e faz refeições nos pontos de atendimentos a moradores de rua.

Nesse sentido, os percursos femininos de modo geral não são autônomos, elas se deslocam movidas pelos passos de seus homens, e quando andam sob seus passos, vão de encontro de novas possibilidades e novos amores.

Das mulheres que conheci na rua, nenhuma se caracterizava como prostituta, isto é não recebiam pagamentos por relações sexuais. Conheci algumas que tiveram relacionamentos com vários homens, mas se mantiveram fieis aos seus parceiros enquanto estavam com eles. A fidelidade faz parte da ética da rua. As mulheres, assim como os homens se relacionam apenas com parceiro. A infidelidade, quando acontece gera conflitos e não raro acaba em violência física.

A violência praticada pelos parceiros, principalmente aquela que ocorre no momento de embriagues, a gravidez indesejada e o conseqüente aborto são freqüentes na vida das mulheres moradoras de rua. Quando mantém a gravidez, na maioria das vezes não fazem pré-natal, e durante a gestação, ingerem drogas e bebidas alcoólicas. Quando vão parir, saem da maternidade sem nenhuma infraestrutura ou abrigo para as suas crianças. Às vezes voltam para casa de familiares na tentativa de conseguir alguma ajuda, e quando voltam não trazem consigo o seu filho.

Como na história de uma outra Conceição contada por Oliveira (2000). Na história de vida de Conceição, o filho lhe fora tirado para adoção logo quando chegou a casa, no retorno da maternidade. Conceição não desejava se separar do filho, mas ao mesmo tempo não sabia se teria condição de criar o menino, ela narra que sofreu muito, culpou a família por ter realizado a entrega de sua criança uma família sem o seu consentimento.

Diferentemente do que elas contam ser na casa de seus familiares, na rua há uma rede de ajuda entre as mulheres, sendo comum uma tomar conta do filho da outra, quando não há possibilidade de cuidar, como foi o caso de Fátima, que trabalha como engraxate na “Praça dos malandros”, que cuidou de Bruno um dos filhos de Conceição. Ângela que também é moradora de rua, frequentemente fica com os filhos de Elinete quando esta precisa se ausentar. Outro gesto que reforça

a solidariedade entre as mulheres é o ato de repartir as doações recebidas com as crianças.

Ser mãe para as mulheres que moram na rua difere dos padrões considerados normais, mesmo no caso das mulheres pobres. As mães moradoras de rua que conheci revelaram variados sentimentos com relação à maternidade, entre eles o de gratificação por ter gerado um filho, o desespero de não ter as condições necessárias para cuidar, o descaso quando entregam (às vezes trocam ou vendem como no caso de Conceição) o filho para outra pessoa criar e a naturalização da concepção quando afirmam não saber quando estão grávidas, percebendo somente quando a barriga cresce.

As crianças quando permanecem com as mães, forçam mudanças em seus percursos. Juntamente com as crianças pequenas, as mulheres realizam caminhadas em busca de sua sobrevivência. É nesse sentido, que depois da maternidade algumas mulheres moradoras de rua ficam mais centradas, abandonam os lugares onde habitualmente usam-se drogas ou bebidas alcoólicas. E por realizar novos percursos acabam se distanciando de seus parceiros.

Conclusão

Para concluir esse trabalho, retomo as várias histórias que ouvi, cada uma com sua particularidade. Cada pessoa que vive na rua é única, fez um trajeto, que também é único. Apesar de distinto, o singular e o ritmo frenético dos acontecimentos na rua não colidiram, o singular é parte do cotidiano com um todo.

Sobre o cotidiano, Transcrevo aqui o disse Thuillier no prefácio de *Pour une histoire du quotidien au XIX siècle en Nivernais* citada por Luce Giarde (1997 p.31):

‘O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia a pós dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. Todo dia pela manhã, aquilo que assumimos ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou naquela condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este ‘mundo memória’. É um mundo que amamos profundamente, memórias olfativas, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história ‘irracional’, ou

desta 'não história', como diz ainda A. Dupront, O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível...'

A minha intenção foi reter a história do cotidiano, captando os elementos que compõe a rua, os trajetos individuais, porque as vidas e os trajetos é parte de um tempo, de um momento específico, que é a história ordinária da cidade. Se os acontecimentos da rua são intensos, fragmentários e fugidios, a vida de quem mora nela acompanha o seu ritmo, sua memória é topográfica, marcada no corpo, é levada para onde for, para outros caminhos, tecendo outras histórias.

A vida e os trajetos de cada morador de rua não podem ser separados do cotidiano da cidade, porque a rua ao mesmo tempo é uma parte da cidade e revela a sua face, sua natureza, o seu todo.

Posso afirmar que a rua é um microcosmo composto de várias vidas. A rua possui uma ambigüidade, ao mesmo tempo em que é espaço de circulação de uma multidão de transeuntes anônimos, que simplesmente passam com gestos silenciosos e ao mesmo tempo apressados, é também um lugar de um sujeito, podendo ser uma moradia, um abrigo para dormir, entre outros. A rua é um “lugar antropológico”, com pensou Auge (1994). O “lugar antropológico” é uma construção concreta ou simbólica dotada de sentido e de singularidade. Para ele o lugar antropológico é identitário, relacionais e históricos.

De Certeau (1996) quando distingue lugar e espaço, vai ressaltar a singularidade do lugar, uma unicidade que a princípio não possui movimento, o lugar é permanente, e por isso é detentor de memória e de história. Cada corpo ocupa o seu lugar no espaço, e o espaço ao contrário do lugar, “é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de acontecimentos que aí se desdobram (...) em suma, o espaço é um lugar praticado” (p. 202).

A casa de Maria, citada no segundo capítulo, por exemplo, é um lugar dentro de um espaço de intensa profusão que é a rua, são realidades sobrepostas, entrecruzando o universo de quem habita a rua, com a própria dinâmica da cidade e de seus espaços, dos transeuntes que passam na calçada...

A localização do morador de rua se dá a partir da posição de seu corpo no espaço. As experiências no corpo seja ele o corpo “cabide”, o corpo “caracol”, o corpo “dissolvente” são metáforas que revelam as histórias, a sociabilidade e os usos específicos no espaço. O corpo é catalisador das práticas, demarcando também as fronteiras entre um indivíduo e outro. Nesse sentido, é através do corpo que se percebe a diferença entre os moradores de rua e os outros atores que ocupam o espaço do centro, como os desempregados, prostitutas, boêmios entre outros.

Assim como há fronteiras demarcadas no território físico, espacial que separa e divide, o corpo estabelece fronteiras num nível simbólico. É o gesto, o cheiro específico, um modo de se vestir que os diferenciam e demarcam a sua presença no espaço e as diferenças.

O corpo, além de ser o suporte e fronteira de uma sociabilidade específica, ele deixa rastros. Os rastros são sinais, marcas deixadas pelo caminhante, indícios de sua passagem por um determinado espaço. O morador de rua modifica o ambiente, altera a paisagem quando passa. Os seus rastros são fragmentos de sua sociabilidade, podendo ser restos de comida, roupas, litros vazios de bebidas, pedaços de papelões, restos de alguma mobília velha etc. São sempre pedaços de coisas deixadas ao longo do caminho, pois o morador de rua está constantemente aproveitando os “detritos” deixados pela sociedade de consumo.

Os moradores de rua na maioria das vezes não estão parados num território fixo, ao contrário estão interligados ao ritmo da cidade. No Centro, os moradores de rua fazem parte da imensa teia formada por atores sociais que circulam e ocupam os vários lugares numa geometria de pontos de inserção, roteiros, caminhos, percursos que os conduzem para os lugares de concentração ou “pontos nodais”. Esses pontos são as praças, mercados, Igrejas entre outros.

Nos “pontos nodais”, onde se aglomera uma diversidade de atores sociais, as práticas sociais comuns, chamadas por Ferrara (1994) de “usanças” propicia uma tipo de sociabilidade. Percebi essa realidade observando a Praça José de Alencar, considerada um “ponto nodal”. Essa praça concentra moradores

de rua, vendedores ambulantes, prostitutas, desempregados que buscam passar o tempo, artistas populares, religiosos que se deslocam de lugares diferentes da cidade e ali se aglomeram.

O tempo na Praça José de Alencar é vivido com muita informalidade, é o tempo da apresentação, o tempo de formar uma “roda de pessoas”, tempo de dormir em pleno meio dia, o tempo de engraxar um sapato. A Praça é um reservatório de uma outra cultura, porque não dizer de uma outra urbanidade, onde as pessoas são mais livres para criar e recriar espaços e práticas sociais.

Na teia de relações existente na Praça José de Alencar, é possível encontrar uma hierarquização entre os personagens. Cada um deseja preservar o seu território e, com isso, ser mais visto, vender mais ou mesmo, ter o direito de permanecer. No entanto, existe na Praça uma relação de cumplicidade, acordando os momentos diversos, seja para se apresentar, seja para ocupar determinado território.

Nesse sentido, podemos falar em uma “democratização” do espaço, capaz de abrigar as diferenças. O pastor trabalha ao lado da prostituta, o menino de rua dorme em frente ao teatro, o morador de rua conversa com ambulante. Não que não haja conflito entre os moradores de rua e outros atores sociais que compõe o universo da rua, mas “a rua é para todos”, como me disse uma vez um habitante da Praça José de Alencar.

Os conflitos fazem parte da relação, são constantes e inevitáveis. Muitas vezes, por não enquadrar-se na lógica do trabalho, que disciplina os corpos e as mentes, os moradores de rua são qualificados como “vagabundos” e “marginais”. Outra razão é o constante consumo de álcool e de drogas, que potencializam as diferenças entre os moradores de rua de outros ocupantes dos vários espaços do Centro.

As histórias de vida dos moradores de rua, apesar de únicas, guardam algumas semelhanças entre si, uma delas é o fato de desejar mudar a situação, seja porque entrou em conflito com os seus familiares, ou por uma forte ruptura íntima, como no caso das decepções amorosas ou perda de entes queridos. Essa

característica faz dos moradores de rua uma pessoa que deixou para trás uma história para construir outra, noutra universo, como outras referencias sociais.

O deslocamento de sua casa para rua, que é constituído de uma saída e um trajeto, leva o morador de rua a um universo, o inseri numa “cultura de rua”. Da saída de sua casa até chegar à rua, ele cruza com outras histórias que estão em construção, assim como o trajeto de tantos outros personagens da cidade.

Pois a cidade é composta de vários percursos, como foi dito no inicio desse trabalho. O percurso da dona de casa, do carteiro, dos estudantes, do consumidor, do trabalhador, dos manifestantes e de tantos outros atores que a compõe. Nesse cruzamento o caminhante simplesmente passa, carregando consigo os seus referenciais sociais, seu universo. Apesar de ser diferentes, com corpo não sutil, ele é invisível aos olhos dos outros, principalmente se andam sozinhos.

Quando andam em “bandos”, eles são notados e muitas vezes temidos. O “bando” é frequentemente comparado a “gangue” como tornou-se conhecido os jovens que andam em grupo, criando uma identidade territorial na cidade com pensou Diógenes (1998). Vale salientar que o bando potencializa uma energia, fortalecendo a identidade de ser de rua, de uma “contra cultura” que distingue o morador de rua do “cidadão comum”, de um homem pobre, com vestes simples que passe na rua. Nessa perspectiva, o morador de rua vai de encontro aos padrões civilizatórios que enquadra os indivíduos em leis e gestos considerados apropriados.

Vários moradores me dizem, “eu ando sozinho, não gosto de andar com os outros”. Andar sozinho é a garantia de sua “invisibilidade”, de sua passagem sem restrição em alguns lugares da cidade. Andar sozinho também evita os conflitos comuns entre eles, principalmente nos momentos da “roda de cachaça” ou na batalha para conseguir drogas.

Matar ou morrer estão numa fronteira tênue. Com se a morte fosse sempre esperada, de algum modo. É normal quando um morador de rua passa muito tempo sem aparecer considera-lo morto. O boato corre, e, de boca em boca,

a história da possível morte ganhe sentido de realidade. Até que a pessoa sumida reaparece e desfaz o mal entendido. É quase como uma ressuscitação.

O morador de rua durante as suas andanças pela cidade, e está sujeito aos interstícios dos acontecimentos diários. Retomo aqui a noção de cotidiano como sendo fragmentário e fugidio. Os acontecimentos de vida, de morte, de amor, de consenso ou de dissenso são partes do mesmo tempo, o tempo de agora, desse instante. As inúmeras coisas que acontecem estão separadas pelo espaço, e conseqüentemente pelo seu tempo particular.

Por isso é tão difícil concluir esse trabalho, porque enquanto eu escrevo as suas histórias, elas estão mudando, já não são mais as mesmas, tomaram outro rumo, com tudo na vida. A casa de Maria, que há anos se localizou na Rua Barão do Rio Branco com Rua São Paulo, como afirmei em capítulos anteriores deixou de existir nesse lugar, hoje a moradora de rua que construiu uma casa territorializando um parte da calçada, está morando na Rua Assunção, próximo ao prédio do Banco do Nordeste; Ribamar que disse está “aposentado do tempo”, se aposentou de fato, morreu, deixando comigo sua história; Cícero está abrigado na Toca de Assis depois de sofrer um atropelamento e ter fraturado a perna; Elinete se separou de Carlos, e agora está sozinha com seus filhos mendigando nas ruas e praças do Centro.

Cada história se diluiu no todo da cidade, dissolveu no fluxo de tantos outros trajetos que os levam para várias cidades, novos caminhos, outras direções.

BIBLIOGRAFIA

ADAD, Shara Jane Costa. Corpo juvenil: dissolvência e excesso pelas ruas da cidade. In: DAMASCENO, Maria Nobre; MATOS, Kelma Socorro Lopes; VASCONCELOS, José Gerardo. (Orgs.). *Trajetórias da juventude*. Fortaleza: LCR, 2001.

ARAÚJO, Maria Neyara de Oliveira. *A miséria e os dias* – história da mendicância no Ceará. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

AUGÉ, Marc. *Não lugares*. São Paulo: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Coleção os Pensadores.

BENJAMIM, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1975.

BIGAL, Solange. *Vitrina: do outro lado do invisível*. São Paulo: Nobel, 2001.

BOLLE, Willi. O centro da cidade como personagem de ficção. In: *Espaço & Debates*. Revista de Estudos Regionais e Urbanos, São Paulo, n. 17, ano VI, 1986.

BOSSI, Ecléa. *Memória e sociedade* – lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1983.

BURSZTYN, Marcel. Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão – O caso das populações de rua. In: _____. *No meio da rua*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

_____. Vira Mundo e “rola-bostas”. In: _____. *No meio da rua*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica*. 2 ed. São Paulo: Nobel, 1997

CARVALHO, Eleuda. Naninha da Treze. *O POVO*. p. 1, 29 nov. 2001. Caderno Vida e Arte.

_____. Eleuda. Por onde anda Naninha? *O POVO*. p .6, 28 jan. 2005. Opinião.

CASTORIADES, Cornélio. Tempo e criação. In: _____. *As encruzilhadas do labirinto III – o mundo fragmentado*. São Paulo: Ed. Paz e terra, 1992.

CHNAIDERMAN, Mirian; HALLACK, Regina. Estranhas urbanidades. In: MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). *Na sombra da cidade*. São Paulo: Escuta, 1995.

CHNAIDERMAN, Mirian. Rua, espaço de diversidade e criação. *Folha de São Paulo*, p A3, 19 jan. 2003.

CORREIA, Roberto Lobato. *Geografia, conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1995.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

_____. *O que faz o brasil, Brasil?* 12. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar e cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

DESCAMPS, Marc-Alain. *L'invention du corps*. Paris: PUF, 1986, cap. 1.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. *Cartografias da Cultura e da Violência – gangues, galeras e o movimento hip hop*. São Paulo: Annablume, 1998.

_____. *Itinerários de corpos juvenis: O tatame, o jogo e o baile*. São Paulo: Annablume. 2003.

D'INCAO, Maria Ângela. Modos de ser e de viver: a sociabilidade urbana. In: Dossiê Modos de Vida. *Revista Tempo Social*, São Paulo: USP, v. 4, 1992.

DURHAN, Eunice R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. In: CARDOSO, Ruth. *A aventura antropológica*. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

ESCOREL, Sarah. *Trajetórias de Exclusão Social*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

FERRARA, Lucrecia Daléssio. *O olhar periférico*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. *Os significados urbanos*. São Paulo: Edusp, 2000

_____. *Ver a cidade*. São Paulo: Nobel, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. *O saber local*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEREMEK, Bronislaw. *Os filhos de Caim – vagabundos e miseráveis na literatura europeia (1400 – 1700)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GUEDES, Mardônio. Pelas ruas e pensões: o meretrício em Fortaleza (1930-1945). In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.). *Gênero*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002. Coleção Fortaleza: história e cotidiano.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo. Edições Loyola, 1992

JAPIASSU, Hilton. *Nascimento e morte das ciências humanas*. Petrópolis: Vozes, 1986.

LE BRETON, David.. *Antropologia do corpo e modernidade*. Trad. Abel Castro. 2001. Mimeo.

LEÃO, Andréia Borges. *Batman – o retorno da violência na ordem e na desordem*. In: *Revista de Ciências Sociais*, v. XXIII e XXIV, n. 1 e 2, 1992 e 1993.

LEFEBRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Documento, 1969.

MAFFESOLI, Michel. *Dinâmica da violência*. São Paulo: Vértice, 1987.

MAGALHÃES, Maria Cristina Rios. Que outro é este?. In: _____. *Na sombra da cidade*. São Paulo: Escuta, 1995.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilia de Lucca. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, 2002.

_____. *Rua: símbolo e suporte da experiência urbana*. Disponível em: <http://www.aguafonte.com/antropologia/rua_1.html. Acesso em: 10 abr. 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In: ZALUAR, Alba (Org.). *Desvendando máscaras sociais*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

MAUTNER, Anna Verônica. A sombra das cidades ou vivendo dos excessos. In: MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). *Na sombra da cidade*. São Paulo: Escuta, 1995.

NADDAF, Ana. A mulher que virou croqui. *O POVO*. p. 07, 29 nov. 2001. Caderno Vida e Arte.

NEVES, Delma Pessanha. *Os miseráveis e a ocupação dos espaços públicos*. In: Espaço público, questão de método. *Cadernos do CRH*, Salvador, n. 30/31, jan./dez. 1999.

NEVES, Frederico de Castro. A Seca e a cidade: a formação da pobreza urbana em Fortaleza (1880-1900). In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.). *Seca*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002. Coleção Fortaleza: história e cotidiano.

PERLONGER, Nestor. Territórios Marginais. In: MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). *Na sombra da cidade*. São Paulo: Escuta, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Os pobres na cidade*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

PIMENTEL, Lídia Valesca. Praça José de Alencar: Pedacos da Cidade Palco de Vidas. In: SOUZA, Simone, NEVES, Frederico. *Comportamento*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002. Coleção Fortaleza: cidade e cotidiano.

PINSK, Jaime. *As primeiras civilizações*. 7. ed. São Paulo: Atual, 1990.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque – Reformas Urbanas e Controle Social 1860-1930*. 3. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2001.

PRATES, Jane Cruz; REIS, Carlos Nelson; ABREU, Paulo Belmonte de. Metodologia de pesquisa para populações de rua: alternativas de enfrentamento pelo Poder Local. In: Comunicação de Pesquisa. Serviço Social & Sociedade. n. 64, ano XXI, nov. 2000.

RAFASTEIN, Claude. *O que é território*. In: _____. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RIOS, Kênia Sousa. A cidade cercada: festa e isolamento na seca de 1932. In: SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.). *Seca*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. Coleção Fortaleza: história e cotidiano.

SANTOS, Carlos Nelson. *A cidade como um jogo de cartas*. São Paulo: EDUFF, 1982.

_____. *Quando a rua vira casa*. São Paulo: FINEP/IBAM, 1985.

SARMIENTO, Lúdia; CAPELO FILHO, José. *Fortaleza, praças, parques e monumentos*. Fortaleza: FUNCET/Secretaria de Esporte e Turismo, 2000.

SENNET, Richard. *O declínio do homem público – as tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Gilberto (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: FERNANDES, Florestan (Coord.); MORAIS FILHO, Evaristo (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

SMITH, Neil. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES, Antônio A. *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

SOARES, Luis Carlos. Por uma genealogia da noite na cultura ocidental. In: NADARI, Eunice; PEDRO, Joana Maria; GRICOLI, Zilda Maria. *História: Fronteiras*. XX Simpósio Nacional da ANPUH, v. II.

VIEIRA, Maria Antonieta da C. *A rua como alternativa de moradia e sobrevivência*. São Paulo: Travessia, 1992.

VIEIRA, Tanísio. Seca e disciplina e urbanização: Fortaleza – 1865/1879. In: SOUZA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (Orgs.). *Fortaleza: história e cotidiano*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

ZUKIM, Sharon. Paisagens pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: ARANTES, Antônio A. (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000.

